



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Ciência da Informação (FCI)
Bacharelado em Biblioteconomia

VINÍCIUS FARIAS DA SILVA

**O papel do *e-book reader* no presente e no futuro das
bibliotecas**

Brasília
Fevereiro, 2011

VINÍCIUS FARIAS DA SILVA

**O papel do *e-book reader* no presente e no futuro das
bibliotecas**

Monografia apresentada ao Departamento de Ciência da
Informação da Universidade de Brasília (UnB) como
requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharel em
Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio de Brito

Brasília
Fevereiro, 2011

S586p

FARIAS DA SILVA, Vinícius

O papel do *e-book reader* no presente e no futuro das bibliotecas / Vinícius Farias da Silva. – Brasília, 2010.

120 p.

Monografia de Graduação em Biblioteconomia – Universidade de Brasília (UnB), 2011.

Orientador: Prof. Dr. Marcílio de Brito

Inclui Bibliografia

1. *E-book readers*.
2. Rotina bibliotecária.
3. Empréstimo.
4. Bibliotecas

CDD: 020

CDU: 027

FOLHA DE APROVAÇÃO

Vinícius Farias da Silva

O papel do *e-book reader* no presente e no futuro das bibliotecas.

Aprovado em: 08/02/2011

Banca Examinadora:

Marcílio de Brito (orientador)
Professor da Faculdade de Ciência da Informação

Dulce Maria Batista
Professora da Faculdade de Ciência da Informação

Elmira Luzia Melo Soares Simeão
Professora da Faculdade de Ciência da Informação

Conceito Final: _____

Brasília, DF
Fevereiro, 2011

DEDICATÓRIA

A todos os bibliotecários que trabalham arduamente para tirar o povo da ignorância. Ainda que às vezes faltem os recursos necessários ou o ânimo diante dos estereótipos impensados, estes profissionais buscam sempre retirar o melhor das coisas.

Deve-se lembrar que este profissional existe para o serviço da informação desde tempos imemoriais. Passando pelas antigas bibliotecas gregas ao zelo do monge que catalogava e preservava um manuscrito original, vemos a tentativa daqueles que, cuidando do passado, pensavam um futuro brilhante para nossa sociedade.

Dedico este trabalho sobretudo àqueles bibliotecários que amam o seu trabalho e fazem de tudo para provar que a biblioteca tornou-se um espaço pequeno para seus ideais.

AGRADECIMENTOS

À Deus por ter me dado forças, ânimo e inspiração durante a minha jornada acadêmica.

À Santa e amada Igreja Católica que, como mãe me proporcionou anos de renovação espiritual por meio das missas diárias na UnB.

Aos meus familiares por todo o apoio, carinho e compreensão durante estes longos anos de estudo.

Ao meu orientador Marcílio de Brito pela generosidade em dizer “sim” no momento que mais precisei. Este excelente professor soube como ninguém compreender meus altos e baixos durante a realização deste trabalho. Louvo suas inúmeras “sacadas” de mestre sem as quais não teria feito este trabalho.

À todos os colegas da graduação, seja da pedagogia ou da biblioteconomia, por terem sido tão acolhedores e amáveis durante o período em que estive na UnB.

“O que são as palavras postas em um livro? O que são esses símbolos mortos? Nada absolutamente. O que é um livro se não o abrimos? É simplesmente um cubo de papel e couro, com folhas; mas se o lemos acontece algo estranho, creio que muda a cada vez”.

(Jorge Luis Borges)

RESUMO

Esta pesquisa busca analisar, por meio do estudo de caso do Kindle, da Amazon, os impactos dos *e-book readers* no contexto da biblioteca tradicional. Diversas unidades de informação pelo mundo já têm adotado estes dispositivos. Algumas com sucesso, outras não. Para efetivar o tratamento da informação disponível nos *e-book readers*, deve-se mostrar primeiramente que algumas alterações nas rotinas bibliotecárias deverão ser feitas. Tendo isto em conta, procura-se encontrar respostas para algumas questões pertinentes ao tema, tais quais: sob que condições uma biblioteca deve adotar ou não um *e-book reader*? De que forma esta decisão afetaria o processo da seleção, da aquisição, da catalogação, da referência? Qual seria o impacto econômico-orçamentário na biblioteca ao adotar *e-book readers*? Existiriam violações de direito autoral no empréstimo destes livros? De que formas estes dispositivos poderiam se inserir num programa de leitura? Por meio da análise de um estudo de caso, estes temas serão abordados aqui sob a perspectiva de bibliotecas e bibliotecários brasileiros.

Palavras-chave: *e-book readers*. Rotina bibliotecária. Empréstimo. Bibliotecas.

ABSTRACT

This memoir intends to analyse, through the Amazon's Kindle case, the impacts of e-books readers into the traditional libraries' context. It seeks to find out answers to some questions related to: Under what conditions should libraries adopt e-book readers? In which ways such decision would affect selection, acquisition, cataloguing and reference processes? What would change in libraries' budget? Would there be any authorial rights violation in that? In which ways these devices could be inserted in a reading program?

These reading devices have been adopted by many information units around the world. Some of them succeed, others don't. To contemporize librarians' information processing routines dealing with e-book readers, it is necessary, first of all, to realize that some changes in librarian's routine have to be done. Using the technique of case analysis these issues are treated here under the perspective of Brazilian libraries and librarians.

Keywords: Kindle, e-book readers. Librarian's routine. Loan. Library. Digital literacy.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - O computador (suporte informacional).....	27
Figura 2 - Funcionamento da tecnologia e-ink:.....	38
Figura 3 - Volume global de negócios na indústria da música.....	43
Figura 4 - Venda de livros eletrônicos no comércio varejista dos Estados Unidos	44
Figura 5 - Penetração de tablets e <i>e-book readers</i> (2010-2012).....	45
Figura 6 - Número total de livros lidos por <i>e-book reader</i>	47
Figura 7 - Benefícios dos <i>e-books</i>	49
Figura 8 - Qual gênero de literatura você estaria mais disposto a ler no formato digital em lugar do impresso.	50
Figura 9 - Conteúdo para cada consumidor de jornais online pagos hoje	51
Figura 10 - Visão frontal – kindle 1.....	57
Figura 11 - Qual dos seguintes <i>e-book readers</i> você possui atualmente?	58
Figura 12 - Visão frontal : Kindle 2 e 3.....	58
Figura 13 - Formulário para lista de espera	74
Figura 14 - Descrição bibliográfica do livro Sources in the history of the modern Middle East.....	75
Figura 15 - Distribuição de dispositivos disponíveis.....	75
Figura 16 - Registro bibliográfico do livro 3 Willows	78
Figura 17 - Divulgação da implantação do serviço nas bibliotecas.....	79
Figura 18 - Divulgação do serviço prestado aos usuários	79
Figura 19 - Print screen do processo de empréstimo de <i>e-books</i>	87
Figura 20 - Empréstimo de <i>e-books</i> na Amazon	88
Figura 21 - Registros bibliográficos do livro Catacombs	92
Figura 22 - Redução de custos de <i>e-books</i> x livros impressos	95
Figura 23 - Operações básicas de uma biblioteca aplicadas ao empréstimo de dispositivos e <i>e-books</i>	97
Figura 24 - Página de divulgação do serviço de empréstimo do Kindle	99
Figura 25 - Sistema de distribuição de <i>e-books</i> por dispositivos.....	99
Figura 26 - Banner de divulgação do serviço de empréstimo do Kindle.....	101
Figura 27 - Empréstimo de <i>e-book readers</i> kindle	103

LISTA DE Quadros

Quadro 1 - Comparativo de preço entre formatos impresso vs Kindle	40
Quadro 2 - Quadro comparativo entre <i>e-book</i> readers 2011.....	59
Quadro 3 - Principais serviços da biblioteca descritos por Costa (2007)	68
Quadro 4 - Organização de acervo	104

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Abreviaturas:

a. C.: antes de Cristo

I.e.: isto é

Siglas:

AACR – Anglo-American Cataloguing Rules

ABNT – Associação Brasileira de Normas Técnicas

CEO – Chief Executive Officer

DVD – Digital Vídeo Disc

EUA- Estados Unidos da América

GB - Gigabyte

MARC – Machine Readable Cataloguing

PDA - Personal Digital Assistant

ILS – Integrated Library System

DRM – Digital Rights Management

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

NBR – Norma Brasileira

CD – Compact Disc

ICMS – Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Preservação de Serviços

TXT – Text

RTF – Rich Text Format

HTML – Hypertext Markup Language

JPG – Joint Photographic Group

GIF – Graphic Interchange Format

PNG – Portable Network Graphics

BMP – Bitmap

VHS – Video Home System

OPAC – Online Public Access Catalog

A&M – Agricultural & Mechanical

SUMARIO

1	Introdução.....	15
2	Justificativa:	17
3	Problema:	18
4	Objetivos	19
4.1	Objetivo geral:	19
4.2	Objetivos específicos:	19
5	Metodologia:	19
6	Revisão de literatura.....	20
6.1	A crise do livro	20
6.2	Conceitos básicos.....	22
6.2.1	O que é o Documento?	22
6.2.2	O que é a Informação?.....	24
6.2.3	Suporte - base para a informação.....	26
6.2.4	Tipos de Suporte – Recapitulação	28
6.2.5	Livro impresso e eletrônico	33
7	O que são <i>e-book readers</i> – conceitos e características	36
7.1	Portabilidade:	36
7.2	Tecnologia	38
7.3	Praticidade	41
8	Cenário do livro digital e das plataformas de leitura	42
8.1	As principais versões do Kindle – 1, 2 e 3.....	54
8.1.1	Kindles 2 e 3	57
9	Atividades básicas da rotina bibliotecária.....	61
9.1	Serviços-meio:	63
9.2	Serviços-fim.....	66
10	Alguns casos de uso de <i>e-book readers</i> em bibliotecas	69
10.1	Um livro, um usuário – questões autorais	80
10.1.1	Resumo histórico:	80
10.1.2	Direito autoral e o empréstimo de livros:	82
10.2	Análise e prognóstico do uso de e-readers por bibliotecários.....	85
10.2.1	A escolha do <i>e-book reader</i>	86

10.2.2	Seleção de documentos	89
10.2.3	Processos técnicos	91
10.2.4	Referência	93
11	Análise de estudo de caso - Empréstimo do Kindle nas bibliotecas da Universidade A&M do Texas.....	96
11.1	Políticas gerais:	98
11.1.1	Empréstimo:.....	98
11.1.2	Catálogo:	99
11.1.3	Aquisição de documentos:.....	100
11.1.4	Marketing do serviço:	100
11.2	Resultados:	101
11.2.1	Popularidade:	101
11.2.2	Gêneros mais populares	102
11.2.3	Avaliação do projeto:.....	104
12	Conclusão	105
13	Bibliografia.....	110

1 Introdução

“Não empreste seus livros: ninguém jamais os devolverá. Os únicos livros que tenho em minha biblioteca são livros que me foram emprestados.”
[Anatole France]

Dentre as muitas generalizações que existem, uma delas é muito certa: todos precisam de um lar. Desde as minúsculas formigas ao ser humano, é comum que se crie um laço afetivo com o local que se dorme, que se reproduz, que a prole é criada. Existem personagens que também não vivem sem seu lar. Eles se chamam informações. Cada informação nasce pelas mãos de pais muito sábios. As mentes destes pais são incríveis, capazes de criar o inimaginável. Dentre outras coisas criadas, estes pais criam informações, que têm destinos próprios. O destino de cada informação, se bem cumprido é gerar novas informações. Assim, tornando-se co-criadoras. Dizem que as informações se parecem com os caracóis. Sua casa sempre andou com seu dono de modo inseparável. Porém há uma diferença crucial nesta história. As casas das informações são muito importantes para que a missão de cada informação seja devidamente cumprida e para que seus criadores sejam conhecidos. Assim como as casas dos homens passaram por modificações ao longo dos séculos, assim também ocorreu com as casas das informações. Estas casas se chamam suportes e já foram de pedra, de barro e até mesmo de peles de animais! Recentemente surgiu um novo tipo de informação. Esta informação não tem casa definida. Ela vive em constante mudança de acordo com a necessidade. Um dia está num computador, outro dia em outro... Porém o computador, a mais moderna das casas, nem sempre é um lugar muito agradável para que as mais complexas informações sejam utilizadas nesta tarefa criadora.

Esta fábula diz um pouco sobre a forma como a informação tem sido transmitida ao longo da história. Atualmente a informação é transmitida de pessoa a pessoa numa velocidade como nunca se viu. O *e-book reader* se propõe a ser mais uma destas inúmeras “moradias” pela qual a informação passa para ser entendida e apreendida. Não discutiremos aqui se é o meio mais adequado ou se será o último (provavelmente não). A questão é que diversos bibliotecários têm encontrado nestes dispositivos o caminho para que as informações estejam novamente cumprindo as

missões para as quais foram criadas: sanar necessidades informacionais e gerar novos conhecimentos.

Este trabalho mostra que os *e-book readers* têm sido alvo de estudos em outros países e que existem projeções de crescimento para o uso destes dispositivos em bibliotecas. Diríamos que, pelas experiências coletadas, estes *devices* podem ser tranquilamente inseridos no contexto e na rotina das bibliotecas. Muitos bibliotecários podem estar receosos de estar usando uma tecnologia que pode não ser mais que um suspiro efêmero na história da biblioteconomia.

Por outro lado, alguns projetos piloto como o das bibliotecas da Universidade A&M do Texas mostram que vale a pena testar as possibilidades destas ferramentas, ainda que cheguemos à conclusão de que tudo deveria ter sido feito de forma diferente. No Brasil, há raríssimas experiências e estudos acadêmicos neste sentido. Pensamos que a situação econômica em que se encontra este país já não é mais justificativa plausível para se ignorar algo que pode afetar tão significativamente o ensino e a leitura.

Discussões sobre o fim do livro impresso estão se tornando algo tão kitsch quanto saber se o ovo veio antes da galinha. Algumas bibliotecas norte-americanas estão ganhando mais e mais usuários por meio do empréstimo de equipamentos eletrônicos. Não que esse seja ou esteja se tornando o escopo básico da biblioteca. Entretanto, cumpre-se assim o objetivo da biblioteca de difundir a informação - que já não está mais somente no livro, além de servir de vitrine para outros produtos e serviços oferecidos.

Veremos que alguns conceitos tradicionais na biblioteconomia nem sempre abarcam todos os tipos de documentos com os quais o bibliotecário já está acostumado a lidar. Estes novos objetos passíveis de serem utilizados pelo bibliotecário trazem à tona a formação destes profissionais. Será que os bibliotecários estão sendo formados para lidar com este novo contexto?

Entendemos que estamos em um momento de mudanças. Adotar ou não um *e-book reader*? Como seria a seleção, a aquisição, a catalogação, a referência? Quanto à biblioteca, estaria economizando ao adotar *e-book readers*? Existiriam violações de direito autoral no empréstimo destes livros? Quais são as formas de inserir estes dispositivos num programa de leitura?

Provavelmente muitos bibliotecários nunca tenham pensado em questões como essas. Veremos que estes dispositivos não estão tendo uma entrada efetiva no Brasil

por causa das altas taxas alfandegárias. No entanto, um advogado conseguiu recentemente provar na justiça que um *e-book reader* seria um livro, portanto isento de impostos de importação. Ainda assim, este caso não modificou as regras. Se esta for mesmo uma boa opção para as bibliotecas e os bibliotecários, talvez seja uma boa oportunidade de estes profissionais se organizarem para viabilizar a importação e conseqüente fabricação nacional destes dispositivos. Mas no meio disso tudo, caberia questionar: seria um *e-book reader* realmente um livro?

2 Justificativa:

O tema dos livros digitais tem sido recorrente na maioria dos Meios de Comunicação de Massa. Rotineiramente, põe-se a figura do livro tradicional em cheque, i.e.: “O livro vai morrer? Machado acha que esta é uma questão que depende de outra: o que é o livro?” (MACHADO, 1994). Por esta razão, questionamentos como estes têm sido objeto de preocupação a afetar muitos atores. Sobretudo tal temática tem sido parcamente discutida no Brasil ainda que as vendas dos *e-book readers* estejam vivendo um recente “boom” de vendas pelo mundo (BEHAR, 2010). De acordo com o CEO da Amazon, Jeff Bezos, “Milhões têm Kindles agora”. Isto dá uma pequena estimativa das vendas já que a Amazon não divulga o número total de dispositivos vendidos. (INFORMATION WEEK, 2010).

Tanto a biblioteconomia como a ciência da informação podem auxiliar no direcionamento das respostas às diversas perguntas comuns sobre os *e-book readers*. Arlindo Machado, por exemplo, já em 1994 analisava o fenômeno dos livros digitais à luz de uma perspectiva econômica. Isto levando-se em conta que livros digitais só podiam ser lidos em frente à tela do computador até o lançamento do Rocket *e-book* e do SoftBook *Reader*, em 1998. Estes foram os primeiros *e-book readers* similares aos atuais.

Muitos fatores têm sido cruciais na discussão deste assunto e merecem ser aprofundados. Dentre outros pode-se citar a economia do papel, questão importante em tempos de busca por desenvolvimento sustentável. Diante disso, acredita-se que os debates sobre *e-book-readers* como Kindle, Nook e Ipad já tenham chegado aos mais diferentes públicos. Sabe-se que o mercado de *e-readers* nos Estados Unidos está em plena expansão. (THE INTERNATIONAL DIGITAL PUBLISHING FORUM, 2010).

O mais conhecido dos *e-readers*, o Kindle da Amazon tem sido muito importante para o reconhecimento e a popularização destes dispositivos.

Saber o que está por trás do Kindle é importante para compreender as perspectivas do cenário editorial daqui para frente. O Kindle surgiu por uma das maiores livrarias virtuais do planeta. Isto, por si só já é justificativa para um estudo mais aprofundado de suas características em relação a dispositivos similares.

Portanto, constitui-se uma tendência cada vez mais forte estudar os *e-book readers* sob o enfoque da Biblioteconomia, porque algumas de suas atividades necessitarão de determinadas adaptações na rotina para acomodar estas novas tecnologias.

3 Problema:

Enquanto a escrita hipertextual se banalisa, pergunta-se se a dimensão tecnológica do livro na forma de seu suporte, o *e-book reader*, por exemplo, induzirá novos processos de criação, tratamento, recuperação e leitura do livro. Estaríamos criando novos comportamentos em biblioteconomia em função da volatilização do livro? As bibliotecas assim como a leitura e a literatura se beneficiarão desses novos suportes do livro? Que comportamentos podemos entrever para o século XXI? Que novas relações se introduzirão na relação escritor-leitor intermediada pela biblioteca? Essas questões se abrem para tantas perspectivas que interpelam necessariamente o bibliotecário sobre os fundamentos de sua atividade fim. Sob que condições uma biblioteca deve adotar ou não um *e-book reader*? De que forma esta decisão afetaria o processo da seleção, da aquisição, da catalogação, da referência? Qual seria o impacto econômico-orçamentário na biblioteca ao adotar *e-book readers*? Existiriam violações de direito autoral no empréstimo destes livros? De que formas estes dispositivos poderiam se inserir num programa de leitura?

Essas e outras questões fazem parte da abordagem desta pesquisa que pretende instruir o leitor sobre a perspectiva de utilização dos *e-book readers* na atuação profissional do bibliotecário.

4 Objetivos

4.1 *Objetivo geral:*

Demonstrar como os *e-book readers*, ilustrados pelo caso do Kindle da Amazon, alteram as rotinas tradicionais do bibliotecário.

4.2 *Objetivos específicos:*

- Descrever as dificuldades que os bibliotecários têm encontrado ao utilizar *e-book readers* em suas atividades profissionais
- Identificar os fatores que afetam na decisão do bibliotecário em adotar tais dispositivos nas bibliotecas;
- Apresentar as possíveis soluções para os problemas encontrados pelos bibliotecários que já utilizam *e-book readers*;
- Relatar as alterações provocadas pelos *e-book readers* nas diversas atividades da rotina bibliotecária.

5 Metodologia:

Pretende-se alcançar os objetivos propostos por meio de uma pesquisa documental, descritiva e analítica, de modo que possa partir de pressupostos já estabelecidos na área da biblioteconomia e ciência da informação a respeito da temática abordada. Utilizar-se-á, para tanto a abordagem qualitativa. Para a coleta de dados, faz-se necessário na primeira fase identificar as principais versões do Kindle e compará-lo com dispositivos similares. Na segunda fase, deve-se seguir a pesquisa com o relato de experiências de uso dos *e-readers* em bibliotecas. Em seguida será feita a análise dos dados com base na divisão proposta por Guinchat e Menou (1994) para descrever como os *e-book readers* serão inseridos no cotidiano das bibliotecas e centros de documentação. Por fim, faremos a análise do estudo caso nas bibliotecas da Universidade A&M do Texas.

6 Revisão de literatura

6.1 *A crise do livro*

Historicamente (CHARTIER, 2001), o fenômeno conhecido como a “crise do livro” surgiu na França, em 1890. São apontados três fatores que indicam os termos da crise. O primeiro diz respeito ao mercado consumidor insuficiente. Desde a invenção da imprensa, o número de livros cresceu exponencialmente. Isto gerou, sem dúvida, diversos problemas tais quais: armazenamento, organização, recuperação, entre outros. O segundo problema se refere ao temor da perda. Este problema, “faz com que no século XVI se recolham os textos manuscritos e se multipliquem impressos para assim fixá-los e resgatá-los do esquecimento”. (CHARTIER, 2001). A preservação da memória escrita deve ser um fator de extrema valia para a sociedade. Muitos escritos preciosos só chegaram até nós por meio da preservação de uns poucos que se preocupavam com isto. Um exemplo claro é o caso dos monges copistas na Idade Média. Muito se questiona até hoje a respeito do fato de a literatura produzida e reproduzida por estes religiosos ter tido um alcance tão limitado em relação a sua difusão. O que não se leva em conta, no entanto é que não havia meios para esta difusão e que a sociedade tinha em conta outro tipo de leitura da realidade, que era a tradição oral. Portanto, o temor da perda leva ao acúmulo de obras, ainda que as mesmas nunca cheguem a ser lidas ou ainda tocadas. O terceiro problema é quanto à fidedignidade dos textos. Muitos textos corriam o risco de serem deturpados a cada impressão por meio da modificação de palavras para fins particulares. Caso uma pessoa quisesse modificar alguns tipos para alterar o sentido do texto, dificilmente chegar-se-ia à verdade dos fatos em um curto período de tempo, visto que a comunicação ainda era precária e os meios de transporte pouco desenvolvidos.

Outra faceta desta crise refere-se aos diversos suportes que existiram como veículos informativos. A história mostra que o livro, em seus mais diversos materiais, já passou por vários tipos de suporte ao longo dos anos. Katzenstein (1986) relata que, ao contrário do que muitos pensam, o livro não foi “inventado”. Seu surgimento partiu de um “processo de evolução, de ensaio e erro que durou milênios, assim como outras técnicas e como as seleções e mutações na natureza” (1986, p. 106). Assim, a cada novo suporte pode-se falar em um processo de desconstrução de modelos

consolidados. Isto acarretava na transposição do suporte mais antigo para o novo, para citar o mínimo.

Desta forma, as crises no que se refere ao uso de determinado suporte serviram para um aprimoramento na técnica de feitura do veículo comunicativo e para a maior difusão das obras. Mais à frente, mostraremos uma breve recapitulação dos suportes que poderá ilustrar melhor estas diversas tentativas de encontrar um suporte mais adequado para cada época.

Sabe-se que o livro continua sendo importante para a aquisição de conhecimentos. Seu papel continuará tendo sentido enquanto o homem tiver necessidade de informação. Marshall McLuhan (1972 apud Machado, 1994) diz que “a ideia de que o conhecimento é essencialmente um saber de livro”. Isto representa a consolidação da importância do livro para o aprendizado. Ao contrário do que é amplamente divulgado, muitos pensadores conceituados descartam a ideia do fim do livro.

Nem é preciso fazer longas análises para chegar a esta conclusão. Existem livros que, ainda que estejam no formato eletrônico serão preservados, seja por segurança, seja porque o formato digital não permite expressar até o momento a riqueza de detalhes de uma encadernação dos grandes mestres europeus.

Bellei (2002) vê o livro sob dois enfoques: como uma tecnologia e como uma instituição. No primeiro enfoque, há uma instrumentalização do saber ali inscrito. A pessoa usa o livro como modo de adquirir conhecimento, portanto um modo de construção de subjetividades. No outro enfoque, sabe-se que há uma série de atores responsáveis pela criação do livro (autor, editor, distribuidor, etc). Todos são dependentes de um sistema centenário. Destruir este sistema poderia representar um trauma social. Entretanto, é importante frisar que o mesmo autor acredita que na “ordem natural das coisas”, o livro seria um bom presente justamente por seu caráter imaterial. Se o livro é considerado e prezado por esta característica, não pode-se “lamentar” um declínio da produção do livro impresso. O livro, enquanto elemento pertencente ao mundo das idéias sempre irá existir. O suporte a que ele se “encaixa” pode ser apenas uma questão temporal, portanto mutável.

Chartier continua a “pôr lenha na fogueira” no que concerne ao que chamou de crise dos livros”:

Se é verdade que abre possibilidades novas e imensas, a representação eletrônica dos textos modifica totalmente a condição destes: à

materialidade do livro, ela substitui a imaterialidade de textos sem lugar próprio; às relações de contigüidade estabelecidas no objeto impresso, ela opõe a livre composição de fragmentos indefinidamente manipuláveis; à apreensão imediata da totalidade da obra, viabilizada pelo objeto que a contém, ela faz suceder a navegação de muito longo curso, por arquipélagos textuais sem beira nem limites (2001)

Assim, encontramos de um lado um livro eletrônico passível de conter elementos novos como a hipertextualidade. Chartier explica que o texto pode ser modificado e o leitor se tornaria uma espécie de co-autor, não sendo apenas um leitor passivo e condicionado. Neste contexto, pode-se estabelecer a rigidez do livro impresso como mais um elemento que poderia ser levado em conta para o debate sobre a crise do livro.

Por outro lado, encontramos a internet como outro “nó” a ser observado na crise de que fala Chartier. Enquanto o livro eletrônico revela-se como apenas uma opção pessoal e até mesmo utilitária em relação ao livro impresso, a internet seria uma revolução enquanto plataforma de informações. A internet seria mesmo uma “biblioteca sem muros e até, sem lugar”? (CHARTIER, 2001) O fim do livro impresso não ocorreu com o advento da internet ou do livro eletrônico. Os *e-book readers* trazem diversos benefícios em relação às primeiras formas de leitura do *e-book*, como a tinta eletrônica e a portabilidade. Seriam estes os algozes do livro impresso desta vez?

Existem ainda algumas perguntas cruciais neste debate: O que é o livro? Qual a diferença entre livro e suporte? O que é um documento? Um *e-book reader* seria um livro eletrônico ou um suporte; ou ainda os dois ao mesmo tempo?

6.2 Conceitos básicos

6.2.1 O que é o Documento?

Para compreender termos mais específicos como suporte e livro, é preciso definir o que é um documento. O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008) traz algumas definições clássicas. Numa delas, de Paul Otlet, documento seria o próprio suporte, ou seja, a parte visível, manuseável. Esta coincidência semântica entre documento e suporte neste caso será discutida mais a frente. Outra definição de documento também citada pelo mesmo dicionário é a da Union Française des Organismes de Documentation que seria “qualquer base de conhecimento fixado

materialmente, suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova” (p. 132). Esta definição traz à tona a questão dos dispositivos eletrônicos. Seriam ou não documentos? As informações contidas num computador são plenamente passíveis de serem utilizadas para a consulta, estudo ou prova. O problema estaria no “fixado materialmente”. Tanto no caso de computadores como de *e-book readers*, estamos falando de dígitos binários, bits e bytes.

Outra definição clássica que segue um raciocínio parecido, também trazido pelo dicionário é a de Briet (1951): “Qualquer indicação concreta ou simbólica, conservada ou registrada com a finalidade de representar, reconstituir ou provar um fenômeno físico ou intelectual”. O documento neste sentido seria uma prova que contém um determinado conhecimento capaz de informar alguém do que trata. Até o surgimento dos computadores, a maior parte das definições de documento segue esta mesma linha. Dado que as tecnologias computacionais representaram um grande rompimento de paradigmas, seria necessário ampliar o conceito para abarcar mais documentos hoje conhecidos.

Miranda e Simeão (2002) explicam que uma forma mais fácil de compreender o conceito de um objeto tão complexo quanto o documento seria dividir cartesianamente cada um de seus elementos. As divisões propostas são: tipo, conteúdo, formato e suporte. Seria importante tratar resumidamente de cada uma destas divisões: tipo seria o modo como o documento é reconhecido, por exemplo, livros, resumos ou teses. O conteúdo seria “a parte substantiva do documento”, ou seja, se trata de arte ou história. É a informação registrada. Quanto ao formato, já é conhecido por seu uso segundo o modo de apresentação. Por exemplo, quando se fala em formato impresso e formato eletrônico estamos tratando da arquitetura dos dados que serão expostos e visualizados. Já o suporte será melhor detalhado na sessão oportuna.

Dessa forma, se simplificássemos as definições postuladas até o momento, documento não seria apenas uma base material sob a qual estariam inscritos conhecimentos. Esta seria apenas uma parte do documento: o suporte.

O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia propõe ainda uma definição sintética e atual do termo: documento é “informação registrada, estruturada para a compreensão humana. Esta definição admite tanto os documentos de papel (substanciais), como os documentos eletrônicos (insubstanciais)”. Sabe-se, no entanto que existem muitos outros tipos de documentos substanciais além do papel.

Marcondes (2010 apud Le Goff 2003) faz uma interessante comparação do documento com o monumento. Segundo o autor, ambos pretendem perenizar o documento, “a diferença é que o documento, ao contrário do monumento, era e é hoje cada vez mais portátil e autônomo em relação à presença do seu criador.” Se um escultor é contratado para criar uma estátua para uma igreja, aquela obra estará a seu alcance muito mais facilmente do que um livro, que poderia dar a volta ao mundo em poucos dias. Outro ponto interessante que Marcondes propõe é que “ao contrário do monumento, imóvel, o documento permite fixar uma mensagem e transferi-la não somente através do tempo, como o monumento, mas também (e cada vez mais) através do espaço.” Esta é uma explicação mais específica da afirmação anterior. Por mais que haja algo escrito numa muralha, não é possível transportá-la para um museu como uma tábua de pedra, por exemplo.

Por fim, existe a definição de Meyriat (1981) que afirma que documento é “um suporte da informação, servindo à sua comunicação, e é durável”. A noção de durabilidade de um documento vem em contraposição à pretensa efemeridade da tradição oral. Um exemplo claro disso são as escrituras bíblicas que por muito tempo foram transmitidas oralmente de pai para filho, porém chegou um momento em que tal conhecimento foi passado para a linguagem escrita justamente pelo medo da perda. Efetivamente, este é o caráter de prova do documento conforme a definição da Union Française de Documentation já mencionada.

6.2.2 O que é a Informação?

Costa (2007) explica que a informação é um conceito interdisciplinar, pois é objeto de estudo de diferentes disciplinas. Dentre elas, pode-se citar: biblioteconomia, arquivologia, documentação e museologia. Todas estas dentro do escopo da Ciência da informação. No entanto, sabe-se que existem disciplinas próximas que também fazem uso de informação, cada uma com abordagens distintas. Vale lembrar: comunicação, Ciência da computação, estatística e linguística.

Sabe-se que a definição de documento foi sendo, de certa forma, ofuscada pela definição de informação na Ciência da Informação (FREITAS, 2003 apud MARCONDES, 2010). Dentro da própria Ciência da informação existem diferentes abordagens do conceito de informação. Costa (2007) reuniu algumas das abordagens mais conhecidas: A primeira delas é a de Pignatari (1977) que afirma que a

informação existe para sanar dúvidas ou incertezas. Para o autor, a informação está relacionada com seleção e escolha. Ou seja, existe uma ou várias informações que podem ser selecionadas e posteriormente escolhidas as mais adequadas para reduzir ou eliminar a incerteza do indivíduo. Em seguida, apresenta a abordagem de Kochen (1983) que considera a informação como “dados relevantes para a tomada de decisão”. Neste sentido, se um bibliotecário precisar decidir entre usar laranja ou fruta cítrica na hora da indexação, um tesouro seria, segundo Kochen um dado ou conjunto de dados que auxiliariam no processo de tomada de decisão. Outra definição que a autora menciona é a de Dervin (1977), que divide a informação em três diferentes tipos: 1) “aquela que descreve a realidade, sua estrutura original ou seu padrão”; 2) “que consiste em um repertório subjetivo: as idéias, estruturas ou imagens imputadas ao ambiente externos pelas pessoas.”; e 3) “que é a forma como cada indivíduo lida com as informações 1 e 2 para consolidar seu processo decisório”. Assim, estes três tipos podem ser destrinchados da seguinte forma: uma informação objetiva (um livro, por exemplo), uma informação subjetiva, interna e uma informação resultante da interação entre estas duas anteriores. Ou seja, a informação contida no livro é processada pela informação cognitiva e, posteriormente gera uma nova informação. Outra abordagem é a de Farradane (1979). Este autor pontua que a informação só tem valor quando vinculada a um indivíduo que a produza ou seja afetado por ela. Para o autor, existe um estado inicial de conhecimento a partir do qual a informação seria capaz de acrescentar algo. Em suma, Farradane trata da informação como um conceito distinto de conhecimento, de forma que a informação seria o “representante físico do conhecimento” (COSTA, 2007). Outra clássica definição é a de Le Coadic (1994) que considera que “a informação é um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou eletrônica), oral ou audiovisual.”. A informação como conhecimento registrado é objeto de estudo de outros autores como Belkin (1978), que entende a informação como uma “estrutura comunicável” capaz de modificar a estrutura cognitiva do receptor.

Miranda e Simeão em sua divisão do termo de documento propõem que informação corresponderia ao conceito de conteúdo. Estes autores explicam que esta é a parte substantiva do documento e que determinam o seu tipo.

Esta é a parte mais importante de qualquer documento. O usuário está em busca de informações que possam sanar suas necessidades. Sem a informação o documento não existe. Não existe valor informacional a ser transmitido.

Já o dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008) propõe que informação seria o “registro de um conhecimento para utilização posterior”. Assim, é atentada a importância da preservação da informação, pois esta seria uma forma de preservar a história e a memória dos povos.

6.2.3 Suporte - base para a informação

O termo suporte está na base dos estudos a respeito destes recentes dispositivos denominados *e-book readers*. O dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009) nos apresenta a acepção mais conhecida do termo: “qualquer coisa cuja finalidade é sustentar; escora, arrimo, sustentáculo”. Esta definição ganha um significado mais específico dentro da documentação. Neste contexto, o “qualquer coisa” parece se referir à grande variedade de possíveis materiais que podem comportar, sustentar as informações e que, como veremos, foram efetivamente usados durante a história.

Para Miranda e Simeão (2002), compreende-se suporte como a parte visível, a parte física de um documento. Estes autores ainda lembram que para o senso comum, suporte é o próprio documento.

Em tese, um suporte pode ter diversas apresentações. Atualmente conhecemos o livro em códice, como um exemplo, mas sabe-se que os suportes variaram desde uma casca de árvore ao conhecido DVD hoje utilizado. Esses autores ainda afirmam que um suporte “é comercializável, armazenável, transferível e sujeito a todos os procedimentos administrativos, legais e demais considerações institucionalizantes próprias do mercado”.

Cunha e Cavalcante em seu dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008), definem suporte como um “material empregado pelo homem para fixar e transmitir seu pensamento” e um “objeto material, ou dispositivo, sobre o qual, ou no qual se encontram representados os dados ou informações”. Assim, torna-se muito fácil identificar o suporte. A base material é a primeira característica que pode-se depreender destas definições. A outra característica é a capacidade inerente ao material de afixar informações. Para a Ciência da informação, há uma verdadeira integração entre suporte e informação. Outra característica que é facilmente detectável nos suportes é a possibilidade de serem transportados.

Porém, no caso do computador e dos *e-readers*, estamos tratando de fenômenos relativamente novos. O suporte não está intrinsecamente ligado à

informação. Além disso, não são suportes exclusivos de alguma unidade informacional. Quando temos uma pedra como suporte informacional, geralmente encontramos determinada informação registrada e esta informação permanecerá naquele suporte enquanto a mesma durar no tempo (a menos que o suporte seja transformado). Já no caso das novas tecnologias, a informação está atrelada ao suporte apenas enquanto for conveniente ao usuário. Ou seja, enquanto um livro impresso contém um romance de Shakespeare, um *e-book reader* pode conter diversos romances de diversos autores diferentes e ao mesmo tempo!

Seguindo a metodologia para a definição de suporte adotada por Miranda e Simeão, poderíamos propor um esquema que mostra o computador (suporte informacional) junto com o qual é possível ter acesso a documentos em formato eletrônico:

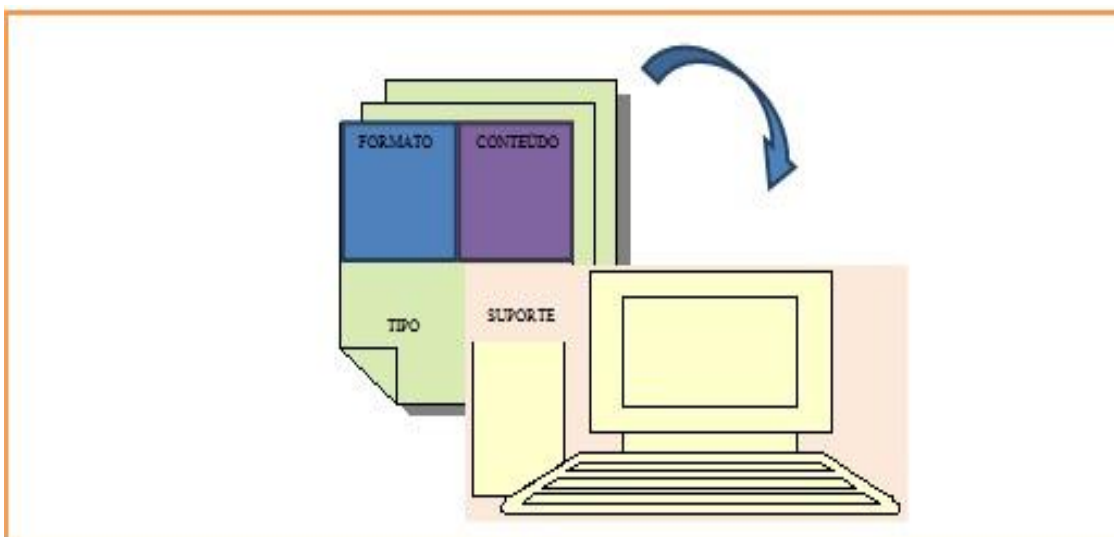


Figura 1 - O computador (suporte informacional)

Assim, o computador e os *e-book readers* constituem-se suportes assim como diversos outros que já preservaram a informação escrita durante a história. A diferença é provocada justamente pela natureza dos objetos eletrônicos segundo a qual os documentos dependem de suportes variáveis. No documento tradicional, há uma estreita ligação entre informação, formato, tipo e suporte, diferentemente dos suportes projetados com as novas tecnologias.

6.2.4 Tipos de Suporte – Recapitulação

Para Katzenstein (1986), diversos materiais que foram utilizados como suporte ao longo da história seguiram um processo de evolução que não pode ser considerado uniforme nas diversas regiões do planeta. Entretanto, na maioria das vezes, estes suportes seguiram um padrão evolutivo:

- **Infância:** nesta etapa, o homem utilizava os materiais que encontrava na natureza para satisfazer suas necessidades básicas e vitais. Portanto, a folha, a madeira, a pedra e outros eram aleatoriamente usados para o vestuário, a moradia e, algum tempo depois como objetos de rituais.
- **Adolescência:** aqui, cada material que já era usado com o propósito de atender as necessidades básicas, passou a ser visto com as mais diferentes funções. Daí em diante estes materiais puderam ser vistos como canal de comunicação. O homem passou a cobrir tais objetos com pinturas, desenhos e, mais adiante com a escrita.
- **Maturidade:** à medida que a escrita ia se difundindo e sendo aprimorada, os materiais (suportes) também sofreram alterações. Buscou-se materiais na natureza que eram mais adequados para a escrita, transporte e conservação da informação depositada.
- **Declínio:** no momento em que julgava-se ter encontrado o material ideal para a escrita, praticava-se a multiplicação e ampla difusão da informação. No entanto, o barateamento trouxe como consequência a deteriorização da qualidade.

É interessante seguir a divisão proposta por Mello (1972) a respeito da origem de cada matéria prima dos suportes conhecidos: mineral, animal e vegetal. Percebe-se que nesta divisão não entram os *e-book readers*, objetos deste estudo. De qualquer forma, vale a pena descrever cada tipo de material supracitado. Serão considerados os materiais mais conhecidos:

6.2.4.1 Suportes minerais

- **Barro:** de acordo com Katzenstein (1986), o barro é um material utilizado desde o IV milênio, podendo ser considerado o mais antigo material conhecido. Botelho (2007) esclarece que era utilizada argila na Mesopotâmia para gravar

registros contábeis e poesia. Como já especificado, considera-se que os materiais eram utilizados segundo fases de evolução. O barro, em sua fase de infância quanto ao uso, era utilizado para a fabricação de tijolos para a habitação, além da fabricação de vasos e cacos para uso culinário e ritual (KATZENSTEIN, 1986). À medida que o tempo foi passando e a escrita sendo aprimorada, passou-se a escrever nestes objetos.

- Pedra: assim como o barro, a pedra é considerada um dos primeiros suportes de escrita. Primeiro nas paredes, este material foi gradativamente se tornando um suporte portátil. Os egípcios já utilizavam as pedras há cerca de 6500 anos a.C. nas pirâmides e obeliscos para registro de sua história. Mais a frente também encontram-se registros de gravações em pedra como o episódio da lei hebraica registrada em duas tábuas no monte Sinai. (MARTINS, 1957). Sabe-se ainda de gravações em pedras em câmaras mortuárias ou tábuas de pedra constando registros cívicos. Martins (1957) relata que foram encontrados calendários nas ruínas de Pompéia. Outros povos também utilizavam deste suporte para a gravação de seus calendários, como os maias por exemplo. Gregos e romanos também perpetuaram a técnica de registro de seus atos importantes em paredes de pedra. (MARTINS, 1957).
- Metal: assim como os livros de pedra, este tipo de suporte apresentava duas dificuldades: a gravação e o transporte (KATZENSTEIN, 1986). Mais de um tipo de metal foi utilizado ao longo da história como suporte para a escrita. Martins (1957) explica que os romanos costumavam relatar atos importantes em tábuas de bronze, como as leis das Doze Tábuas e certos tratados de paz. O mesmo autor também lembra que “no tempo dos macabeus, os esparciatas escreviam aos judeus em tabletas de bronze” (p. 55, 1957) e que certos discursos eram registrados neste tipo de material, como o do imperador Cláudio. Entretanto, outros tipos de metal também eram utilizados. Segundo Martins, o Chumbo é um tipo de material que teve como principal vantagem a sua maleabilidade, o que trouxe uma facilidade maior para a escrita.

6.2.4.2 *Suportes vegetais*

- Entrecasca de árvore: a estrutura da árvore conhecida em botânica como floema foi por muito tempo utilizada como suporte para a escrita. Esta casca é considerada matéria prima para a construção de uma espécie de pré-papel e para muitos é considerada o primeiro suporte existente (KATZENSTEIN, 1986). Este tipo de suporte foi utilizado primeiramente como uma vestimenta natural antes do desenvolvimento do tecido. Entretanto, como este material é facilmente decomposto, muito pouco chegou até os dias de hoje. (KATZENSTEIN, 1986). Para a preparação do material, primeiro elas eram prensadas ou abatidas ainda úmidas, em seguida eram raspadas com conchas ou facas e novamente postas de molho. (KATZENSTEIN, 1986).
- Folhas de palmeira: outro material muito utilizado para a escrita foram as folhas de palmeira. De acordo com Katzenstein (1986), dado o seu caráter altamente perecível, sabe-se que os hindus conheciam um método para torná-los mais duráveis. O primeiro seria cortar o talo mediano do tamanho que se pretendia utilizar. O segundo consistia em secar as folhas, encharcá-las ou fervê-las com água ou leite, secá-las novamente, alisá-las e finalmente cortá-las do tamanho desejado. Parece que este método mostrou-se eficaz, pois ainda hoje existem manuscritos preservados, o que demonstra uma capacidade de duração de “mais ou menos trinta vezes a do papel moderno”. (KATZENSTEIN, 1986).
- Bambu: assim como outros materiais vegetais, os chineses também tinham conhecimento sobre a feitura de suportes de bambu. Katzenstein (1986) explica que para a preparação, os bambus “eram cortados em cilindros, que eram partidos em tiras de pouco mais de 1 cm de largura por vinte de comprimento”. Em seguida, raspavam-se ambos os lados para a retirada dos sulcos que atrairiam insetos e aceleravam o processo de decomposição. Por fim, eram “postas para secar sobre o fogo”. (KATZENSTEIN, 1986). Para que as “folhas de bambu” pudessem ser compiladas, fazia-se um furo sobre a superfície e atravessava-se um fio de seda para uni-las. Os “livros” deste tipo de suporte

costumavam ser pesados e também apresentam alta durabilidade. (KATZENSTEIN, 1986).

- Papiro: é considerado um dos mais conhecidos suportes de escrita, por sua importância histórica. Mello (1972), explica que o nome do suporte se dá devido ao nome da planta (Papyros, em grego). Lembra ainda que a planta tem origem no Egito, mas podendo ser encontrada também na Líbia e na Síria. (1972, p.86) Martins (1957) afirma que existiram ao longo da história certas dificuldades para a difusão do papiro, tais quais a escassez natural e as guerras a dificultar a exportação (1957). Mello (1972) lembra que os papiros poderiam ter um comprimento que variava de 15 a 18 metros e que eram envolvidos em uma base cilíndrica de madeira que era chamada de *umbilicus*. O papiro também é conhecido pela sua alta durabilidade como atesta Katzenstein (1986): “Mesmo sendo preservado sob condições desfavoráveis poderia ser utilizado para escrever depois de mil anos ou mais e muitos rolos de papiro ainda estão em condições excelentes”.

6.2.4.3 Suportes animais

- Pergaminho: o pergaminho surge com a necessidade de substituição do papiro, que, como já foi exposto, teve certas dificuldades para sua difusão na medida em que a demanda foi aumentando. De acordo com Mello (1972), houve a proibição da exportação de papiro para Pérgamo, que contornou a situação iniciando a produção de “papel” a partir da pele de animais. Entretanto, de acordo com Prou (apud Martins, 1957), “o uso de peles como *substratum* da escrita é muito antigo na Ásia, e tudo o que se pode ter feito em Pérgamo é melhorar-lhe a preparação”. La Marche apud Martins (1957) esclarece que o animal mais comumente utilizado para a confecção do pergaminho era o carneiro. Outro fato importante lembrado por Martins (1957) diz respeito à disposição da escrita no pergaminho. Sabe-se que inicialmente a escrita era feita em apenas um lado do pergaminho, assim como o papiro. Porém, com o passar do tempo descobriu-se que os dois lados poderiam ser utilizados, diminuindo assim os custos. Ainda é importante lembrar que o Codex, considerado antepassado direto do livro como o conhecemos atualmente, surgiu da sobreposição de pergaminhos, podendo ser costuradas uns nos outros.

(MARTINS, 1957). O pergaminho ainda era considerado caro (MARTINS, 1957), possivelmente por conta do custoso processo de manufatura deste tipo de suporte. O processo era lento e demandava mão de obra especializada. Mello (1972) expõe que, ao contrário do que se pensa, foi na Idade Média (considerada por muitos a Idade das trevas) que o pergaminho intensificou a difusão dos livros e que, na verdade ela deveria se chamar “a idade da acumulação do saber”, tendo em vista que foi durante este período que o livro se tornou imortalizado, dando bases sólidas para a explosão bibliográfica trazida por Gutemberg mais a frente. (MELLO, 1957).

6.2.4.4 *Papel*

O nome papel provém do latim Papyrus e do grego Pápyros (MELLO, 1957). Sabe-se que fora inventado pelos chineses entre 103 e 105 d.C. por TsaiLun. Katzenstein (1986) defende que o papel como o conhecemos hoje surgiu do primitivo papel de entrecasca. O processo de feitura do papel se dava da seguinte forma: primeiro a madeira ou os trapos eram macerados com um objeto rígido, também feito de madeira. Em seguida, pegava-se este sulco, denominado tapa e deixava-o de molho por muito tempo para que pudesse fermentar. Depois, colocava-se em certos moldes que ficavam sob o sol secando. Por fim, o papel era descolorido para o branqueamento. (KATZENSTEIN, 1986).

Um ponto importante a se considerar é que a base para o papel dependia da disponibilidade da matéria-prima no local. Katzenstein (1986) explica que os “árabes faziam polpa com trapos de linho e os europeus, de trapo de linho e algodão, porque as várias fibras vegetais usadas pelos chineses não estavam à disposição”.

Considera-se que os primeiros papéis eram muito parecidos com o pergaminho, inclusive quanto à textura, à aparência e ao peso. (KATZENSTEIN, 1986). Por isto pode-se presumir que não houve um grande impacto na mudança de suporte. No entanto, pode-se dizer que no decorrer da história do livro, os meios para fabricação dos suportes tiveram mudanças radicais.

De acordo com Febvre e Martin (2000), o papel veio do oriente para a Europa no século XII por meio de transições comerciais entre mercadores e árabes. Sabe-se que o papel logo começou a ser fabricado na própria Europa. A cidade a dar início a este processo situava-se na Itália, na cidade de Fabriano (FEBVRE; MARTIN, 2000). Também houve a preocupação com os meios de fabricação do papel. Para a confecção,

estima-se que para um quilo de papel exigia cerca de 2000 litros de água. Além disso, esta água deveria ser pura, pois a coloração da água interferia na coloração do papel. (FEBVRE; MARTIN, 2000).

As matérias-primas utilizadas na fabricação do papel variam de acordo com a região e o período histórico. Febvre e Martin (2000) afirmam que para se obter papel de boa qualidade é preciso utilizar “trapos brancos”. Estes autores afirmam que a principal matéria-prima utilizada na Europa eram os trapos, que eram recolhidos pelos mercadores e levados até moinhos próximos. (FEBVRE; MARTIN, 2000).

Sabe-se, no entanto que o papel produzido atualmente não é de boa qualidade em comparação com os produzidos em outros períodos. Katzenstein (1986) afirma que “segundo o curador-chefe da biblioteca do Congresso, Washington, a duração do papel feito nos últimos 50 anos é, em média, de trinta e cinco anos”. Sem dúvida, este fato constitui-se um grande problema para as próximas gerações. Deve-se levar em conta que existem manuscritos de mais de mil anos inteiramente conservados. Parece que, apesar de haver ocorrido uma explosão quantitativa em relação ao papel produzido, esta não trouxe consigo a qualidade suficiente.

A questão da durabilidade do papel é de extrema importância para a preservação da informação. Katzenstein (1986) atesta a perda da qualidade em muitos aspectos da fabricação do papel moderno. Esta autora afirma que a perda de qualidade teve início no século XVII vindo com o aumento da produção. A qualidade da matéria-prima também decaiu nos últimos séculos: o trapo e o linho foram gradualmente substituídos por grama e, principalmente madeira. (KATZENSTEIN, 1986). Isto comprometeu significativamente a durabilidade do suporte. O processo de fabricação manual favorecia a compactação das fibras o que tornava o papel mais rígido. Com o desenvolvimento da tecnologia para o aumento da produção, houve um processo de fragilização do papel. Outros fatores devem ser considerados tais quais: o papel já não é mais seco ao sol, de forma que a umidade passa a ser eliminada por evaporação. Ainda deve-se lembrar que certas substâncias químicas para branquear o papel tornaram-no perecível e pouco maleável.

6.2.5 Livro impresso e eletrônico

Para Paul Otlet (1934), livro seria “um suporte de uma certa matéria e dimensão, ou dobrada ou enrolada, sobre a qual são colocados sinais representativos

de determinados dados intelectuais”. Porém Ortega e Lara (2010) afirmam que Otlet em seu *Traité de documentation* verificou que livro seria um termo que não abarcaria todos os tipos de documentos. Assim, adotou livro apenas como um termo genérico para um conceito mais amplo de documento. Esta primeira definição de Otlet reflete, no entanto as imagens mais comuns de livro: a de papiro e a de codex.

Parece haver certa similaridade entre o conceito de suporte e o conceito de livro até mesmo para os pesquisadores, como pode-se perceber a seguir:

O termo livro compreende tanto o material quanto a forma. Ou mais precisamente: os livros transmitem as informações por meio da escrita, ou ilustração, ou ambos, e consistem de vários elementos, em geral, reunidos. Tais elementos podem ser papiro, pergaminho, materiais têxteis, folhas de palmeira, madeira ou papel, costurados, colados, perfurados e unidos por paus, tiras de couro ou linha. A mais antiga e, por algum tempo, a única forma dos livros foi a tábuas, seguida logo pelos rolos, não obstante o conceito, atualmente popular, de que um livro é um códice de folhas de papel.” (KATZENSTEIN, 1986)

Os livros variam de cultura para cultura e de acordo com o período histórico. Quando se busca na literatura da história do livro, também encontra-se os relatos de diversos tipos de materiais que serviram de suporte para a escrita. Portanto, para a grande maioria dos estudiosos, os suportes que serviram para a escrita até o periódico são considerados livros. Daí para frente surgem outros tipos de suporte para a escrita como panfletos, folhetos e os já citados periódicos (sejam científicos ou não). Porém antes disso, o pergaminho, o papiro, a pedra, e outros são livros em sentido amplo. Muitas pinturas feitas em templos há milênios ainda permanecem intactas. Entretanto, um suporte que não seja móvel não corresponde ao conceito de livro amplamente conhecido.

Para trazer mais particularidade ao termo, o dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia (2008) traz outra definição interessante: “Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume”. O mesmo dicionário define volume como “unidade informacional que reúne sob uma mesma capa alguns elementos como folhas, cadernos, discos, formando um todo ou como parte de um conjunto”. Assim, livro seria um objeto composto por alguns elementos que existem para a ordenação da informação lá contida.

O vocábulo “livro” na wikipedia considera o livro como apenas o códex de papel amplamente conhecido atualmente: “Livro é um volume transportável, composto por páginas encadernadas, contendo texto manuscrito ou impresso e/ou imagens e que forma uma publicação unitária (ou foi concebido como tal) ou a parte principal de um

trabalho”. Desta definição é importante destacar o termo “transportável”, que é coerente com o que já foi dito acima do livro enquanto suporte móvel. O mesmo vocábulo ainda menciona o fato de um livro ser caracterizado pela existência de um ou mais entes intelectuais responsáveis pela autoria. Além disso, existe toda uma estrutura responsável pela editoração do livro, sendo o editor o responsável pela produção do livro. A figura do bibliotecário surge como o profissional responsável pela organização e divulgação deste documento, em especial.

Já o livro eletrônico pode ser considerado sob duas óticas. A primeira é a do livro que é concebido especificamente neste formato. A segunda é a do livro que existe no formato impresso e passa ao formato digital por escaneamento. Segundo Santos (2009 apud Menezes 2010), para se utilizar um livro eletrônico, seriam necessários três elementos: “o livro – o título em si ou a obra escrita, o *reader* – aplicativo que auxilia na leitura do livro na tela (software) – o recipiente ou o suporte dos livros (hardware).”.

Portanto um livro eletrônico depende necessariamente destes três elementos para que usuário possa ter acesso à informação ali contida. Isolado dos outros dois elementos, o livro eletrônico é, como já foi dito, apenas um objeto de informação em potencial. Entretanto, poderíamos discordar do autor acima quando diz que deveríamos ter necessariamente uma obra escrita. Os chamados *audiobooks* já podem ser lidos (?) pela maioria dos *e-book readers*. Por consequência, deveríamos lembrar que a leitura não é só visual. Os *audiobooks* dão o exemplo de um tipo de leitura auditiva e os livros em Braille, anteriores a esses demonstram um tipo de leitura tátil.

Porém existem algumas características básicas dos livros eletrônicos. De acordo com Oliveira (2000 apud Menezes, 2010), “livro eletrônico existe somente como informação, através de um conjunto de bits. Sendo assim, não possui unidade geográfica concreta, isto é não existe de maneira palpável.” O livro eletrônico estabelece um novo paradigma para a biblioteconomia, pois não é inseparável de um suporte como a informação num livro impresso, por exemplo. Sem o suporte, não seria possível acessá-lo. Ao longo de sua vida útil pode ter quantos suportes for possível. Entretanto, continua sendo livro e documento, ainda que para ser apreendido seja necessário um suporte que o receba. Um livro eletrônico sem o suporte é como um livro impresso parado na estante da biblioteca. A informação existe, mas somente em potencial.

Bellei (2002) propõe que o computador poderia afetar o livro impresso de duas formas: a primeira seria quase que inofensiva. O documento é produzido e reproduzido na tela do computador para consulta e leitura dos usuários. A outra forma, no entanto, afetaria significativamente e se daria por meio do hipertexto. O Ipad, da Apple é capaz de reproduzir texto e hipertexto assim como o computador. Já o Kindle da Amazon reproduz basicamente textos e fotos. Existem prós e contras nisto tudo, a começar pela duração da bateria.

7 O que são *e-book readers* – conceitos e características

Os *e-book readers* ainda não têm uma nomenclatura definitiva. Como já foi dito, alguns chamam de *e-books*, outros de *e-readers*, outros ainda de *e-books readers*. Em português alguns chamam Leitor de livros digitais (LLD). Usaremos a nomenclatura utilizada por Drinkwater: “*E-book reader*”. Ainda assim, é importante detectar algumas das marcas mais importantes destes dispositivos.

Atualmente, existe certa confusão quanto ao que poderia ser chamado *e-book reader* em sentido estrito e o que seria outro tipo de dispositivo multifuncional (funções adicionais como efetuar uma ligação, assistir a vídeos, etc). Por exemplo, sabe-se que muitos celulares permitem dentre outras possibilidades a leitura de documentos PDF, assim como notebooks podem fazer ligações. A tendência realmente é a ampliação das funções num mesmo dispositivo. O usuário procura o maior número de funções por comodidade.

Entretanto, no que tange aos *e-book readers*, sabe-se que têm seguindo um padrão, tendo como base a tecnologia e-ink. Drinkwater (2010) define *e-book reader* como “qualquer coisa que possa ser armazenada em um arquivo de texto”. Estes arquivos vão desde periódicos científicos a jornais diários.

As diversas versões e marcas apenas acrescentam determinadas características em torno de um padrão convencional que apresentam os seguintes pontos em comum:

7.1 *Portabilidade:*

Uma das características mais marcantes de um *e-book reader* é a portabilidade. Quando se busca nos dicionários percebe-se que, por ser recente, este termo ainda não pode ser encontrado. Entretanto, existe o termo “portátil”, que acreditamos ser a raiz

do adjetivo em questão. Segundo o dicionário Houaiss (2008), portátil significa “que pode ser transportado”. Já para Bueno (2010) portabilidade é “o acesso ao conteúdo em qualquer local a qualquer tempo”.

A portabilidade já pode ser percebida no livro como o conhecemos tradicionalmente. Neste quesito fica claro que não procurou-se inovar, senão buscou-se uma apropriação de um modelo universalmente conhecido.

Poder levar um livro em uma viagem é um conforto para qualquer pessoa. Os *e-book readers* permitem ampliar esta facilidade a níveis impressionantes, como pode-se perceber pela seguinte definição:

E-book readers são dispositivos eletrônicos portáteis que exibem texto e imagem. Podem armazenar um grande número de documentos em sua memória interna, fazendo com que seja realmente possível ter uma biblioteca em seu bolso. (DRINKWATER, 2010)

Desta forma, aproxima-se um momento crucial no que diz respeito ao armazenamento da informação. Garcia (2010) explica que a primeira tentativa de se reunir o saber universal em um único local ocorreu na biblioteca de Alexandria. Houve diversas outras tentativas, ao longo da história de se tentar reunir ou documentar as informações disponíveis. Ainda hoje podemos visitar bibliotecas que contém milhares de documentos armazenados. Sabe-se que ter acesso a uma grande quantidade de livros não é garantia de melhoria no aprendizado. Mas ter a informação adequada no momento certo pode ser decisivo para a tomada de decisão como já explicitado por Cunha e Cavalcanti (2008) ao definirem informação “registro de um conhecimento para utilização posterior” e “registro de um conhecimento que pode ser necessário a uma decisão”.

Ainda hoje sabe-se que a leitura é parcamente promovida nos primeiros anos da infância, o que provoca uma marca deficitária para o resto da vida. A internet é, sem dúvida, uma evolução neste sentido, mas muitas vezes não atende as necessidades de aprofundamento nos temas abordados na escola. A maioria dos modelos de *e-book readers* disponíveis no mercado atualmente permite a armazenagem de uma média de 1500 livros. Imagine-se uma sala de aula com 30 alunos, cada um portando seu próprio *e-book reader*. Se cada um portar 1500 títulos, teríamos um considerável acervo à disposição para auxiliar nas atividades rotineiras da escola. Outro fator interessante é que a quantidade de tantos títulos não é proporcional ao peso do objeto. O peso da maioria dos *e-book readers* atualmente varia de 240 a 300g, o que

corresponde a menos que um pote de manteiga vendido nos supermercados. Numa reportagem de Nascimento e Lusa (2009) sobre um estudo realizado pela Universidade do Minho sobre excesso de peso nas mochilas, constatou-se que “o peso médio dos sacos escolares apresentava valores entre os 4,1 quilos e os 5,4 quilos.”. Em outro estudo realizado entre crianças do quinto e sexto anos, Lopes (2002) percebeu que “o peso médio da mochila carregada, durante a semana, foi de $6,44 \pm 2,37$ Kg, que correspondia a 15% do peso corporal médio dos indivíduos observados.” Sem dúvida, ao compararmos o peso destes dispositivos com o das pesquisas realizadas, percebemos uma discrepância assustadora, que poderia desestimular o estudante em seus estudos.

7.2 Tecnologia

A nova tecnologia da tinta eletrônica (e-ink) possibilitou que a leitura de *e-books* fosse uma tarefa mais confortável e duradoura. A tinta eletrônica foi criada por uma empresa de Massachusetts chamada E ink baseada nos estudos iniciados pelo MIT media lab (KANG, 2009). A tecnologia da tinta digital é composta por milhões de microcapsulas. Tais microcapsulas estão sobre a superfície de um fluido e podem conter dois tipos de pigmentos: os brancos – carregados positivamente e os pretos – carregados negativamente. Quando um campo positivo ou negativo é ativado, as partículas são direcionadas ao topo da microcápsula, sendo assim vistas pelo usuário. Isto faz com que estes pontos apareçam brancos ou pretos na tela do dispositivo. (TECNOLOGY, 2010)

Na figura abaixo, pode-se perceber dois estados: quando o eletrodo está carregado positivamente (light state) e quando está carregado negativamente (darkstate). Além disso, a movimentação dos pigmentos brancos e pretos pelas microcápsulas pode ser percebida na microcápsula do meio:

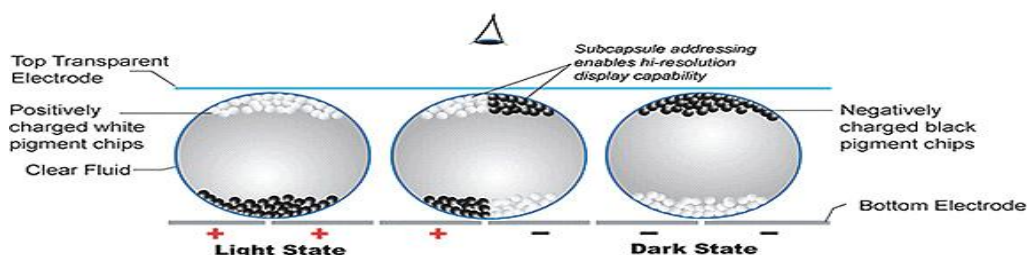


Figura 2 - Funcionamento da tecnologia e-ink:

Fonte: Kang, 2009

A leitura de livros digitais num computador é considerada pela maioria das pessoas cansativa, pois a tela emite uma luz branca que cansa a vista após certo tempo de uso. Por outro lado, esta luz permite que se utilize o computador também sem a luz externa. Drinkwater (2010) afirma que um *e-book reader* comum é capaz de passar páginas até 7000 vezes numa única carga (o que permitiria ler o livro *Guerra e Paz* ao menos cinco vezes). Esta capacidade, no entanto expandiu-se rapidamente. De acordo com pesquisa publicada na reportagem de Manzoni jr. (2010), a bateria do Alfa, da Positivo, permite a mudança de até dez mil páginas, a bateria do Kindle, da Amazon, dura até uma semana com internet ligada e pelo menos duas semanas sem internet, a do Cool-er, da Gato Sabido, até oito mil mudanças de páginas e a do Mix Leitor-D, da Mix tecnologia, duraria até dez mil mudanças de páginas.

Como a tecnologia da tinta eletrônica não consome muita energia, economiza-se do ponto de vista do uso de energia elétrica. De acordo com o site da desenvolvedora da tecnologia da tinta eletrônica (2010), um equipamento com tela LCD de 12 polegadas consumiria cerca de 36 baterias tamanho AA (palito) após 20 horas de uso, ao passo que um equipamento equipado com a tecnologia E-ink utilizaria apenas uma bateria tamanho AA durante o mesmo período.

A bateria de um celular comum certamente não dura esta quantidade de tempo, pois emite a luz branca que permite o uso noturno, fazendo-a consumir mais energia. A tecnologia ainda favorece a economia do ponto de vista ambiental, pois a sabe-se que para a fabricação de papel são necessárias enormes quantidades de água, sem falar na principal matéria-prima – a madeira. Alguns dados podem favorecer a compreensão do impacto ambiental que o uso do papel pode causar. Sommer (200-) afirma que “A produção de papel consome quase a metade da madeira cortada no mundo.”. Mais a frente, o mesmo autor revela que a produção do papel constitui o quinto maior usuário industrial de energia em todo o mundo. Ao que parece a demanda de papel não diminuiu com o advento do computador, pelo contrário, somente aumentou.

Outro ponto em que pode-se falar de avanço tecnológico é quanto ao espaço físico. Muitos países já estão se desfazendo de grandes espaços destinados a armazenagem de documentos e objetos de valor cultural. Sabe-se de diversas igrejas e mosteiros na Europa têm sido sistematicamente vendidos e transformados em cafeterias e espaços comerciais. Os *e-books* trouxeram uma novidade que são títulos que já “nascem” digitais. Deve-se pensar que para dar o devido suporte à preservação

dos livros que já existem, precisa-se desacelerar a proliferação de livros que teriam hipoteticamente um mercado consumidor significativo e disposto a adquiri-los no formato eletrônico. Este é um problema muito pouco explorado pelo mercado que somente com os *e-book readers* têm ganhado a devida atenção.

Isto favorece sobretudo o preço final do livro. O quadro abaixo mostra os cinco livros de ficção mais vendidos na loja da Amazon no dia 14 de novembro de 2010. Comparou-se o preço dos cinco títulos em formato capa dura, ou seja, impresso, e o correspondente em sua versão para o Kindle:

Quadro 1 - Comparativo de preço entre formatos impresso vs Kindle

Título	Autor	Preço – capa dura	Preço – e-book
The Confession: A Novel	John Grisham	\$15.48	\$11.99
The Adventures of Sherlock Holmes	Sir Arthur Conan Doyle	\$9.95	\$4.39
The Matchmakers	Jennifer Colgan	\$10.20	\$2.00
The Girl Who Kicked the Hornet's Nest	Stieg Larsson	\$18.48	\$11.99
The Girl with the Dragon Tattoo	Stieg Larsson	\$17.79	\$7.20

Percebe-se, portanto que todos os livros em formato digital são mais baratos que os livros em formato impresso. O último livro, “The Girl with the dragon tatoo” revelou uma economia de mais de dez dólares em relação a sua versão impressa. Se um estudante comprasse o último modelo do Kindle, versão 3G, gastaria 189 dólares no dia 14 de novembro de 2010. Pode-se supor que o mesmo estudante tivesse à disposição mais 189 dólares para gastar em livros. Caso comprasse tudo de *e-books*, imaginando-se que cada *e-book* saísse por 10 dólares cada, levaria pelo menos 18 livros. Se utilizasse a mesma quantia para gastar com livros em papel, inferindo-se que cada um saísse a 20 dólares, levaria 9 livros. Pelo mesmo valor o estudante levaria o dobro de livros.

Os países em desenvolvimento, em sua maioria ainda apresentam problemas educacionais. Dentre outros fatores que afetam esta questão, a diminuição dos preços poderia aumentar os níveis de leitura. O Relatório sobre a leitura do brasileiro realizado em 2008 pelo Instituto Pró-Livro mostrou que de um universo de

172.731.959 de pessoas, 60 milhões (35%) declararam ler em seu tempo livre, sendo esta a quinta atividade mencionada pelos entrevistados logo após “assistir televisão”, “ouvir música”, “descansar” e ouvir rádio”. (AMORIM, 2008).

7.3 Praticidade

Sem dúvida um dos fatores de maior atratividade para estes novos dispositivos são as capacidades de conexão com as livrarias online. A megastore virtual Amazon, por exemplo já disponibiliza grande parte de seu acervo nos dois formatos, impresso e digital. De acordo com Gelles (2010) a Amazon já vende mais *e-books* que livros de capa dura. Esta novidade fortalece o mercado editorial em vez de enfraquecê-lo. A maior parte dos livros de capa dura são livros caros, em geral livros de arte. Como pesam mais que os livros de brochura, aumentam os custos do transporte e do frete. Portanto, tais acréscimos fazem a diferença quando somados ao já alto custo do livro na prateleira.

Kang (2009) explica que já estão surgindo serviços que atualizam automaticamente o conteúdo de jornais, revistas, listas de livros e outros periodicamente. Para o consumidor, que busca cada vez mais conforto e praticidade, este é um avanço significativo.

Os *e-book readers* também integram a estrutura ubíqua que se espalha cada vez mais pelas cidades. A depender do modelo, as possibilidades de conexão *Wi-fi* ou *3G* permitem que o usuário adquira um *e-book* de um ônibus com conexão *Wi-fi* tranquilamente. De acordo com Leite (2008), *ubique* é um termo que vem do latim e foi difundido a partir de um romance de Philip K. Dick, no final dos anos 60. Ubiquidade é um fenômeno ligado a expansão da rede informacional já existentes para além dos computadores portáteis, podendo ser melhor entendida a seguir:

Esse fenômeno se constrói a partir de objetos portáteis e dos ambientes, estabelecendo uma relação entre os espaços físicos, o cotidiano social e a rede virtual por meio do telefone celular, do GPS (Global Positioning System), do computador de bolso ou PDA (Personal Digital Assistant), dos tags (ou flashcodes), dos chips diversos e, invisivelmente, dos territórios servidos pela conexão sem fio - wifi ou bluetooth. (LEITE, 2008)

Dentre os benefícios em se comprar um livro do próprio dispositivo está a instantaneidade da compra e o baixo preço pago pelo serviço. Se alguém compra um livro pela rede da *Wispernet*, *3G*, *Wi-Fi* ou por download no computador pessoal,

dentro dos Estados Unidos, não paga nada. Caso a pessoa esteja fora, paga cerca de U\$1,99 adicionais, sendo o download para o computador gratuito. Entretanto, mesmo com tal taxa ainda sai mais em conta comprar um *e-book*.

A saída USB e a saída para fones de ouvido são mais dois recursos que reforçam o quesito praticidade. No primeiro caso, caso se queira deletar um livro de sua “biblioteca pessoal”, basta abrir a pasta e deletar o documento. O que é diferente dos produtos da Apple, como o Iphone que obriga o usuário a utilizar o Itunes como intermediário para adicionar ou deletar os documentos. No segundo caso, se o usuário tem alguma necessidade especial, como deficiência visual, pode utilizar os fones de ouvidos para ouvir um audiobook também vendido nas livrarias virtuais.

A maioria dos dispositivos permite a alteração da fonte. É uma importante função também para os que têm problemas de vista. Alguns dispositivos como o Kindle contém uma função de busca, que facilita para quem precisa encontrar temas específicos em tempo hábil e um dicionário embutido. Estas inovações vêm para sanar problemas básicos do livro tradicional. A fonte nem sempre está de acordo com o gosto ou a necessidade do leitor. Ter que abrir um dicionário no meio da leitura do livro, além de levar tempo, desagrada a maior parte dos leitores. Outro ponto interessante de praticidade é a possibilidade de adicionar notas aos documentos. Isto é eficiente para fazer um resumo, por exemplo, bastando copiar todas as notas para um documento .doc e organizar o texto.

Em relação ao formato aceito pelos dispositivos, Drinkwater (2010) afirma que a maioria aceita os formatos TXT, RTF, HTML e PDF. Já para fotos, os tradicionais JPG,GIF, PNG e BMP. Mas facilmente percebe-se que o mais vendido dentre os *e-book readers*, o Kindle não aceita todos estes formatos para todas as versões já lançadas. O primeiro Kindle lançado, por exemplo só aceita arquivos com a extensão .AZW. A tendência, no entanto é que os *e-book readers* passem a utilizar um padrão em alguns anos assim como ocorreu com o VHS.

8 Cenário do livro digital e das plataformas de leitura

As transformações na indústria do livro estão acontecendo de forma rápida, ao menos no que diz respeito aos países desenvolvidos. No século XX ocorreram diversas mudanças de mídia.

Dado o impacto revolucionário que os computadores tiveram em todos os setores da sociedade, vivenciamos uma convergência para as tecnologias digitais, em oposição ao físico ou analógico. Isto ocorreu com a televisão, a música, o cinema e está ocorrendo com o livro. Porém a utilização de um novo suporte não implica necessariamente o fim da utilização dos anteriores. Behar (2010) apresenta um gráfico que expõe as “viradas” na indústria fonográfica de 1973 a 2009:

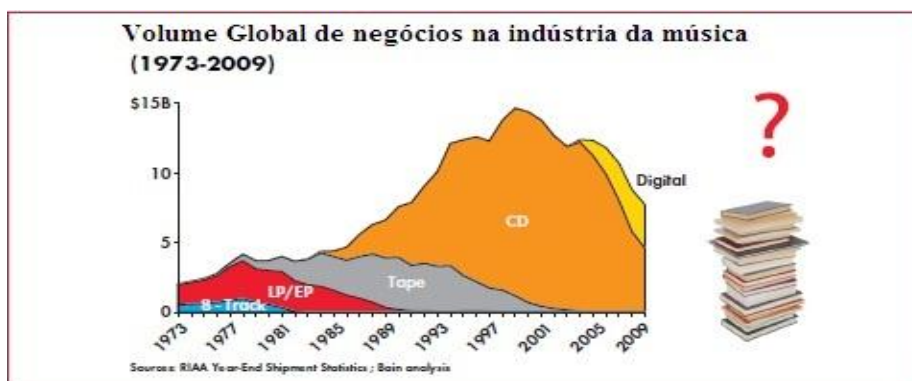


Figura 3 - Volume global de negócios na indústria da música

Fonte: Behar (2010)

Apesar de a indústria não estar lucrando como nos tempos áureos, pode-se inferir a partir da vendagem que uma quantidade significativa destes suportes tenham sido difundidos pelo mercado. Muitos deles ainda estão a venda hoje em dia. Outros podem ser encontrados em bibliotecas. Este enfoque é de extrema importância para o profissional da informação. Muitos bibliotecários têm se preocupado com o fim do livro, do CD, do DVD, etc. Isto não é tão importante quanto os meios necessários para preservar tais documentos. Não importa tanto se a indústria cessará de produzir CDs assim como se não se produzem papiros em larga escala mais. O bibliotecário sempre será um dos profissionais mais adequados para assegurar o acesso a informação, esteja esta em que suporte estiver.

No que concerne aos livros não é diferente. Existe uma clara expansão no consumo de *e-books*. Behar (2010) afirma que existe uma projeção de que o mercado de *e-books* atinja de 15 a 20 por cento da população em países desenvolvidos. Em outras palavras, isto quer dizer um crescimento da vendagem de documentos em formato digital na indústria do livro. A maior preocupação do bibliotecário deve ser acima de tudo como lidar com a disseminação deste tipo de informação. Quanto ao livro impresso, o bibliotecário já detém o *Knowhow* que lhe garanta cumprir a missão

de fornecer o acesso a tais documentos. Já no que concerne aos documentos em formato digital, há ainda um longo caminho a se percorrer pela frente. Em outras palavras, é preciso saber lidar com o empréstimo confiável dos documentos, a variabilidade dos formatos e também a existência insuficiente de títulos neste formato.

Interessa saber se já é o momento adequado a se preparar ou se a indústria livreira ainda caminha a passos lentos no que diz respeito aos documentos digitais. Neste ponto cessam as semelhanças entre a indústria fonográfica e a indústria livreira. Como vimos no gráfico acima, nunca se lucrou tanto nesta indústria quanto com a adoção do CD. Entretanto, a pirataria foi um fator decisivo para o declínio desta mídia. Mesmo após a lenta adoção das vendas de música digital, assistimos a um constante fenômeno de pirataria na rede mundial de computadores. Com a indústria do livro, é diferente. Existem as cópias ilegais que ferem os direitos autorais, mas não é esta a razão da adoção de mídias digitais. Fatores como preço, função ecológica, comodidade podem levar o usuário a optar pelo formato digital em detrimento do impresso, mas isso não é um consenso. O fato é que os *e-book readers* realmente alavancaram a venda de livros digitais. De acordo com Dignan (2010), em julho de 2010 a Amazon estava vendendo em média 1,8 *e-books* para cada livro de capa dura. A International Digital Publishing Forum em conjunto com a Association of American Publishers (AAP), publica quadrimestralmente a venda de *e-books* no comércio varejista dos Estados Unidos. O gráfico abaixo mostra a evolução em vendas de 2002 a 2010:

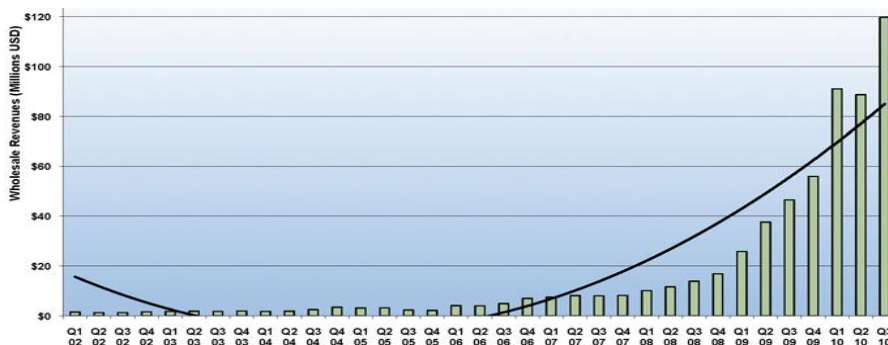


Figura 4 - Venda de livros eletrônicos no comércio varejista dos Estados Unidos

Fonte: THE INTERNATIONAL DIGITAL PUBLISHING FORUM, 2010.

Como pode-se perceber, existe uma tendência de crescimento acelerado, em especial a partir de 2008, quando o Kindle, da Amazon começou a se popularizar. Isto mostra que, com um dispositivo móvel, mais barato que o computador e sem a

incômoda luz branca, é possível ler os livros eletrônicos de forma bem mais agradável. O Ipad, da Apple também está sendo um grande responsável pelo aumento na vendagem de livros. Apesar de emitir a luz que, com o tempo pode cansar a vista do leitor, permite uma experiência multimídia impressionante.

Behar (2010) apresenta uma interessante pesquisa realizada com 3000 consumidores dos Estados Unidos, França, Japão, Alemanha, Reino Unido e Coréia do Sul com o objetivo de avaliar a migração dos formatos impressos aos digitais. O autor acredita que com o tempo a tendência é que estas tecnologias se abram para novas capacidades multimídia e que o preço gradativamente caia, fazendo com que um público mais abrangente possa ter acesso a este tipo de dispositivo. Porém, um fator de grande relevância neste cenário é a popularização dos *e-book readers*. Um dos gráficos mostra a penetração dos *e-book readers* nos países estudados numa perspectiva de dois anos:

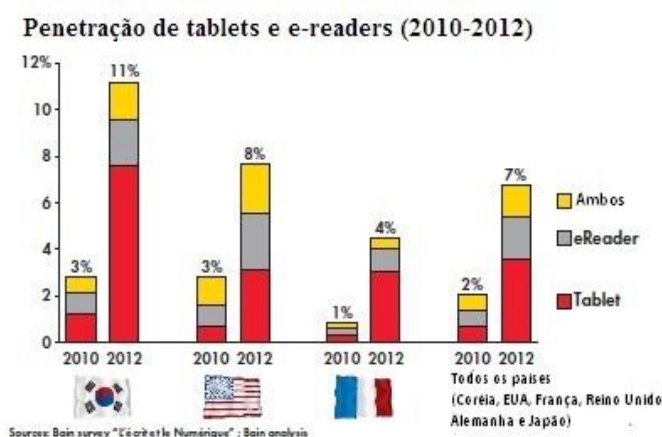


Figura 5 - Penetração de tablets e *e-book readers* (2010-2012)

Fonte: Behar, 2010.

O gráfico mostra taxas de penetração de dois tipos de dispositivos: os *e-book readers* como o Kindle, por um lado e a de *tablets*, como o Ipad de outro. As porcentagens são relativas à quantidade de dispositivos vendidos até o momento, além de uma projeção para os dois anos seguintes. Ainda que os *tablets* possam ser utilizados para a leitura de documentos digitais, não é seguro ainda, a esta altura, dizer que este é o principal foco destes dispositivos. Um consumidor poderia comprar um Ipad, por exemplo, sem nunca baixar ou ler um livro sequer no mesmo. Por outro lado, os *e-readers* são tecnologicamente voltados para a leitura de documentos. Ainda assim, com um tablet na mão, pode-se inferir que já existe um passo para a leitura de

documentos. Para se ter uma melhor dimensão do alcance de penetração destes dispositivos, seria interessante que mostrássemos a população do maior destes países, os Estados Unidos. De acordo com o The United States Census Bureau, órgão responsável pelo censo americano, a população aproximada seria de mais de 300 milhões e 700 mil habitantes. Um aumento de 5% em dois anos é algo impressionante tendo em conta a dimensão do mercado norte americano.

Dando seguimento aos resultados da pesquisa, Behar encontra alguns dados interessantes sobre as barreiras que impedem os possíveis usuários de adotar os *e-books*. As respostas foram: 41% respondeu que “Não desejam abandonar a “experiência com o papel”, 35% que os dispositivos (por exemplo, *e-book readers*) são muito caros, para 33% ler diante de uma tela é cansativo, 30% nunca havia pensado sobre o assunto até o momento, para 25% os *e-books* são muito caros, 12% mencionou que o dispositivo não é conveniente ou muito complicado, 4% respondeu que o dispositivo é muito frágil e 3%, afirmou que “eu recebo conselhos de meu livreiro para comprar meus livros”. Porém, percebemos que em algumas respostas há certo desconhecimento por parte dos pesquisados. Este fenômeno é possivelmente fruto da falta de divulgação das capacidades dos *e-readers* ou pelo fato de os mesmos terem surgido a pouco tempo. Caso esta pesquisa abordasse pessoas no Brasil que decidissem adquirir um *e-book reader/e-book* atualmente sentiria realmente o impacto dos preços. Um dos fatores que fazem estes dispositivos terem um alto custo aqui no Brasil são os impostos. Caso encomende um Kindle, por exemplo da loja da Amazon nos Estados Unidos, pagará o valor do produto mais 60% de impostos em cima do valor do produto mais uma taxa de ICMS, fora o frete. O site da Receita Federal explica que estes impostos são cobrados a todos os produtos eletrônicos que excederem 50 dólares americanos. Um caso importante a ser lembrado é o do advogado Marcel Leonardi que, de acordo com Zmoginski (2009), conseguiu pagar o valor do Kindle sem os impostos normalmente cobrados. Isso ocorre porque livros e manuais estão isentos de impostos. No entendimento da juíza do caso, como o kindle tem como função exclusiva a leitura de documentos escritos, poderia ser considerado como um livro dentro da lei. Entretanto, este caso não se estendeu a todos os brasileiros, ficando restrito ao autor da ação. Os *e-books* no Brasil, como falaremos mais a frente, realmente são caros em relação aos livros impressos. Isso se dá porque não ocorreu a popularização destes dispositivos no país. Como a tiragem é pequena, o preço continua alto.

O equívoco que poderia se inferir em relação às respostas dos pesquisados diz respeito às funcionalidades dos *e-book readers*. Muitos dos que ouviram falar em *e-book readers* “joga” todos os modelos num mesmo saco. Por isso vemos respostas como “ler diante de uma tela é cansativo”. A e-ink é uma tecnologia que não emite luz branca. A menos que o usuário esteja condicionado a pensar que ler diante da tela cansa, não há nenhuma justificativa para a afirmação referida. Outra resposta interessante nesta pesquisa é quanto à fragilidade dos dispositivos. Mary H. White, diretora da biblioteca Howe, em New Hampshire (apud Waterfield, 2010) explica que em seu teste até o momento não havia sido registrado nenhum dano aos dispositivos emprestados. É difícil prever a duração dos *e-book readers*, mas como a concorrência cresce, os dispositivos estão sendo feitos para durar mais.

Consideramos que as duas respostas “Não desejam abandonar a ‘experiência com o papel” e “eu recebo conselhos de meu livreiro para comprar meus livros” realmente são condições que não possam ser atenuadas não obstante o esforço das fabricantes de aproximar os *e-book readers* do livro impresso. A partir disso, deve-se considerar que estamos falando de coisas diferentes. Uma não substitui a outra.

No que concerne aos *e-book readers*, interessa saber se a experiência tem sido positiva em relação ao hábito de leitura. Em outro resultado da pesquisa realizada por Behar (2010) é feita exatamente este tipo de análise:

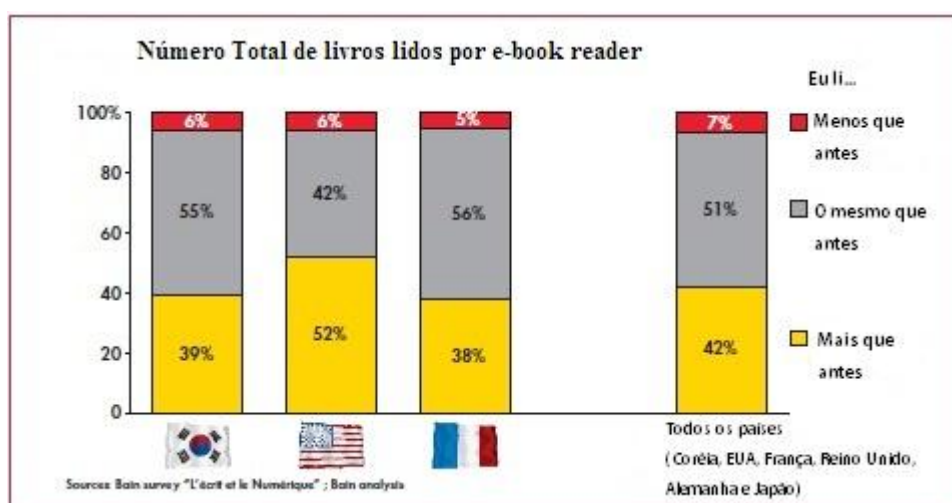


Figura 6 - Número total de livros lidos por *e-book reader*

Fonte: Behar, 2010

O gráfico acima mostra a porcentagem do número total de livros lidos em *e-book readers*. As respostas são: Eu leio “menos que antes”, “o mesmo tanto que

antes”, “mais que antes”, nesta ordem. Behar mostra em sua análise que um dado importante é que em todos os países, em média 40% dos entrevistados respondeu que lia mais que antes. Talvez este fenômeno diga respeito ao fenômeno dos chamados “*early adopters*”. Muitas vezes as pessoas adquirem o dispositivo somente porque está na moda ou porque outros estão comprando. Isto poderia fazer com que pessoas que, apesar da pessoa não ter costume de ler livros, passem a ler para justificar a compra. Por outro lado, a portabilidade possibilita que um usuário leve dez livros num Kindle, mas deixe de levar a quantidade correspondente de livros impressos numa viagem, por exemplo.

A promoção da leitura é uma das grandes metas da atividade bibliotecária. Se os *e-book readers* conseguirem proporcionar um novo modo de perceber o livro de forma que desperte o interesse pela leitura, conseguiremos um grande feito. Bellei (2002) faz um interessante e surpreendente relato histórico sobre a força dos livros de bolso para a leitura:

A revolução tornada possível pelo surgimento do livro de bolso, a partir de 1950, contribuiu mais para a democratização da leitura do que a internet, e é provável que a cultura literária tenha sido mais afetada negativamente pela formação dos monopólios de editoras do que pela presença do computador como força dispersiva capaz de comprometer a formação da capacidade crítica.

Não há como não se fazer um paralelo com os *e-book readers*. Os livros de bolso são versões mais portáteis, com capa mais maleável e letras menores com o objetivo de diminuir os custos. O objetivo dos livros de bolso é baratear os custos. Os *e-books* também são vendidos a preços mais baixos na maioria das varejistas. Daqui a algum tempo, podemos estar nos referindo a um novo marco na promoção da leitura.

Renner (2009) apresenta uma pesquisa realizada em 2007 com os bibliotecários de seis universidades no mundo sobre a adoção e uso de *e-books*. Os pesquisados foram convidados a avaliar os potenciais benefícios dos *e-books* numa escala de um a sete, sendo 1 completamente insignificante e 7 extremamente significativa:

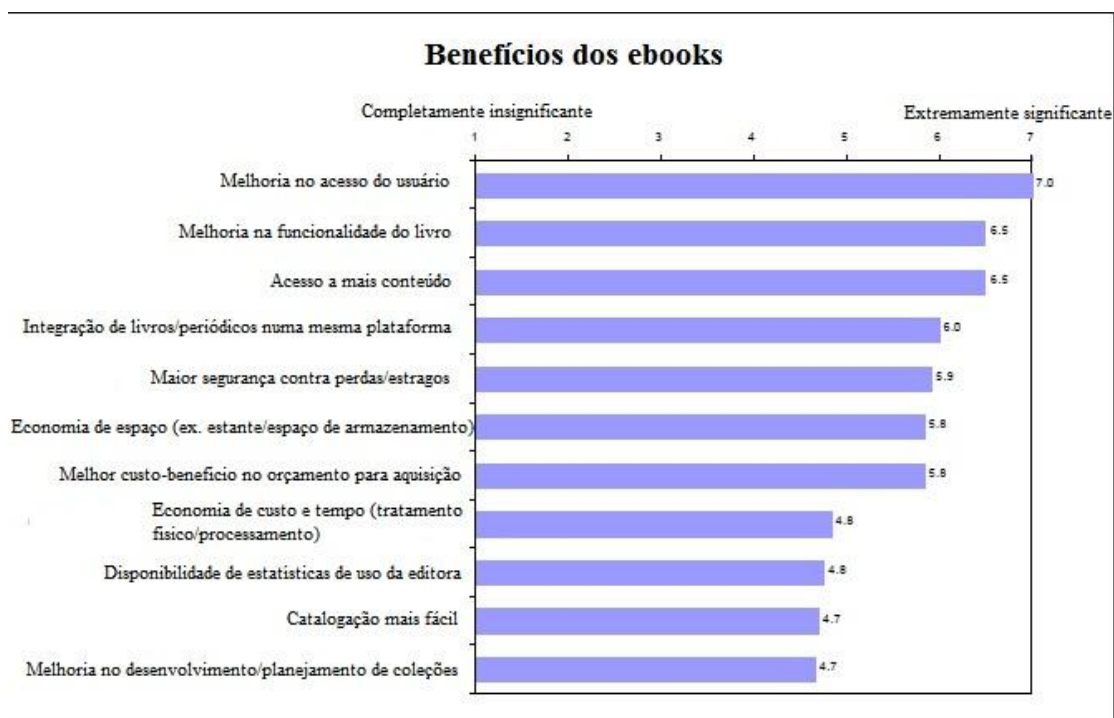


Figura 7 - Benefícios dos *e-books*

Fonte: Renner, 2009.

Esta pesquisa mostra exatamente o lado oposto da anterior. Enquanto a anterior mostrava as barreiras para a adoção de ebooks, esta mostra os benefícios dos mesmos para os bibliotecários pesquisados. É importante esclarecer algumas das respostas da pesquisa: a primeira resposta “melhoria no acesso do usuário” provavelmente diz respeito a possibilidade de o usuário poder ter contato com um *e-book* esteja onde estiver, ao contrário do documento físico. Já a resposta “melhoria na funcionalidade do livro” teria relação com a facilidade em se encontrar palavras e trechos significativos sem ter que ler todo o documento ou a facilidade na citação de trechos, por exemplo. Quanto ao “acesso a mais conteúdo”, deve-se lembrar que com o nível tecnológico a que chegamos, estocagem de livros digitais numa base é indiferente financeiramente em relação ao espaço físico ocupado pelos livros impressos. Assim, a quantidade de conteúdo é vastíssima. Neste sentido, um usuário que nunca tenha ido a França poderia ter contato com obras raríssimas deste país à distância de um clique. Outra resposta interessante é quanto à “disponibilidade de estatísticas de uso da editora”. Com o advento dos *e-books* ficou muito mais fácil conseguir estatísticas de uso de um documento. Estas estatísticas são dadas em tempo real e podem ajudar o bibliotecário na seleção de documentos para seu acervo.

Ao contrário do que se pensa, os bibliotecários estão totalmente imersos nas discussões sobre os benefícios e as barreiras para o uso de *e-books* e *e-book readers*. É por isso que as próprias editoras estão se encarregando de efetuar pesquisas de opinião com estes profissionais. Outro fator interessante de se lembrar é que já existem diversos testes com *e-book readers* sendo feitos em bibliotecas em diversos países. Desta forma, interessa saber quais são os temas mais procurados pelos usuários, pois isso auxiliará os bibliotecários em suas tarefas de seleção de conteúdo para suas bibliotecas. Para os varejistas é importante saber quais os conteúdos que os usuários estão dispostos a pagar. Por outro lado, os bibliotecários precisam dos dados referentes ao que os usuários não estão dispostos. Estes são os conteúdos que podem ser oferecidos pelas bibliotecas. O que os usuários comprariam em primeiro lugar não é tão importante para as bibliotecas quanto os conteúdos que são importantes para os usuários, mas não são urgentes ou que eles não veem necessidade de ter no momento. Behar (2010) nos apresenta um gráfico também da pesquisa realizada sobre os atuais gêneros de mais interesse dos usuários e a forma como estes dados podem mudar no futuro:



Figura 8 - Qual gênero de literatura você estaria mais disposto a ler no formato digital em lugar do impresso.

Fonte: Behar, 2010.

Analisando os dados apurados, pode-se extrair alguns pontos interessantes. Os gêneros ilustrados e infantil podem ganhar mais espaço na medida em que os *e-book readers* se desenvolverem tecnologicamente. Muitos *e-book readers* ainda não são

coloridos ou não oferecem uma boa experiência para livros ilustrados. As editoras também ainda não estão muito focadas no público infantil, de modo que os poucos *e-books* vendidos pelas *bookstores* ainda são pouco explorados. Na maior parte das vezes são apenas versões dos livros impressos. Estes apresentam diversos atrativos para a criança como o formato diferenciado, o tamanho, etc.

A tendência é que a literatura recente tenha mais alcance em todos os países, com exceção dos Estados Unidos e Reino Unido. A razão disso se dá provavelmente por causa da Amazon que tem força nestes tanto nos dois países mencionados. A gigante do varejo consegue fazer com que a maioria dos seus lançamentos seja lançada em versão digital, o que não ocorre em outros países nos quais os *e-book readers* ainda não se difundiram. Deste modo, nos EUA e no Reino Unido os lançamentos hoje são os mais procurados, mas com a digitalização de obras clássicas, muitas em domínio público, é muito provável que a literatura mais antiga tenha mais espaço. No geral deve ocorrer um equilíbrio entre a compra de livros recentes e mais antigos.

Porém o bibliotecário não deve se preocupar apenas com os *e-books*, existem outros tipos de documentos eletrônicos como os jornais e revistas. Em sua pesquisa, Behar apresenta os conteúdos que os consumidores mais estariam dispostos a pagar em jornais digitais:



Figura 9 - Conteúdo para cada consumidor de jornais online pagos hoje

Fonte: Behar, 2010.

Na prática, o jornal em formato digital não é muito diferente da versão impressa. O que a maioria dos jornais faz é enviar uma versão resumida da matriz que será impressa. Entretanto, vale a pena saber os conteúdos de maior interesse para os

usuários, pois é bem mais fácil fazer jornais mais direcionados para determinado público que na versão impressa. Você não precisa agradar a todos para que o seu jornal seja bem vendido, até porque não existe o problema de haver pilhas e pilhas encalhadas num galpão. Você vende o jornal para um público específico. Se as vendas caem os editores podem receber *feedback* em tempo real, o que faz com que a edição do dia posterior já esteja prontamente corrigida. Behar (2010) alerta que, no entanto, “até mesmo aqueles que desejam pagar dizem que gastariam três vezes menos em notícias no formato digital que na versão impressa” (Tradução nossa). Esta pesquisa ocorre num momento em que a tecnologia dos *e-book readers* ainda é muito recente. As primeiras versões destes dispositivos não são muito adequadas para a leitura de jornais. Os dispositivos são lançados sem todas as potencialidades de um *e-book reader* e, em geral, alguns poucos meses depois é lançada uma nova versão com a implementação de alguma funcionalidade. Isso ocorreu do Kindle 1 para o DX. Enquanto o primeiro era pequeno, mais voltado para a leitura de romances, o segundo foi desenvolvido principalmente para a leitura de jornais e artigos científicos por seu comprimento maior. Além disso, esta versão já aceita documentos PDF, ao contrário do primeiro. Fatos como esses fazem com que um portador do Kindle1 realmente esteja bem mais propício a adquirir a versão impressa no lugar da digital.

O desejo de atrair leitores para esta tecnologia resulta na constatação de que ainda há muito a se explorar. Coover (1992 apud Bellei, 2002) explica que existe um movimento de aprisionamento do pensamento pelo autor. Este movimento é chamado de “ditadura da linha”. Isto se dá porque ao seguir uma linearidade de raciocínio requerido pela impressão, acaba-se por oprimir, condicionar o leitor. Em outros trechos Bellei relata que mesmo para o livro impresso houve tentativas de quebrar tal linearidade. Uma das formas de fazer isso é o uso de notas. Já Behar (2010) esclarece que existem diversos níveis de interatividade no que concerne à experiência da leitura e cita quatro deles:

Híbrido: este é o tipo de conteúdo que consegue pegar a linearidade tradicional dos livros impressos e mesclar com outras mídias. Existe um exemplo interessante deste tipo de livro: é a *Bíblia Glo*, que traz vídeos, fotos, mapas, etc a partir do texto bíblico. Outros exemplos são os livros publicados pela editora Vook, que publica livros que também integram áudio e vídeo. Além disso, estabelece comunicação com as principais redes sociais para que o leitor possa compartilhar sua experiência. Também existem as publicações da Scrollmotion em parceria com a Vila Sésamo e que permite

que a história seja narrada, que o usuário escolha as vozes dos personagens. A editora *Random House* também lançou alguns títulos que trazem tais possibilidades adicionais anexas/embutidas ao texto escrito.

Não-linear: Um exemplo muito interessante deste tipo de texto é o do serviço Memeorandum, que compila diversas notícias de blogs e famosas agências de notícias num mesmo lugar. Abaixo de cada notícia é possível abrir outros artigos relacionados que são automaticamente selecionados por algoritmos. Como existem diferentes correntes e fontes, diz-se que não há linearidade na compilação das notícias. Isso proporciona ao leitor uma nova experiência de leitura, não mais guiada por um autor, mas pescada segundo a aleatoriedade dos números.

Interativo: este é o tipo de texto que permite ao antigo leitor do modelo tradicional se tornar co-autor. O autor empresta a autoridade sobre o texto para que outros possam participar da atividade criativa. No *The Amanda Project* é possível que qualquer pessoa crie seu próprio personagem ou sua própria história. Começando de um ponto inicial, o autor é convidado a continuar a história. Se a história for interessante, é posteriormente publicada no formato impresso. Já no blog “How to Change the World”, do autor Guy Kawasaki, logo no topo da página é possível verificar a descrição “um blog prático para pessoas não-práticas”, no qual existe espaço para que os leitores colaborem com o tema e o escopo de seus futuros livros. Estas experiências colaborativas, no entanto já são relativamente antigas. Antes mesmo do computador, um autor já utilizava as críticas e reclamações para elaborar a próxima edição do livro.

Social: este é um tipo mais avançado de comunicação no qual o autor se comunica com o leitor e os leitores se comunicam entre si. Na comunidade virtual Authonomy.com é possível que o autor publique seu livro e os usuários monitorem, comentem e avaliem o livro. Este site permite que os autores publiquem seus manuscritos e que seus livros tenham uma página própria como um espaço de interação e integração entre autor e leitores. Outro exemplo interessante é o da Shelfari.com, recentemente adquirida pela Amazon. Esta rede social permite que o usuário crie uma prateleira com seus livros prediletos (de modo que os outros usuários vejam). Estes livros também podem ser avaliados e criticados. Além disso, existe a possibilidade de se realizar catalogação cooperativa. Outros exemplos são a LibraryThing, GoodReads e o brasileiro Skoob.

8.1 As principais versões do Kindle – 1, 2 e 3

O dicionário Houaiss inglês-português em sua edição atualizada de 1982 traz as seguintes acepções para o termo Kindle: VT. acender, pôr fogo a, atear; (Fig.) inflamar, excitar, despertar, inspirar, etc. Por estas poucas definições já é possível compreender o que Jeff Bezos, fundador da Amazon, quis transmitir ao nominar desta forma seu primeiro *e-book reader*.

Segundo Lebert (2009), o primeiro *e-reader* lançado pela Amazon pôde ser comprado a partir de novembro de 2007. Entretanto, a autora lembra que existiram alguns precedentes na história do *e-book reader*. Primeiro as pessoas liam os *e-books* em seus Desktops. Ler um *e-book* num computador de mesa não é nada fácil. Sabe-se que a falta de mobilidade conjugada à luz emitida pelos monitores constituem um claro empecilho para quem pretendesse descansar lendo um livro de ficção após uma longa jornada de trabalho, por exemplo. Em seguida os livros digitais passaram a ser lidos em notebooks. Do desktop para o notebook já temos um enorme avanço concedido pela portabilidade inerente a este equipamento. Ainda assim, não se pode ler longas horas num notebook sem recarregá-lo. As baterias para este tipo de equipamento ainda não foram desenvolvidas o bastante para que um leitor possa esquecer do tempo em sua leitura. Outro entrave a ser considerado é o tamanho. Por mais que estejamos falando dos levíssimos netbooks, não pode-se falar que sejam anatomicamente adequados para leituras demoradas. Ainda neste suporte persiste a questão da luz emitida pelo monitor. Já em março de 1996 foi lançado o primeiro PDA pela Palm. Daí em diante as pessoas puderam carregar seus *e-books* nos PDAs, cada vez mais populares, em especial entre executivos.

Após o primeiro PDA lançado pela Palm, vieram diversos outros como o Pocket PC, lançado pela Microsoft. Ainda pode-se lembrar os dispositivos lançados pela Hewlett-Packard, Sony, Handspring, Toshiba e Casio. Logo após o lançamento dos PDAs, foram lançados os primeiros smartphones da Sony Ericsson e da Nokia.

Os *e-book readers* surgiram sem surtir muito impacto entre a mídia e os consumidores. Ao contrário dos antecedentes dos leitores de livros, os primeiros surgiram sem tantas funcionalidades. Um notebook e um smartfone seriam muito mais atrativos por já terem se consolidado e pelo caráter multifuncional, já os *e-book readers*, pelo menos a princípio ficariam restritos a uma camada específica entre os consumidores. Os primeiros lançados foram o Rocket eBook, o SoftBook Reader, o

GemstareBook e o Cybook. Sabe-se que, todos estes não duraram muito tempo (LEBERT, 2009).

Mais a frente, foram lançados melhores dispositivos como o da Sony, em 2006 e, finalmente o primeiro Kindle. Este tornou-se sinônimo de *e-book reader* justamente por causa da gigante Amazon, que já havia se consolidado como a grande varejista do mercado livreiro nos Estados Unidos. Logo que surgiu, o primeiro Kindle foi vendido pelo preço de 399 dólares. (WEBER, 2009). Thompson (2009) realizou uma pesquisa com funcionários e estudantes da Texas A&M university. Foram testados 6 diferentes dispositivos. Ao testar o Kindle da primeira geração, obtiveram as seguintes percepções “Falta de impressão positiva por parte dos professores e da faculdade”, “dificuldade para ligar e desligar, difícil de segurar”, “design com aparência barata” e “documento em formato proprietário; necessidade de pagar para converter os arquivos”.

Ainda assim, de acordo com Lebert (2009) em 2008 foram vendidos cerca de 580.000 Kindles da primeira geração. O catálogo inicial era composto de 80.000 *e-books*. Dentre as principais características estavam: memória embutida (250 mb), tela com tecnologia e-ink e botões para mudança de página.

O próprio site da Amazon (2010) disponibiliza algumas informações adicionais sobre o Kindle. Com esta versão, o usuário pode adquirir o *e-book* por basicamente dois meios: pela Wispernet, que é uma rede nacional de dados por alta velocidade e por EVDO. Tais redes são gratuitas, porém não têm nenhuma função fora dos Estados Unidos. A tela tem seis polegadas, com uma resolução de 600x800. Ainda possui 4 níveis na escala de cinza e pesa cerca de 290 gramas.

Esta versão permite que sejam adicionadas notas por linhas, ou seja, utiliza-se a barra de rolagem à direita do dispositivo e escolhe-se a linha que o usuário deseja adicionar a nota. Após a adição da nota ao livro, aparece no lugar desejado um pequeno símbolo que indica a operação recém realizada. Para resgatar a nota, basta retornar ao menu inicial e visualizar todas as notas existentes. Ainda é possível ter acesso por meio da pasta do dispositivo num computador pessoal, sendo permitido editá-la por meio do documento em formato .txt.

Outra funcionalidade interessante é o botão “search”. Este botão permite realizar buscas em três diferentes fontes: na Wikipedia, na Web ou nos documentos armazenados no próprio Kindle. Caso se escolha a opção pela busca nos documentos

do dispositivo, aparece uma listagem com trechos do livro em três linhas com o termo da busca em negrito.

O kindle da primeira geração ainda dá a possibilidade de se aumentar o tamanho do texto. Ao apertar o símbolo correspondente, o dispositivo disponibiliza seis diferentes tamanhos de fonte. À medida que se aumenta o tamanho da fonte, no entanto, aumenta-se o número de vezes que o usuário deve passar a página. No Kindle não é possível falar em página justamente porque a quantidade pode variar de acordo com a fonte utilizada. O dispositivo usa o termo “Locations”, que são os locais onde o usuário pára ao pausar a leitura. Ainda existem porcentagens que são atualizadas à medida que se avança na leitura.

Também é possível realizar uma pesquisa no “The New Oxford American Dictionary”, um dicionário que já vem embutido no dispositivo. Para acioná-lo é preciso dar um clique na linha em que se encontra a palavra que se quer saber o significado. Em tal versão, o dicionário é em inglês, portanto caso se compre um livro em português, o dicionário não possui nenhuma funcionalidade.

Ainda é possível adicionar marcações e sublinhar linhas. Nesta versão ainda não é possível sublinhar por palavras, mas por linhas. Os trechos com destaque são armazenados na memória e, assim como as notas são passíveis de serem resgatados na pasta do Kindle no computador pessoal.

O menu ainda permite comprar livros diretamente do sítio amazon.com. Também é possível ouvir músicas enquanto o usuário lê determinado livro, sendo necessário somente adicionar documentos no formato MP3. Esta versão ainda dá a possibilidade de organizar os documentos na página principal de acordo com as preferências dos usuários.

Na figura abaixo é possível visualizar a estrutura externa frontal do Kindle da primeira geração:

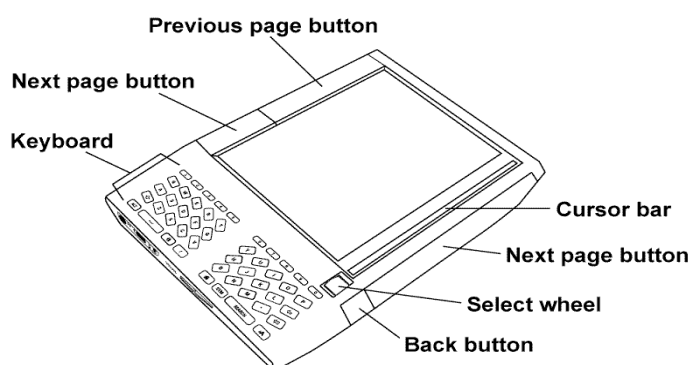


Figura 10 - Visão frontal – kindle 1**Fonte: AMAZON, 2007?****8.1.1 Kindles 2 e 3**

A segunda versão do Kindle foi lançada em 2009. Em relação às funcionalidades, não houve grandes mudanças. Entretanto, o design foi reformulado. Muitas críticas ao primeiro Kindle estão ligadas ao design e à estrutura anatômica. O primeiro Kindle vinha com dois botões grandes. No momento em que o usuário segurava o dispositivo com as duas mãos, corria-se o risco de mudar de página involuntariamente. Na nova versão, os botões destinados a passar e voltar a página estão menores e mais rígidos, de forma que mesmo que se esbarre nas teclas por acidente, torna-se mais difícil de se passar de página sem a intenção.

A definição desta versão também melhorou em relação à primeira, pois passou-se de 4 para 16 níveis de escala de cinza. Além disso, nesta versão é possível aproximar-se das partes com a ferramenta “zoom”. Segundo a própria Amazon, esta nova versão atualiza as páginas cerca de 20% mais rápido que a primeira versão. A capacidade de armazenagem também aumentou para 2GB. Em relação ao software, pouca coisa mudou em relação ao Kindle 1, tendo apenas como destaque certos aspectos do layout.

Pode-se citar, no entanto, duas grandes novidades: a ferramenta de leitura automática dos textos, que pode ser incrivelmente importante para pessoas com necessidades especiais e a possibilidade de leitura de textos PDF.

Já o Kindle 3, em termos de seu formato permaneceu muito parecido com o Kindle 2 e o DX (que é uma versão maior do Kindle 2). A tela é de seis polegadas e, de acordo com a Amazon, as páginas podem ser passadas com muito mais rapidez. Nesta versão, houve uma melhoria no contraste da tela de 50% trazida com a tecnologia E-Ink Perl. Também foram adicionados novos tipos de fonte, o corpo do dispositivo foi reduzido, tendo mantido o mesmo tamanho da tela, o peso também diminuiu para 241 g, a bateria agora passa a durar um mês com apenas uma carga, além de melhorarem a leitura de textos PDF. Em resumo, o novo Kindle é o resultado de uma disputa acirradíssima por espaço no mercado iniciada pela própria Amazon. Algumas das características adicionadas nesta versão do Kindle já existiam em dispositivos similares. O fato de a Amazon ter lançado quatro versões (incluindo-se o Kindle DX) em tão pouco tempo, mostra que, apesar de a Amazon continuar detendo a

maior fatia do mercado, outras opções crescem no mercado. A pesquisa abaixo realizada pela Change Waves em maio de 2010 revela alguns dados sobre o mercado de e-readers. A pesquisa foi realizada com 245 respondentes:

Qual dos seguintes e-book readers você possui atualmente?

Amazon (Kindle)	62%
Ipad (Apple)	16%
Sony reader (Sony)	7%
Um Smartphone com capacidade de reader	7%
Nook (Barnes & Noble)	3%
Outro	7%

Figura 11 - Qual dos seguintes e-book readers você possui atualmente?

Fonte: INVERSTORPLACE, 2010.

A enquete mostra algo impressionante, no entanto. O Ipad foi lançado apenas um mês antes da realização desta pesquisa e, como pode-se perceber, já detêm 16% do mercado. Do ponto de vista técnico, a Amazon, detentora da maior parte do mercado também tem se preocupado.

Abaixo é possível verificar as diferenças no design dos modelos do Kindle 2 e 3:

Getting Around

You navigate Kindle using the 5-way controller; the Home, Menu, Back, and Next/Previous Page buttons; and the keyboard.

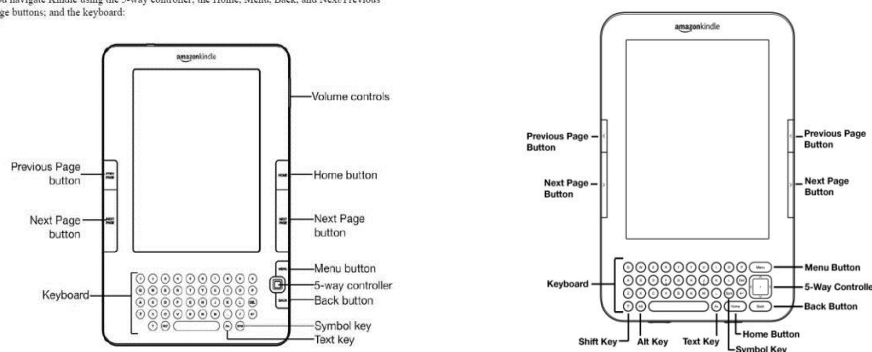







Figura 12 - Visão frontal : Kindle 2 e 3

Fonte: AMAZON, 2009? ; AMAZON, 2010?

Atualmente existem diversos quadros comparativos entre os principais *e-readers* disponíveis no mercado. Resolvemos escolher um comparativo que disponibilizasse informações sobre dois modelos Kindle (escopo deste trabalho), um Nook, um *e-reader* da Sony e um dispositivo multifunção da Apple – o iPad. Os itens avaliados são: tamanho, tamanho da diagonal, resolução, escala de cinza, navegação na web, capacidade de armazenamento, slot de expansão, formatos suportados, leitura do texto, duração da bateria, peso e preço:

Quadro 2 - Quadro comparativo entre *e-book* readers 2011

Modelo:	Amazon Kindle 3	Amazon Kindle DX	Barnes Noble Nook	Sony Reader Daily	Apple iPad
Imagem do dispositivo					
Tamanho Total (em polegadas)	7.5"x4.8"x0.335"	10.4"x7.2"x0.38"	7.7"x4.9"x0.50"	7"x5.04"x19/32"	9.5"x7.4"x0.50"
Diagonal do Display (em polegadas)	6"	9"	6"	7"	9"
Resolução (Em pixels)	600x800	1200 x 824	800x600	600 x 1024	1024x768
Escala de cinza (em bits)	16	16	16 *Também disponível a versão colorida	16	Colorido (IPS) LCD LED-Iluminada (com brilho)
Navegação na web	Sim	Sim	Navegação básica (Beta)	Não	Sim
Capacidade e de armaz.	4GB internos, (3.500 livros)	4GB internos (3.500 livros)	2GB internos (mais de 1.500 livros)	2GB internos (mais de 1.200 livros)	16, 32 ou 64GB

Slot de expansão	Não	Não	Slot de expansão Micro SD; um cartão de 16GB; é capaz de armazenar 17.500 <i>e-books</i>	Possui slot de expansão Dual Memory Card para Memory Stick Duo™ e SD Card aumentando para 32 GB. (50.000 livros).	Não
Formatos suportados	Kindle (AZW), TXT, PDF Áudio: AA, AAX, MP3. Além de MOBI, PRC; HTML, DOC, JPEG, GIF, PNG, BMP por conversão.	Kindle (AZW), PDF, TXT Áudio: AA, AAX, MP3. Além de MOBI, PRC nativo; HTML, DOC, RTF, JPEG, GIF, PNG, BMP por conversão.	EPUB, PDFs, MP3s, JPEG, GIF, PNG, BMP	EPub, PDF, TXT, RTF, Microsoft Word. Imagens : JPEG, PNG, GIF, BMP Audio : MP3, AAC	EPub, PDF, mp3, jpeg, gif, tiff, doc, docx, htm, html, key, numbers, pages, ppt, pptx, txt, rtf, vcf, xls, xlsx
Leitura do texto	A função Read-To-Me permite a leitura em ingles de jornais, revistas, blogs e livros em bom tom.	A função Read-To-Me permite a leitura em ingles de jornais, revistas, blogs e livros em bom tom.	Não	Não	Não
Duração da bateria	Mais de um mês com o wireless desligado, 10 dias com o wireless ligado	Mais de um mês com o wireless desligado, 10 dias com o wireless ligado	Mais de 10 dias com wireless desligado, 2dias com wireless ligado	10 dias com wireless; 22 dias sem wireless	Mais de 10 horas com wireless ligado
Peso (em gramas)	246 g	535g.	317 g.	272 g.	Modelo Wi-Fi: 680g; Wi-Fi + 3G: 725g.
Preço (Mais barato)	\$139 WiFi	\$379	\$149 WiFi	\$299.99	\$499

Fonte: EBOOK READER REVIEWS, 2010?

9 Atividades básicas da rotina bibliotecária

O bibliotecário é um dos chamados profissionais da informação. Num sentido amplo, outras áreas também trabalham (manipulam) diretamente com a informação. Como exemplo, podemos citar o jornalista e o historiador. Entretanto, em ambos os casos a informação é apenas um meio – para comunicar e como prova de estudo, respectivamente. No entanto, existem profissionais que trabalham com a informação afixada num objeto, ou seja, com documentos. Estes profissionais estão inseridos no escopo da Ciência da Informação, área que segundo Fonseca (1987) “estuda a gênese e o fluxo da informação, tanto quanto os meios utilizados pelos pesquisadores para atualização e elaboração de publicações primárias.”. Estes profissionais são basicamente o bibliotecário, o arquivista e o museólogo.

O bibliotecário é o profissional que, por excelência está habilitado a executar atividades próprias da disciplina biblioteconomia. Ainda segundo Fonseca (1987), esta é “o conhecimento e prática da organização de documentos em bibliotecas”. De acordo com Pinho (2003 apud Cunha 1997), o termo biblioteca vem do latim e que deriva dos dois radicais gregos Biblio e Teca, que significariam livro e depósito, respectivamente. Porém, com o tempo foi-se percebendo que uma biblioteca era capaz de conter muito mais que livros e que não eram depósitos.

Para que tais ambientes não sejam depósitos, ou seja, locais escuros, desorganizados, empoeirados (como pode-se presumir por um exercício imaginativo), é necessário que haja alguém que gereencie, organize e disponibilize o material ali presente.

Ao falarmos do agir bibliotecário, é importante salientar que os campos de atuação deste profissional estão muito além da biblioteca tradicional. Hoje em dia é bem aceita a idéia de que o bibliotecário é um profissional apto a trabalhar em qualquer ambiente em que seja necessária a organização e difusão da informação, como é apresentado a seguir:

O bibliotecário pode trabalhar com a informação em agências de publicidade, departamentos jurídicos de empresas, escritórios de advocacia, hospitais, editoras, bancos, indústrias, provedores de internet, livrarias, emissoras de televisão, jornais, entidades do terceiro setor ou até ter a sua empresa de consultoria. Sua atuação também é essencial na organização de acervos e sistemas de informação e na preservação da memória e da história de uma organização. No entanto, as bibliotecas públicas ou privadas são as que mais oferecem oportunidades. (RIBEIRO, 200-)

Ainda assim, A biblioteca não é somente a instituição que oferece mais oportunidades. Este é o local mais coerente com a formação exigida pelo currículo mínimo. Dentre as disciplinas que foram gradativamente sendo incorporadas ao currículo brasileiro estão: catalogação, classificação, referência, administração, história, comunicação, estatística e filosofia. Como se vê, trata-se de uma formação ampla e técnica. Muito se tem discutido sobre a ênfase excessiva na organização metódica dos documentos e o “esquecimento” das necessidades dos usuários. A lei no. 4084, de 30 de junho de 1962 enfatiza este direcionamento técnico da profissão:

*Art 6º São atribuições dos bacharéis em biblioteconomia, a organização, direção e execução dos **serviços técnicos** (grifo nosso) de repartições públicas federais, estaduais, municipais e autárquicas e empresas concernentes às seguintes matérias:*

A)O ensino de biblioteconomia;

B)A fiscalização de estabelecimentos de ensino de biblioteconomia reconhecidos, equiparados ou em via de equiparação;

C)Administração e direção de bibliotecas;

D)A organização e direção dos serviços de documentação;

E)A execução dos serviços de classificação e catalogação de manuscritos e de livros raros e preciosos, de mapotecas, de publicações oficiais e seriadas, de bibliografia e referência.

Tendo isto em consideração, é importante lembrar que existem diferentes tipos de bibliotecas para diferentes tipos de usuários. Existe uma ampla gama de tipos de bibliotecas, sendo as mais comuns: escolares, universitárias, públicas, especializadas e as nacionais. O bibliotecário deveria utilizar a técnica como um meio para atender às múltiplas necessidades informacionais.

Shaffer (1968) divide a rotina do bibliotecário em cinco atividades básicas: Circulação, referência, catalogação, organização de documentos e trabalhos administrativos. Cada uma destas atividades básicas poderiam ser ramificadas em atividades profissionais e não-profissionais.

Por outro lado, Costa (2000) explica que existem serviços e funções exercidas pelo bibliotecário que podem ser divididos de dois modos: serviços-meio (voltados para o tratamento dos suportes) e serviços-fim (voltados para o usuário). Estas atividades são fundamentais para o atendimento das necessidades informacionais dos usuários. Muitas delas são desconhecidas pelo senso comum e, justamente por isso,

fazem fermentar a mentalidade que afirma ser o bibliotecário apenas um “guardador de livros”.

Ao elencar tais serviços e funções, Costa busca apresentar a amplitude do trabalho deste profissional. Tais informações são importantes para identificarmos as mudanças no agir bibliotecário com o advento dos *e-readers*:

9.1 *Serviços-meio:*

Seleção: é o processo de decisão, por parte do bibliotecário, junto com a instituição, do que deve ser adquirido e/ou descartado do acervo. A equipe de seleção da biblioteca realiza um importante trabalho, pois auxilia na economia de recursos. Muitos títulos estão obsoletos ou nunca foram utilizados. Outros estão duplicados, portanto ocupando espaço útil. É importante estabelecer uma política de seleção para que haja um planejamento das diretrizes a serem praticadas pelos bibliotecários que estão atuando e pelos que atuarão futuramente. Ao tratar das diretrizes de acervamento para a Biblioteca Nacional de Brasília, Miranda (2007) explica que “se todas as doações chegarem, em breve a nova biblioteca ficará congestionada e descaracterizada, somadas, levariam a uma indefinição irreconciliável, a uma indiferenciação.”. Não é tudo o que chega que é de interesse da biblioteca. O bibliotecário deve ter isso bem claro. Mais a frente Miranda lembra que “na prática as bibliotecas acumulam acervos de forma progressiva e exponencial”. Esta acumulação muitas vezes é só dispendiosa, sem gerar efeito algum no que concerne à missão do bibliotecário. Para comprovar tal fato, vale mencionar a lei bibliométrica 80/20, segundo a qual 20% do acervo satisfazem 80% da demanda dos usuários (GUEDES; BORSCHIVER, 2005 apud TRUESWELL, 1969). Tudo isso deve constar na política de seleção e descarte de acordo com o perfil da instituição e dos usuários e não usuários.

Aquisição: Consiste na atividade bibliotecária responsável pela composição e atualização do acervo. Na sociedade da informação, temos uma enorme quantidade de novos documentos a cada dia. O bibliotecário deve ter determinadas ferramentas para execução desta atividade como catálogos de editoras e distribuidoras e contatos com fornecedores de bases de dados. Sabe-se que existem três modalidades de aquisição: compra (a biblioteca dispõe de recursos para pagamento dos itens), doação (pessoas ou instituições doam gratuitamente os itens pra a biblioteca sem quaisquer custos) e

permuta (se a biblioteca tem um item que interessa a outra e vice-versa, ocorre a troca dos mesmos sem custos adicionais). Geralmente este setor recebe as demandas recebidas pela referência da biblioteca. Os usuários podem solicitar o material por algum formulário próprio e, de acordo com a política de seleção. Outro ponto importante a ser considerado é a assinatura de periódicos. Tal assinatura geralmente é feita anualmente diretamente do fornecedor ou do distribuidor.

Tombamento: esta atividade tem por objetivo identificar unicamente um documento. Este número sempre vem acompanhado da chamada data de tomo. Este número geralmente é concedido seguindo uma ordem. Porém nem todos os itens da ordem serão considerados, pois quando um documento é descartado, seu número de tomo é eliminado (diz-se que o documento é “baixado”). Em sistemas automatizados, em regra tais números são cedidos automaticamente, o que facilita o trabalho do catalogador. Assim, o número dado pelo sistema é anotado/carimbado no livro, como uma marca indelével de segurança. No caso de toda a descrição estar errada, aquele número garantirá que a mesma possa ser refeita sem que haja confusão no caso de livros parecidos.

Classificação e armazenagem: Barbosa (1969) afirma que classificar é “um processo mental pelo qual coisas, seres ou pensamento, são reunidos segundo as semelhanças ou diferenças que apresentam”. Na verdade a classificação é uma atividade *core* na biblioteconomia, pois está ligada a organização do acervo para o uso. Assim evita-se que uma biblioteca seja um mero “depósito” como já foi explicado. Neste processo é feita a análise do conteúdo do documento e o uso de um código que indicará que o documento está agrupado numa classe e não em outra. Este código, na maior parte das vezes é numérico e está organizado em tabelas hierárquicas. As mais conhecidas são a Classificação Decimal de Dewey (CDD) e a Classificação Decimal Universal (CDU). As classes de assunto estão sistematizadas em tabelas que procuram, apesar de certas limitações, representa-los ao menos de forma abrangente.

Antes de ser emprestado, o material precisa ser preparado. Uma das atividades mais conhecidas neste quesito é a colocação de etiquetas nas lombadas dos livros ou na embalagem dos documentos. No caso dos livros, as etiquetas contêm as informações mais relevantes para que um livro possa ser encontrado facilmente pelo usuário: número de classificação, cutter e edição. A depender da biblioteca, estes dados podem variar. Na preparação do documento, também ocorre a magnetização

para segurança e outros materiais como CDs e DVDs precisam ser embalados no caso de ainda não terem sido.

Depois de preparados, os livros precisam ser guardados nas estantes. O número de chamada é importante justamente para isso: a ordenação dos documentos no espaço de forma a serem encontrados facilmente. Portanto, de acordo com o número de chamada (n. de classificação e/ou cutter), é possível guarda-los seguindo a codificação estabelecida. Os periódicos geralmente são armazenados pelo ano, mas também podem seguir o título em ordem alfabética, por assunto ou outro critério que for mais conveniente à instituição, porém, em geral, sempre se observa os elementos volume, número e data. Os materiais especiais (por exemplo, fotografias), são armazenados em “estantes” especiais e até mesmo locais com ambiente preparado para conservá-los da melhor maneira possível. Neste ponto incide a necessidade de observarem-se critérios de conservação como cuidado com temperatura, umidade, poeira, insetos e a restauração no tempo devido. No caso de livros raros, outro ponto importante no que concerne à armazenagem é a segurança. Trata-se de livros que não podem estar no acervo comum pelo seu valor histórico e financeiro ou até mesmo pela diferença de material.

Indexação e resumo: De acordo com Lancaster (2004), a tarefa do indexador é descrever o conteúdo de um documento por meio do emprego de um ou mais termos de indexação. Os chamados descritores podem ser retirados de vocabulários controlados e tesouros ou do vocabulário livre (extração ou atribuição). Atualmente já é possível fazer indexação automática (por computador) ou manual. A atribuição de termos é feita para facilitar a recuperação dos documentos. Muitos títulos podem ser recuperados sem que o usuário tenha o menor interesse nos mesmos. Por exemplo, um pesquisador que procure por energia renovável apenas pelo termo “energia” chegará a diversos resultados em áreas completamente alheias ao seu escopo. Sinonímia, homonímia, hiperônimos e hipônimos são alguns dos problemas de recuperação que podem ser previstos pela política de indexação.

Quanto ao resumo, consiste na condensação do conteúdo do documento num texto que possa substituí-lo. A NBR 6028 que trata da elaboração de resumos elenca três tipos: o crítico que é “redigido por especialistas com análise crítica de um documento. Também chamado de resenha. Quando analisa apenas uma determinada edição entre várias, denomina-se recensão.”, o indicativo que “Indica apenas os pontos principais do documento, não apresentando dados qualitativos, quantitativos etc. De

modo geral, não dispensa a consulta ao original.” e o informativo que “: Informa ao leitor finalidades, metodologia, resultados e conclusões do documento, de tal forma que este possa, inclusive, dispensar a consulta ao original.”.

Catálogo: esta atividade consiste na descrição do documento baseada em normas pré-estabelecidas. Esta descrição também é feita para a fácil recuperação dos dados. Os dados são retirados do documento e são descritos por elementos-chave. Por exemplo, no caso do livro “O Alienista”, de Machado de Assis, o título seria descrito no campo correspondente para que o usuário possa pesquisar pelo título. A descrição também pode ser feita por computador. Neste caso, existem também determinados formatos que fazem justamente a adequação das regras de descrição tradicionais ao computador. Um deles é o MARC (Machine- Readable Cataloguing). No exemplo citado, o título “O alienista” estaria no campo 245 (indicação de título) e Machado de Assis estaria no campo 100 (entrada principal). Os dados são retirados do documento e são descritos por elementos-chave. A partir daquele momento, a descrição torna-se uma fonte secundária contendo as informações relevantes para que aquele documento seja encontrado de forma mais fácil. O código mais utilizado internacionalmente é a AACR (Anglo American Cataloguing Rules), um código dividido em duas partes: descrição catalográfica e estabelecimento de pontos de acesso, que atualmente já está em sua segunda edição.

9.2 *Serviços-fim*

Referência: De acordo com Placer (1968), o bibliotecário de referência é “a pessoa teórica e tecnicamente preparada para organizar, administrar e fazer funcionar o Serviço de referência”. O serviço de referência é a “interface” da biblioteca. É por meio deste serviço que o usuário conhece os outros produtos e serviços existentes. Placer ainda elenca alguns objetivos deste serviço. Dentre eles pode-se citar:

A) Responder perguntas rotineiras como informações sobre a localização de determinados setores da biblioteca, por exemplo.

B) Pesquisar e identificar fontes de informação adequadas para a necessidade de informação do usuário. Para tanto, é necessário desenvolver técnicas de entrevista para saber detalhes específicos como prazo, nível acadêmico, idiomas, ect.

C) Elaboração de bibliografias. Estas podem ser divididas em dois grupos: quanto a abrangência temos as seletivas e as exaustivas e quanto a outros critérios: corrente ou não, nacionalidade, idioma, período, e tipo de material.

D) Encaminhar solicitação de novos materiais, críticas e sugestões para os setores responsáveis.

E) Orientação sobre o uso do catálogo e localização de documentos

F) Realizar atividades de relações públicas da Unidade de Informação: visita guiada, recepções, exposições, etc.

Alguns autores consideram que o serviço de marketing da informação também seja tarefa da referência. Afinal na falta de um setor próprio, o setor de referência teria melhores instrumentos para cumprir tal atividade. O contato direto com o usuário é um fator relevante pois permite que as estratégias possam ser tratadas de acordo com o *feedback* já presente na rotina do setor. Este setor também realiza comumente a atividade de Disseminação Seletiva da Informação (DSI), que consiste na compilação de informações de interesse do usuário de acordo com o perfil traçado pelo bibliotecário. Esta atividade geralmente é automatizada, mas é mais comum em empresas e bibliotecas menores, pois permite um atendimento mais personalizado e individual.

Circulação e empréstimo: Consiste na atividade que permite que os usuários utilizem os documentos da unidade de informação por um determinado período e o devolvam. Por muito tempo esta atividade foi realizada por meio de fichas que continham o cadastro do usuário. Neste cadastro era registrado o documento e a data de devolução. Hoje em dia este serviço é agilizado por meio de computadores e sistemas especializados. Entretanto, é preciso estabelecer diretrizes que para normalizar a rotina como o tempo de empréstimo, se haverá ou não cobrança de multa, como deve ser feita a cobrança de documentos em atraso. O empréstimo e a circulação variam de acordo com a política da instituição, porém o mais comum é o empréstimo domiciliar e o empréstimo dentro da própria instituição. Alguns materiais como livros raros não são emprestados ou é permitida a consulta tutorada. No caso de documentos de referência (como dicionários), artigos de clippings e alguns periódicos, é possível tirar cópias no setor apropriado. Outra modalidade de empréstimo é o chamado interbibliotecário. Esta ocorre quando existe um convênio ou por meio de uma rede de bibliotecas. Neste caso se a biblioteca não tem o material, faz-se a consulta em outras bibliotecas e verifica-se a possibilidade de empréstimo ou mesmo permuta.

Esta divisão de Costa (2007) deixa evidente que a maior parte dos serviços prestados pelos bibliotecários não têm contato direto com o público. Os serviços-fim acima descritos têm sido cada vez mais estudados na biblioteconomia e na ciência da informação, afinal o bibliotecário passou muito tempo tratando do material e, em certas ocasiões, esquecia-se de que o documento existia para ser conhecido e, assim, gerar conhecimento. Sabe-se, portanto que todas das atividades têm como finalidade o serviço à sociedade, mais especificamente a disseminação da informação. Ou seja, ainda que o bibliotecário direcione seus esforços para a atividade de catalogação, deve estar implícito que este serviço existe visando a atender as necessidades informacionais do usuário. Porém, seria possível pontuar os serviços que na rotina estão voltados mais diretamente para o documento ou para o usuário. Desta maneira, propõe-se um quadro que dispõe os principais serviços descritos por Costa (2007) segundo as três possibilidades: A) Está direcionado principalmente para o usuário; B) Está direcionado principalmente para o documento; C) Está direcionado tanto para o documento quanto para o usuário:

Quadro 3 - Principais serviços da biblioteca descritos por Costa (2007)

	Seleção	Aquisição	Tombamento	Classificação	Indexação	Catalogação	Referência	Empréstimo
Usuário	X						X	X
Documento	X	X	X	X	X	X		X

Mais uma vez é importante lembrar que todos os serviços tem por finalidade o atendimento das necessidades do usuário. No dia-a-dia, no entanto, existem atividades como a seleção, por exemplo que precisa do *feedback* do usuário para que este se manifeste quanto a importância de determinados documentos para a instituição. O objetivo do quadro não é apresentar medidas de esforço (quanto de energia foi direcionada para o usuário ou para o documento), mas separar os serviços de acordo com o grau de participação do usuário.

10 Alguns casos de uso de *e-book readers* em bibliotecas

Em tese *e-readers* podem trazer diversos benefícios para a educação e a melhoria dos níveis de leitura. Porém, existem certos percalços a serem percorridos para alcançarmos tal objetivo, o qual não depende apenas da popularização dos dispositivos. Estamos tratando de algo muito mais profundo que envolve desde o comprometimento da sociedade e de seus governantes ao desenvolvimento de políticas eficazes de promoção da leitura nos níveis básicos de ensino. No que concerne à inserção dos *e-readers* neste contexto, sabe-se que muitos atores deverão se reorganizar para atender à já crescente demanda de documentos para estes dispositivos.

Dentre os atores que estarão no “olho do furacão” estão os editores, distribuidores e os bibliotecários. Sempre que uma tecnologia surge, os profissionais envolvidos devem se reorganizar para manter o compromisso social ao qual se comprometeram. Isto ocorreu em todas as mudanças de suporte do livro: da pedra ao papiro; do papiro ao códex. A jornada profissional do bibliotecário atravessou diversas mudanças radicais e possivelmente vistas como limiares para a continuação do serviço prestado. No entanto, todas levaram este profissional a buscar novas técnicas para efetivar a reorganização requerida.

A par das principais características dos *e-readers*, faremos um apanhado das principais iniciativas, as quais devemos frisar, são pioneiras no uso de *e-readers*. Trata-se de pesquisas que avaliam a recepção destes dispositivos nas escolas e universidades afora. Vale lembrar que outras pesquisas anteriores mostram que a comunidade escolar deve estar minimamente predisposta ao uso de livros digitais. Numa pesquisa anual realizada em 2009 e publicada no 21st-Century Campus Report: Defining the Vision, é relatado que 81% dos estudantes usa tecnologia todos os dias para se prepararem para as aulas, o que representa 63% a mais que em 2008. (CDW-G, 2009 apud Massis, 2010) Isto demonstra que a tecnologia está se inserindo a passos largos não só no que diz respeito ao entretenimento, mas também nas atividades escolares.

Os programas de teste com *e-readers* já estão ocorrendo principalmente nos Estados Unidos. A maioria dos testes ocorre da seguinte forma: os *devices* são emprestados por um período de tempo e transcorrido o prazo, é feita uma pesquisa sobre o que poderia ser mudado e principalmente avaliando o grau de satisfação dos

usuários. Massis apresenta alguns testes aplicados em várias universidades Norte-americanas:

O Kindle DX, uma versão do dispositivo em formato mais largo; expressamente projetada para textos acadêmicos, jornais e periódicos, está sendo testada na Universidade do Estado do Arizona, Ball State University, Case Western University, Pace University, Princeton, Reed College, Universidade de Siracusa, Universidade de Virgínia (Darden School of Business). A Universidade do Noroeste do Estado de Missouri e Penn State embarcaram em projetos-piloto usando o Sony Reader. Johns Hopkins está testando o enTourageDGe, o qual combina as funções de um e-reader, um netbook, um bloco de notas e um gravador de áudio/vídeo e reproduzidor de mídia, tudo em apenas um dispositivo portátil (Johnson et al., 2010 apud Massis, 2010)

Portanto, vemos que há uma preocupação das empresas fabricantes dos e-readers quanto a inserção destes dispositivos nas universidades. A internet teve seu início no Brasil por meio da FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa) em São Paulo (Maia, 2009). A aprovação deste público é importante, pois são formadores de opinião e tão logo as universidades digirem o produto, mais cedo eles estarão no mercado e, em seguida nos níveis mais básicos de ensino.

De acordo com Drinkwater (2010), existem algumas universidades do Reino Unido que já estão adotando testes com e-readers. Nos Estados Unidos, sabe-se de inúmeros exemplos de testes já em andamento. Massis (2010) relata que, apesar dos óbvios benefícios já retratados amplamente pela publicidade e pelos meios de comunicação, existem pontos negativos. O autor apresenta um caso ocorrido em 2009 em que a Amazon, fabricante do Kindle distribuiu 200 Kindles para estudantes de diversas universidades nos Estados Unidos. Todos os dispositivos estavam carregados com versões eletrônicas de seus livros-texto. No final da pesquisa, percebeu-se que alguns estudantes sentiram falta de algumas conveniências de baixa tecnologia do papel impresso, tais quais: marcação de texto, marcadores de página com adesivo para notas e apontamentos nas margens. (COLUMBIA DAILY TRIBUNE, 2009). No entanto os e-readers apresentam, em geral, uma versão eletrônica para cada um destes problemas. Talvez possa se tratar de certa nostalgia convertida na preferência que certas pessoas tenham por utilizar vinil ainda que já existam Ipods, por exemplo.

Algumas bibliotecas públicas da Austrália já iniciaram seus testes com e-readers. Apesar de anteriores e com tecnologias ainda incipientes, pode-se citar experiências em Maroochy, Toowoomba e Brisbane, no estado de Queensland, Austrália. Estas experiências são importantes para percebermos algumas das

dificuldades por parte dos profissionais da informação. De acordo com Hudley e Horwood (200-), a experiência em Toowoomba iniciou-se no ano 2001 num projeto chamado “bibliotecários, ebooks e o futuro”. Os dispositivos utilizados foram os Rockedebooks. Os bibliotecários puderam detectar algumas dificuldades, tais quais:

- Até o momento não existia um representante dos fabricantes do *e-reader* na Austrália para possível apoio técnico;
- Obter títulos sem o cartão de crédito para efetivar a compra online;
- O download de títulos necessitava do sistema operacional Windows 2000, o qual não estava disponível no momento.
- Após o lançamento do projeto, demorou cinco meses para que os dispositivos pudessem ser emprestados com os best-sellers disponíveis.

Hudley e Horwood (200-) ainda relatam que após a experiência em Toowoomba, o Conselho do Serviço de Bibliotecas da Cidade de Brisbane (BCCLS) procurou amenizar os problemas encontrados no outro projeto. Assim foram trazidos alguns dispositivos para teste. Mais uma vez, o modelo mais utilizado foi o Rockedebook. Alguns resultados foram esperados por parte da equipe organizadora:

- A garantia de que o eles não iriam se desfazer dos livros impressos;
- A possibilidade de armazenamento de múltiplos títulos em apenas um dispositivo;
- A possibilidade de baixar best-sellers em tempo real e a qualquer momento;
- Assuntos concernentes à armazenagem estariam resolvidos;
- Expectativas de redução de custos;
- Uma solução efetiva para os problemas de publicação e distribuição na Austrália;
- Informação disponível 24 horas por dia, sete vezes por semana, à serviço de um leque mais amplo de usuários.

Os autores explicam que após o período de teste, também foram encontrados problemas. Dentre eles, pode-se mencionar o fato da fabricante do Rockedebook ter cessado a produção. Em seguida, optou-se por utilizar o RCA REB 1100, único dispositivo disponível que atendia às expectativas da biblioteca. O software deste dispositivo apresentava níveis mais elevados de criptografia em relação ao anterior.

Foram então adquiridos vinte *e-readers* deste modelo que obtiveram suporte técnico para que o projeto obtivesse sucesso. Por parte dos profissionais da informação, foram requeridos alguns cuidados especiais, tais quais:

- Preparação dos documentos (cadastro no sistema, listagem, etc);
- Estrutura de segurança para avaliar os riscos de trabalho de tal item de valor;
- Pouca opção de títulos a serem selecionados com gêneros misturados a serem adquiridos para cada *e-reader*;
- Criação de registros bibliográficos;
- Publicidade do projeto para políticos, mídia, funcionários e a população;
- Suporte técnico;
- Treinamento de pessoal.

Hudley e Horwood relatam que a maioria dos participantes deste projeto se consideram privilegiados de poder utilizar tal tecnologia. Também consideram o *e-book* apenas um formato alternativo, invés de ser uma ameaça ao livro impresso. Durante o projeto, percebeu-se que deveriam estender o período de empréstimo de duas para quatro semanas. Também foram tomadas certas medidas para simplificar o processo de empréstimo. Por fim, mais livros e *e-readers* foram adquiridos para atender à demanda.

Também existem diversos outros testes em andamento nos Estados Unidos. Muitos deles pretendem avaliar a recepção dos usuários e a detecção de possíveis problemas nos dispositivos. Seguem outros casos:

Universidade de Princeton

A Universidade de Princeton está experimentando o potencial do Kindle DX para substituir livros-texto e artigos impressos de materiais relacionados aos cursos. O DX possui uma tela mais larga do que o Kindle normal e também foi projetado para visualização de jornais. Nesta experiência, cada estudante participante e membros da equipe ganham um kindle o qual podem levar consigo. O montante de 30 mil dólares tornou possível o financiamento do experimento. Este projeto piloto ocorreu em 2009.

Universidade Estadual da Pensilvânia

Em 2009 a Sony doou 100 de seus e-readers para as bibliotecas da universidade e para os departamentos de Letras para trabalhos em grupo

num projeto com duração de um ano. Eles pretendem avaliar o uso e as configurações dos e-readers em sala de aula, momentos de lazer, programas de leitura e com estudantes portadores de necessidades especiais.

Universidade Estadual da Carolina do Norte

Este experimento de pequena escala ocorreu em 2008 usando mais de uma marca de e-reader. Os dispositivos foram emprestados para os estudantes durante uma semana e os estudantes puderam fazer escolhas pessoais de livros que posteriormente foram carregados por bibliotecários de referência. Também foram experimentadas assinaturas de jornais no Kindle com conteúdo baixado via rede sem fio. O foco do piloto foi mais na leitura de lazer que na de textos acadêmicos. (DRINKWATER, 2010, tradução nossa)

Todos estes relatos são importantes para podermos compreender como agirá o bibliotecário diante desta nova perspectiva. No terceiro relato, em especial, vemos o bibliotecário de referência agindo plenamente em sua função como um dos atores do experimento. Desta maneira, seria interessante se pudéssemos adentrar ainda mais nas experiências de uso dos e-readers com bibliotecários. Um caso muito interessante é o da mesma Universidade Estadual da Carolina do Norte acima citada. No site do sistema de bibliotecas da universidade é informado que as bibliotecas estão emprestando os aparelhos Kindle da Amazon e o e-reader da Sony para estudantes, professores e funcionários. Cada dispositivo está carregado com, de acordo com o site, uma “biblioteca” de 100 livros em sua memória. O período de empréstimo seria de uma semana sem renovações. A cada dia de atraso é cobrada a taxa de dez dólares. Para atender à demanda existe uma lista de espera.

TECHNOLOGY LENDING WAITING LIST

Please use this form to request the next available item. Due to the popularity of some devices, there may be a waiting list. When your item becomes available, we will notify you via the contact method you select.

The form is titled "TECHNOLOGY LENDING WAITING LIST". It contains the following fields and options:

- Name:** Frank Pozo
- Contact via:** Email (selected from a dropdown menu)
- Email:** orion_pozo@ncsu.edu
- Device:** Kindle eBook Reader (selected from a dropdown menu)
- Would you like to request a title be present on this Kindle?**
 - NCSU Libraries Kindle Titles
 - Amazon Kindle Store
- Title:** [Empty text box]
- Author:** [Empty text box]
- Buttons:** "Add Another Title & Author" and "Submit"

Below the form, a box titled "Current Requested Devices For Frank Pozo" displays "No Active Requests".

Figura 13 - Formulário para lista de espera

Fonte: NORTH CAROLINA STATE UNIVERSITY LIBRARIES, 2010.

Acima podemos verificar o formulário online da lista de espera para o empréstimo dos dispositivos. É preciso preencher o nome do usuário, forma e dados de contato, a opção de *e-reader* e alguma sugestão de livros a serem adicionados no catálogo do dispositivo. Cada *device* tem uma combinação livros. Em outras palavras, se o usuário pretende encontrar o livro “Sources in the history of the modern Middle East” de Akram Fouad Khater, deve ir ao catálogo e fazer uma busca normalmente. Em seguida aparecerá para o usuário a descrição bibliográfica do título pesquisado, seguindo o padrão de qualquer catálogo: Título, autor, edição (neste item, atente-se ao fato de que trata-se de uma edição no formato específico do Kindle, provavelmente .AZW), descrição contendo informações gerais, o formato (impresso ou digital) e, por fim o resumo.

Outra inovação interessante é que com o texto digital, é possível disponibilizar algumas páginas do livro para que o usuário saiba do que se trata o livro sem julgar apenas pela capa. O próprio portal da Amazon já permite que se visualize a *preview* do livro. A figura abaixo mostra a descrição bibliográfica do livro acima citado, onde é possível fazer o empréstimo do dispositivo online e pegá-lo na referência das bibliotecas da universidade:



Figura 14 - Descrição bibliográfica do livro Sources in the history of the modern Middle East

Fonte: NORTH CAROLINA STATE UNIVERSITY LIBRARIES, 2010.

O empréstimo de determinado documento simula o empréstimo em uma rede de bibliotecas, de modo que cada *e-reader* representa uma biblioteca diferente. Portanto o catálogo disponibiliza ao usuário uma lista de “bibliotecas” que têm o documento armazenado. Nem todos os dispositivos têm os mesmos documentos para que haja uma maior variedade. Um exemplo da disponibilidade do livro acima citado pode ser visto na figura abaixo:



Figura 15 - Distribuição de dispositivos disponíveis

Fonte: NORTH CAROLINA STATE UNIVERSITY LIBRARIES, 2010.

Na figura, pode-se ver seis Kindle, cada um com a numeração própria como se fosse o registro único de cada *device*. Todos os *e-readers* da sequência 19, 20, 21, 22,

23 e 24 possuem armazenados em sua memória um exemplar do livro “Sources in the history of the modern Middle East”. Entretanto, sabe-se que nas numerações anteriores e posteriores existem outros livros diferentes deste. Desta forma é possível manter diversos exemplares de um mesmo título ainda que o mesmo tenha um custo mais elevado, pois ainda assim ficaria mais barato que o correspondente impresso. À direita da tela, pode-se verificar o status do dispositivo nas bibliotecas. Em outros títulos do catálogo é possível verificar que alguns dispositivos estão em manutenção. Este é um claro ônus de se ter algo compartilhado por várias pessoas. O livro impresso também sofre desgaste com o tempo, mas possivelmente não tão rápido quanto um botão sendo apertado centenas de milhares de vezes.

Estas experiências de empréstimo de *e-readers* não se limita aos Estados Unidos como já foi mencionado.

Outra experiência importante a ser relatada ocorreu em bibliotecas do Canadá. Waterfield (2010) coletou algumas informações relevantes para bibliotecários que queriam adotar o empréstimo de *e-readers* em suas bibliotecas. Seu estudo se baseou na literatura especializada e nos relatos de bibliotecários que participaram de testes com *e-readers*. O autor elenca alguns dos principais resultados da pesquisa:

- Aumento dos custos finais: substituição/danos serão cobrados
- Restrição de usuários (somente adultos);
- Períodos de empréstimo mais curtos (1-2 semanas);
- Assinaturas de termos de aceitação/desistência seriam requeridos;
- Uso restrito (downloads limitados ou proibidos);
- Alto índice de empréstimos e manuseio;
- Avaliação positiva por parte dos usuários e da equipe.

(WATERFIELD, 2010, Tradução nossa)

Constatou-se nesta pesquisa que a maioria das bibliotecas tem emprestado *e-readers* da Amazon (Kindle) ou da Sony. A escolha do Kindle se dá de acordo com o tipo de biblioteca, mas no caso do Canadá, especificamente, constatou-se que os bibliotecários utilizaram o dispositivo da Sony. No caso das bibliotecas que fizeram uso dos *e-readers*, verificou-se que os títulos eram pré-carregados nos dispositivos tanto por gênero quanto misturado. Aos usuários não foi permitido fazer download de documentos. (WATERFIELD, 2010).

Um dos principais problemas para a biblioteca que desejasse elaborar um programa de empréstimo de *e-readers*, seria quanto à compra de materiais. Geralmente, para se adquirir livros nas lojas virtuais, é necessário registrar o dispositivo na loja e o cadastro vincularia a compra àquele cartão de crédito registrado. O problema é que a biblioteca precisa fazer inúmeras compras com poucos cartões de crédito. Seria inviável que uma biblioteca que adquirisse 20 *e-readers* tivesse que ter 20 diferentes cartões de crédito. As lojas perceberam que este tipo de política estaria dificultando o trabalho dos bibliotecários e paulatinamente estão se adaptando. No caso do Kindle, a Amazon ainda exige que os dispositivos sejam registrados individualmente, ainda que permita que um mesmo cartão de crédito efetue compra para múltiplos *devices*.

A maioria dos casos até agora citados se referia ao empréstimo de *e-readers* com os livros já pré-definidos. Em outras palavras, se o usuário quisesse levar seu próprio Kindle para carregar um *e-book* na biblioteca, não poderia. Este parecia ser o futuro dos empréstimos feitos por bibliotecas. Magid (2009) explica que, no entanto, em 2009, a Sony lançou seu mais novo dispositivo em parceria com a empresa Overdrive. A empresa explica em seu site institucional que “providenciamos gerenciamento seguro, proteção DRM e execução de serviços de download para editoras, bibliotecários, escolas e varejistas”. De acordo com Magid, a Overdrive trabalha em conjunto com as bibliotecas para que os usuários façam empréstimos de *e-books* por um determinado período de tempo. O serviço protege os direitos das editoras e dos autores não apenas limitando o tempo de empréstimo, mas também o número de empréstimos que são feitos por vez. (MAGID, 2009)

O processo é parecido com o empréstimo de livros físicos. O bibliotecário adquire um número determinado de licenças. Caso todos os livros estejam emprestados, deve-se esperar até que haja algum título disponível para empréstimo. O mais interessante é que não é preciso voltar à biblioteca para fazer a devolução ou pagar taxas extras por atraso. O livro simplesmente expira quando é atingida a data limite. Para realizar o empréstimo, basta ter um cartão de registro na biblioteca. Caso você possua o cadastro, pode fazer download sem sair de casa ou mesmo nunca ter ido à biblioteca. Abaixo, pode-se verificar um registro do catálogo da Biblioteca Estadual de Kansas, que utiliza os serviços da Overdrive:

General Fiction

Search results: Showing 1 - 10 of 1357

< Previous | [Next](#) >

Sort by: [title](#) | [creator](#) | [release date](#) | [most popular](#) | [date added to site](#)




	3 Willows The New Sisterhood Series, Book 1 by Ann Brashares <i>summer is a time to grow</i>	Average rating:  Sign in & rate this title.
	<p><i>seeds</i> Polly has an idea that she can't stop thinking about, one that involves changing a few things about herself. She's setting her sights on a more...</p>	
 Adobe EPUB eBook	place a hold add to wish list	
Plays on:	eBook-compatible computers & devices	Available copies: 0

Figura 16 - Registro bibliográfico do livro 3 Willows

Fonte: STATE LIBRARY OF KANSAS, 2010.

Quando se entra no site desta biblioteca, tem-se a impressão de estar numa loja comercial. Tudo é bem intuitivo e demonstra certa intenção de vender o produto lá exposto. Como pode-se perceber pela imagem, os elementos da descrição se assemelham a um artigo quando é comprado por um usuário diretamente da base de dados. Logo abaixo, há a indicação de quais dispositivos são compatíveis com o formato do documento. De acordo com o site institucional da Overdrive, existe compatibilidade basicamente com os seguintes dispositivos: PC, Mac®, iPod®, Zune®, Sony® *Reader*TM, nookTM. Vale lembrar que o Sony *Reader* e o Nook são concorrentes diretos do Kindle, da Amazon. Waterfield (2010) listou de 28 instituições nos Estados Unidos e no Canadá, sendo que a maioria utilizava o Kindle.

É importante lembrar que a empresa promete oferecer suporte pra as bibliotecas e os bibliotecários que queriam adquirir os serviços, como pode-se verificar no esquema a seguir:



Figura 17 - Divulgação da implantação do serviço nas bibliotecas

Fonte: OVERDRIVE, 2010.

A figura acima mostra em um esquema de três passos os procedimentos necessários para quem quiser adquirir o serviço. O catálogo é padronizado e, como é dito, foi desenhado para parecer “uma loja virtual”. Este catálogo pode ser inserido na página institucional da biblioteca. Este catálogo reúne não apenas livros, mas audiobooks, áudio e vídeo. A empresa oferece também suporte para MARC e ILS (Integrated Library System). No segundo passo, a empresa mostra que é possível que o bibliotecário selecione os livros dentre os mais de 300 000 disponíveis pela distribuidora. Por fim, é proporcionado treinamento para uso da página e das principais ferramentas. A empresa também explica em sua página como ocorre o sistema de empréstimo para o usuário:



Figura 18 - Divulgação do serviço prestado aos usuários

Fonte: OVERDRIVE, 2010.

Como mostra a figura, primeiro é feita a busca no catálogo existente na website da biblioteca. Caso o usuário esteja na biblioteca e queira levar o livro em seu *e-reader*, basta leva-lo a um terminal e realizar o procedimento de download. Feita a transferência, é possível utilizar o documento pelo período estipulado pela biblioteca em consonância com as políticas de respeito aos direitos autorais.

Entretanto, a Amazon percebeu que perder espaço nas bibliotecas poderia acarretar consequências irreversíveis no caso de o dispositivo da Sony se popularizasse e seu formato se tornasse o padrão. Tendo isto em conta, há uma semana a Amazon finalmente permitiu que os usuários pudessem emprestar livros de um dispositivo para outro. O empréstimo só seria permitido para livros com vigência de direitos autorais e pelo período de 14 dias (UOL TECNOLOGIA, 2010). Isto fará com que as bibliotecas passem a emprestar livros para o Kindle e não apenas o próprio dispositivo já carregado como acontecia antes.

No Brasil ainda não foram desenvolvidos grandes testes em bibliotecas apesar de, inclusive já existir um modelo brasileiro fabricado pela Positivo. Entretanto, um caso a ser lembrado é o da Biblioteca de São Paulo. De acordo com Freitas (2010), a biblioteca tornou disponível “sete Kindles e alguns cool-ers” para que os usuários pudessem ter contato com esta nova tecnologia. Entretanto, até o momento não seria permitido o empréstimo dos dispositivos. A biblioteca também ainda não tinha inserido *e-books* para download em seu catálogo. Freitas ainda lembra que já estão disponíveis alguns títulos em português como “A arte da guerra”.

No entanto já existem diversas iniciativas de formação de acervos digitais. Entretanto, por conta dos direitos autorais, a maioria dos acervos deste tipo no Brasil são compostos de literatura científica ou técnica. A maioria dos compradores de *e-readers*, que nos Estados Unidos se trata do grande público, está mais interessada em leituras de lazer e best-sellers. Os testes acima mostrados ocorreram nas universidades justamente para poder popularizar este tipo de tecnologia entre os estudantes.

10.1 Um livro, um usuário – questões autorais

10.1.1 Resumo histórico:

O empréstimo de *e-books* traz à tona a questão dos direitos autorais. Uma biblioteca que compra livros impressos precisa pagar a mesma quantia por cada

exemplar que quiser emprestar. Na prática, sabe-se que as editoras acabam concedendo descontos pela quantidade, mas o valor é pago por livro. Para saber como está ocorrendo no caso das bibliotecas que querem emprestar *e-books*, faz-se necessário antes revisitar alguns pontos básicos sobre este assunto.

A questão dos direitos autorais sempre foi controversa na história do livro. Durante grande parte da Idade Média não era prática comum que o escritor reivindicasse sua autoria sobre uma obra. Uma das razões pela qual não o faziam é por acreditar que sua obra seria de inspiração divina (caso dos livros de piedade, por exemplo). Um clássico caso é o livro “A imitação de Cristo”. Este clássico livro de meditação espiritual atravessou séculos até os dias de hoje sem que se tenha certeza absoluta de sua autoria. Algumas pesquisas indicam que o autor seria Tomas Kempis, mas este é um dentre diversos casos em que o autor não pôde ou não quis se identificar.

Na Inglaterra do século XVI, a autoria era validada da seguinte forma: o livreiro ou gráfico registrava o manuscrito, de modo que a partir deste momento, ganhava-se o direito exclusivo de editá-lo quantas vezes quisesse, sem prazo definido. Já na França, era o monarca que, por meio do chanceler, concedia o direito de publicar o livro por um prazo que variava de cinco a quinze anos. (CHARTIER, 1999, p. 54-55).

O direito autoral foi se tornando algo mais complexo na medida em que os governos passaram a reconhecer que o autor tinha direito a receber por seu trabalho intelectual. Chartier explica que a ideia de autor-proprietário surgiu primeiramente por parte dos livreiros-editores, não dos autores. Os livreiros-editores tinham interesse em reconhecer um autor-proprietário, pois como recebia o manuscrito do autor, passava a se tornar, por direito o proprietário do mesmo.

Estes direitos estão vinculados à proteção e remuneração dos autores por suas obras. Como foi dito, a iniciativa de reconhecimento destes direitos partiu dos governos. Na Inglaterra, a primeira lei neste sentido foi o Licencing Act, de 1662, que proibia a impressão de obras não registradas. Posteriormente foi outorgada outra lei chamada Copyright Act, no ano de 1790, que protegia a obra por um determinado período de tempo. Já na França o Droit D’Auteur reconhece que o autor tem primazia sobre a obra em 1791. (MARTINS FILHO, 1998, p. 183)

Martins Filho ainda explica que no Brasil o direito autoral foi regulamentado pela lei 5988 de 14 de dezembro de 1993. Entretanto, o surgimento de novas

tecnologias como os programas de computador levou à outra lei, a 9610 que entrou em vigor em 19 de fevereiro de 1998.

Cada país dispõe de leis próprias para o direito autoral. A Inglaterra, por exemplo faz a distinção entre direito de cópia, Copyright e direito do autor. Entretanto, deveria existir uma maneira de fazer com que o autor de uma obra fosse também reconhecido em outros países. Assim seu direito não se restringiria territorialmente. Isto se deu por diversos tratados internacionais, como a Convenção de Berna (1886), a Convenção Universal (1971) e a Convenção de Genebra (1971). (MARTINS FILHO, 1998, p. 184).

Porém as discussões sobre o valor do texto em relação ao objeto material já é antiga. Os bibliotecários já deveriam estar discutindo estas questões antes mesmo do advento do computador. Chartier (1998) explica que o processo de desmaterialização do livro já existia desde o século XVIII. Este processo se dá na separação do texto e do suporte, para que o direito se exerça não somente sobre um, mas sobre ambos. Assim, Chartier explica:

O que produz de fato a revolução do texto eletrônico, senão um passo suplementar no processo de desmaterialização, de descorporalização da obra, que se torna muito difícil estancar? Todos os processos modernos sobre propriedade literária, em particular, em torno da noção de imitação, de plágio, de empréstimo, já estão ligados a esta dupla questão: a dos critérios que caracterizam a obra independentemente de suas diferentes materializações e a de sua identidade específica. (p. 67)

Esta desmaterialização traz consequências inéditas para a indústria do livro. Quando do início da produção de livros a partir dos tipos móveis, existiam diversos atores que paulatinamente foram desaparecendo. Dentre eles o encadernador. Hoje a maior parte da produção se dá por computador e com o advento do livro eletrônico, muitos outros atores poderão desaparecer. Ao menos para as editoras que se especializarem neste formato.

10.1.2 Direito autoral e o empréstimo de livros:

O dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia considera conceitualmente copyright como direito de autor, pois o primeiro termo remete ao segundo. Um dos conceitos de pertinentes a este tema tratado neste dicionário é o de Silva (1993) segundo o qual direito autoral:

É o direito que assegura ao autor de obra literária, artística ou científica, a propriedade exclusiva sobre a mesma, para que somente ele possa fruir e gozar de todos os benefícios e vantagens que dela possam decorrer, segundo os princípios que se inscrevem na lei civil.

Assim, quando se fala em direito autoral, diz-se respeito ao ato de reconhecimento por meio de alguma lei de que um determinado autor foi responsável pela composição original de determinada obra. No entanto, existem outros dois conceitos relevantes para se chegar a uma ideia mais clara do que está ocorrendo com o empréstimo de *e-books* em algumas bibliotecas. O mesmo dicionário faz menção a outro sentido para o direito do autor (Author's royalties), neste caso com o viés econômico deste direito: “percentagem paga ao autor pela venda de suas obras. No Brasil o autor recebe da editora ou da organização detentora de seus direitos autorais, 10% do preço final [...] cobrado quando da comercialização do produto”. O preço final do produto é dividido entre diversos autores. Isto é o que Bellei (2002, p. 13) chama de livro enquanto instituição, que compreende toda uma sociedade por trás da composição do livro. Outro conceito importante é o de direito de distribuição (distribution rights), que de acordo com o dicionário são “arranjos legais feitos pela editora que transfere para outra pessoa, física ou jurídica o direito de comercializar uma publicação”. Historicamente (CHARTIER, 1998, p. 64-65), o livreiro-editor, ou as atuais editoras sempre determinaram os rumos do mercado editorial, de modo que o autor configurou-se muitas vezes apenas como um instrumento dos objetivos traçados por outros.

Em se tratando de *e-books*, vale lembrar que as grandes varejistas têm feito grandes esforços para diminuir o preço final destes livros. Porém, não são todos que adquirem o livro. A biblioteca ainda é solução para que não tem recursos suficientes ou mesmo tem interesse apenas em partes de um livro. Como foi dito, a biblioteca deve pagar por cada cópia do livro impresso a ser emprestado. No caso dos *e-books* não é diferente. Neste ponto trataremos da preservação do direito financeiro do autor sobre uma obra, não da legitimidade da autoria. No caso da Amazon, que comercializa o *e-book reader* Kindle, não era possível fazer o empréstimo de *e-books* até o final de 2010. Por outro lado, os grandes concorrentes da Amazon, como a Barnes & Noble estão investindo alto no empréstimo de *e-books* em bibliotecas. Um exemplo disso é a parceria entre a Sony e a Overdrive, que vende e gerencia o empréstimo de *e-books*. Desta maneira, a Amazon resolveu permitir o empréstimo de *e-books*, porém com sensíveis restrições. Os sites especializados como o Self-Published Author's Lounge

(NAYLOR, Joleene, 2011) explicam que este empréstimo se daria pelo prazo de apenas 14 dias e só poderia ser feito uma vez. Além disso, enquanto o livro estiver emprestado, o proprietário original do livro não pode acessá-lo. Outro detalhe importante é que nem todos os *e-books* do catálogo da Amazon estarão disponíveis para empréstimo. Para manter os *e-books* a preços acessíveis para o consumidor final, a Amazon criou duas categorias de rentabilidade para que as editoras ou autores autônomos pudessem associar-se. A primeira concede 70% de *royalties* do preço final do livro. Para tanto, o livro deve ser vendido na faixa de 2.99 a 9.99 dólares ou que seja pelo menos 20% mais barato que a versão impressa. A outra opção é a padrão que concede apenas 35% dos *royalties*, sendo esta a opção padrão. No caso do autor que optou pela primeira alternativa, não há escolha, ele deverá permitir o empréstimo. Na outra, o vendedor pode escolher se quer ou não que os compradores emprestem os livros.

Porém, emprestar livros apenas uma vez não é vantagem para nenhuma biblioteca. Portanto, para as bibliotecas que optem pelo Kindle no empréstimo de *e-books*, deverá continuar com a prática de emprestar o dispositivo no lugar do *e-book*; e, a biblioteca deverá comprar tantos *e-books* quantos dispositivos ela tiver. A limitação de tempo e vezes que se empresta o *e-book* talvez seja uma forma de a Amazon preservar o lucro das editoras (e/ou do autor) na faixa de preço exigida pela varejista. Por outro lado, a distribuidora Overdrive, que vende *e-books* para bibliotecas no formato e-pub desenvolveu um sistema que permite o empréstimo dos mesmos, assim como preserva os direitos do autor. Este sistema se chama “um livro, um usuário” (*one-book, one-user*) e avança nas discussões sobre a comercialização do *e-book*. Assim, quando uma biblioteca empresta um livro para um usuário, somente o usuário pode ter acesso ao livro. Não existe a possibilidade de empréstimo simultâneo. Como cada biblioteca geralmente adquire mais de uma cópia dos livros mais emprestados deve-se, da mesma forma, pagar por cada título a ser emprestado. Porém no dia 21 de outubro de 2010, o CEO da Overdrive desenvolveu algumas regras adicionais como um procedimento para evitar que a venda dos *e-books* caia no Reino Unido. Se um livro pode ser emprestado sem controle de qualquer parte do mundo, dificilmente alguém compraria os livros. Assim providenciou-se regras básicas: na primeira delas, o *e-reader* só poderia ser carregado se o usuário levar o seu dispositivo até a biblioteca em vez de fazer o download remotamente. Isto faz com que um usuário que tenha somente o computador pessoal não possa mais fazer o download do

livro. A segunda regra prevê que as bibliotecas paguem uma taxa para conseguir o direito de empréstimo. Por último, exigiu-se a garantia de que a biblioteca tenha uma forte associação dos membros no território circunvizinho.

Desta maneira garante-se uma maior margem de lucro para a editora e o autor, além de evitar problemas como a diminuição das vendas por conta dos empréstimos remotos. Estas discussões estão ocorrendo num ritmo intenso jamais visto neste mercado. Para evitar perdas, os editores, os varejistas e os fabricantes de *e-book readers* mudam as “regras do jogo” em questão de meses.

Estas questões são importantes principalmente para o bibliotecário de aquisição. Este necessita saber as principais implicações por trás de uma obra. Por conta de sua função social, não pode prejudicar os autores e editores. Pelo que se tem visto na questão dos *e-books*, tem ocorrido diversas reuniões entre associações interessadas para chegarem a um bem comum na cadeia de produção e difusão do livro digital. Foi exatamente numa destas reuniões que chegou-se às novas regras de empréstimo da empresa Overdrive.

Desta forma, se o bibliotecário de referência resolver optar pelo Kindle como *e-book reader* padrão de sua biblioteca, terá que gastar mais com a compra de dispositivos. Se dez usuários precisam do livro “As crônicas de Nárnia” num mesmo dia, o bibliotecário deveria obter dez dispositivos diferentes para atender à demanda. Isso só para atender aos interessados neste livro específico. Porém, o que se tem visto nos casos estudados são as listas de espera. Já aqueles que optarem pelo empréstimo dos *e-books* a serem descarregados nos *e-book readers* pessoais, deverá planejar as condições para implantação deste sistema. De nada adianta iniciar o empréstimo de *e-book readers* numa região em que ninguém adquiriu um dispositivo, ou mesmo tem conhecimento da existência dos mesmos. Principalmente nos países em a Amazon está presente, existem não só usuários portadores de *e-book readers*, mas alta demanda para a implantação de empréstimos de *e-books* nas bibliotecas.

10.2 *Análise e prognóstico do uso de e-readers por bibliotecários*

Ainda não se sabe ao certo quando, como e, principalmente se os *e-book readers* serão inseridos na realidade das bibliotecas. Tudo depende da resposta dos consumidores aos apelos midiáticos. Porém, os bibliotecários não podem esperar

passivamente para “ver no que vai dar”. É preciso que eles se antecipem, façam testes e descubram em seu próprio *locus* a resposta dos usuários.

Revisitando os conceitos já vistos até o momento, percebe-se que o livro é muito mais que um suporte que modifica-se ao longo do tempo. O livro é uma tecnologia como bem expressou Bellei (2002). Muitos autores têm estudado as máximas referentes ao temido “fim do livro”. No entanto, o mesmo autor sugere que estamos cada vez mais caminhando para o “livro sem fim”. Este trazido por elementos como a hipertextualidade que, Ted Nelson (1970 apud Bellei 2002) define como “uma forma escrita não sequencial – um texto que se espalha em ramificações e permite ao leitor escolher caminhos, [e que deve ser] preferencialmente lido em uma tela interativa”. Entretanto, este tipo de hipertexto já existia no livro impresso. A questão é que não fora bem explorada ou não agradou de forma definitiva ao público. As notas de rodapé são exemplos deste tipo de hipertextualidade, mas muitas pessoas se veem irritadas ao terem que sair da progressão da leitura para averiguar um conceito paralelo. Neste sentido, os *e-book readers* se mostram como parte da noção de durabilidade deste objeto milenar que é o livro. O livro é um objeto que se reinventa e se perpetua no decorrer do tempo. Ao analisarmos as características dos principais modelos de *e-book reader*, percebemos que fabricantes procuram sempre uma imitação hi-tech do livro tradicional. A tecnologia base por trás dos *e-book readers* – a e-ink não é outra coisa senão a tentativa de reproduzir a agradabilidade de se ler um livro sem cansar a vista. Desta forma o livro não está sendo substituído como todos os outros suportes não o foram. O livro está mais uma vez passando por um processo de reinvenção, adaptação.

Mais uma vez devemos frisar que o bibliotecário é um dos principais atores neste processo pelo qual o mercado editorial está passando. Já foram acima explicitadas as principais atividades do agir bibliotecário e, tendo isto em conta, poderíamos desenhar alguns prognósticos de mudança com o advento dos *e-book readers* nas bibliotecas.

10.2.1 A escolha do e-book reader

A principal preocupação dos bibliotecários nos relatos sobre a implantação de programas deste tipo está relacionada com a escolha do *e-book reader*. Bom, o mercado está repleto de opções segundo gostos, tecnologias, preços e necessidades.

No caso das bibliotecas é importante escolher um modelo que viabilize o empréstimo aos usuários. Sabemos que o Overdrive é uma solução interessante para bibliotecas, usuários, editoras e autores. A questão dos direitos autorais é considerada central nas discussões relacionadas ao *e-book reader*. Quer-se evitar o *boom* da pirataria que quase levou a indústria fonográfica à ruína. Como foi visto, a Amazon, fabricante do Kindle já procurou se adaptar às necessidades de empréstimo e, ao que parece outros fabricantes seguiram o exemplo. Wilsonet et al. (2002 apud Bennet; Landoni 2005) afirmam que existem expectativas para que a próxima tendência no mercado de *e-book readers* seja a personalização e a customização. Esta é uma grande oportunidade para que as bibliotecas insiram suas logomarcas e cores próprias nos *e-book readers* a serem emprestados. Outro ponto essencial que pode auxiliar o bibliotecário na escolha do dispositivo adequado a suas necessidades é quanto a possibilidade de se fazer compras corporativas. Como pôde-se perceber nos relatos de bibliotecários que já têm feito testes, existe a dificuldade em algumas lojas de se comprar vários títulos com apenas um cartão de crédito. Isto ocorre porque o cartão está vinculado à conta do usuário e esta, por conseguinte está vinculada a um único dispositivo. Isto se dá porque as vendas não foram planejadas para instituições como as bibliotecas, mas para clientes individuais. Abaixo pode-se verificar uma etapa do processo de empréstimo de livros disponível no site da Sony:



Figura 19 - Print screen do processo de empréstimo de *e-books*

Fonte: SONY, 2010

Segundo o site da Sony existe um serviço chamado Library finder acoplado ao dispositivo que permite que o usuário encontre bibliotecas cadastradas. Este serviço faz parte da parceria já mencionada entre a Sony e a empresa de distribuição Overdrive. Na figura pode-se ver o título do livro escolhido para empréstimo e logo abaixo a quantidade de dias que o usuário ficará com o livro até que o mesmo automaticamente expire.

Por outro lado, não podemos deixar de mostrar a resposta da Amazon para o seu Kindle. Como já foi dito, a empresa permitiu que se fizessem empréstimos de livros de seu catálogo. Algo inimaginável até pouco tempo considerando que a Amazon é uma das únicas fabricantes que ainda preservam um formato restritivo- ou seja – que pode ser lido apenas por um Kindle.

O bibliotecário que optar por adotar um kindle para empréstimo deverá seguir alguns passos de acordo com o sítio oficial da Amazon:

1. A pessoa que deseja emprestar o livro deverá entrar em sua página pessoal no sítio Amazon.com;
2. Em seguida, deve-se clicar no botão “+”, perto do título para verificar se o mesmo está disponível para empréstimo. (nem todos permitem esta possibilidade);
3. Deve-se clicar em “Loan this book” como mostra a figura abaixo:

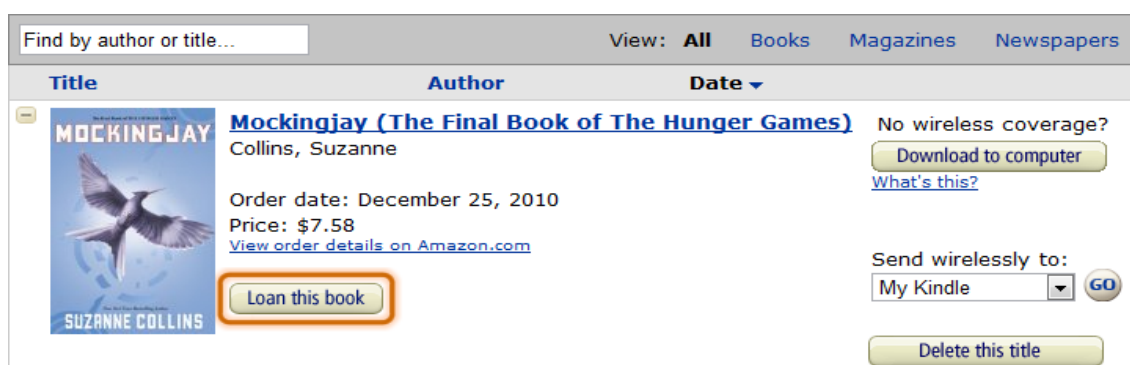


Figura 20 - Empréstimo de e-books na Amazon

Fonte: AMAZON, 2011.

4. Deve-se inserir o Nome do beneficiado com o empréstimo, o e-mail e uma mensagem opcional;

Após estes passos, o usuário terá o prazo de sete dias para aceitar o empréstimo. Caso não aceite dentro do prazo, este pode ser posteriormente renovado.

Quando o usuário receber a notificação, poderá fazer o download do livro no seu computador e passá-lo para o Kindle ou outro dispositivo que tenha o software desenvolvido pela Amazon (como um Ipad, por exemplo).

Como pode-se perceber, o processo de empréstimo do Kindle é sensivelmente mais burocrático que o da Sony. Ao contrário do Kindle o *e-book reader* da Sony tem todos os *e-books* disponíveis para empréstimo imediato. Outro dilema ainda persistente para os bibliotecários que optam por um Kindle em suas bibliotecas é a questão da compra corporativa. A Amazon exige que o bibliotecário tenha adquirido ao menos um Kindle para poder fazer empréstimos. No entanto, o Kindle permanece como o *reader* mais vendido e o mais utilizado nas bibliotecas.

10.2.2 Seleção de documentos

Este é um ponto extremamente interessante para o bibliotecário, pois apesar de os *e-book readers* serem recentes, o mercado de *e-books* já existe há um período considerável. Milhares de obras que hoje são vendidas e revendidas na versão impressa já estão em domínio público. No Brasil a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, em seu artigo 41 promulga que “Os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento, obedecida a ordem sucessória da lei civil.”. No Brasil existe um site chamado justamente “Domínio público”, mantido pelo Governo Federal que reúne estas obras em PDF. O grande problema é que estas obras não têm o devido trato editorial das obras pagas. Isto torna as obras desinteressantes para alguns devido ao formato dissertativo, em texto corrido.

Outra opção interessante para os bibliotecários que forem adquirir títulos eletrônicos para o seu acervo é o Google Books. De acordo com a empresa já existem mais de três milhões de títulos para compra. O site disponibiliza prévia de alguns trechos do livro, algumas informações básicas como um resumo, os locais para compra e empréstimo.

Caso a biblioteca faça opção por adotar o Kindle, poderá escolher livros da Amazon, que, até o dia 09 de janeiro de 2011 tinha exatamente 547,322 títulos disponíveis para compra. Outra opção que é sugerida pela própria Amazon é o uso do software Calibre, desenvolvido por uma empresa chamada Trac. Este software é utilizado para diversas funções. Além de converter para mais de 13 formatos

(Incluindo os formatos aceitos pelo Kindle), permite que o usuário gere um pequeno acervo.

No caso do Sony *Reader*, existe a possibilidade de comprar documentos no portal da Overdrive que, segundo a empresa oferece um montante de 300.000 títulos. Neste caso, o bibliotecário simplesmente procura o título no portal de busca da Overdrive e este título é automaticamente adicionado ao catálogo de sua biblioteca.

Uma iniciativa muito interessante que veio reforçar a inserção destes dispositivos no contexto bibliotecário é o chamado “Library bin”. Este é outro portal especializado de vendas de *e-books*, áudiobooks. De acordo com o site, a cada compra efetuada no site, uma parcela do valor é depositado em um fundo de auxílio às bibliotecas públicas. As bibliotecas assim recebem recursos para comprarem *e-books* que poderão ser emprestados aos usuários. A pessoa assim faz a compra, em seguida escolhe uma das 28 bibliotecas participantes e o valor é repartido da seguinte forma: é deduzida a porcentagem da editora e o resto é automaticamente transferido para uma das bibliotecas participantes. Provavelmente deve haver prestação de contas aos gestores do projeto do dinheiro investido. O Library Bin permite que o download seja feito em epub (que é o formato adotado pela Sony) e PDF (que pode ser lido pelas últimas versões do Kindle). Apesar destas deduções o *e-book* ainda é bem mais barato que as versões impressas.

Outra vertente que tem crescido cada vez mais é a das redes de bibliotecas e repositórios nacionais e continentais de *e-books*. Um exemplo interessante é o da Europeia, que reúne textos, pinturas, manuscritos e outros documentos tudo em formato digital e muitos podem ser acessados gratuitamente. No Brasil também existe um projeto interessante de digitalização da biblioteca de José Mindlin com cerca de 40 mil volumes. Estes livros e textos gratuitos, sejam em domínio público, sejam de acesso livre, permitem que o usuário tenha uma rica experiência com os *e-book readers*. Os bibliotecários devem cada vez mais conhecer estas fontes de livros gratuitos, afinal esta é uma oportunidade inédita. Ao contrário dos livros impressos que dificilmente poderiam ser gratuitos devido ao custo de impressão e do suporte.

Entretanto, tanto a loja da Amazon quanto a Overdrive têm em sua maioria livros em inglês. Apesar de ser uma língua amplamente difundida, milhões de pessoas no Brasil desconhecem a língua. Melo (2010) lista algumas lojas brasileiras que possibilitam a compra de *e-books* em português. Uma delas é a Simplíssimo que dá suporte para que autores independentes possam publicar suas obras, além do catálogo

da editora Plus. O preço surpreende para o mercado brasileiro. A média de preço dos *e-books* é R\$ 6,00. Os livros estão disponíveis nos principais formatos do mercado: AZW (para Kindle), PDF e epub. Outra loja muito conhecida é Gato Sabido. Sabe-se que esta loja reúne em torno de 30.000 títulos em seu catálogo. É uma das pioneiras no setor e recentemente fez uma parceria com a megastore Submarino. Porém, em uma rápida pesquisa de preços, percebe-se que não há muita diferença em relação aos livros impressos. A razão provável é que os *e-book readers* ainda não se popularizaram no Brasil. Apesar de não haver o custo do papel, a tiragem é baixa, o que encarece o preço. Também oferece os livros nos formatos PDF e epub. Outras duas lojas que começaram a vender *e-books* são a Saraiva e a Cultura. Os preços também não são nada vantajosos para os consumidores. Melo afirma que esta pode ser uma estratégia das editoras para não perderem mercado de livro impresso. Seria uma estratégia de mão dupla. Se por um lado você se insere na onda do mercado internacional de venda de *e-books*, por outro encarece os preços para que os livros impressos não sofram prejuízos. Vale lembrar que estas empresas estão apenas experimentando a venda de *e-books* para ver se o consumidor responde positivamente. Caso haja grande procura é muito provável que a tendência seja a diminuição dos preços. Por fim ainda vale lembrar a loja Singular, que é uma parceria entre as editoras Ediouro e Agir e a Papel Virtual, considerada a primeira *bookstore* de livros digitais no Brasil.

10.2.3 Processos técnicos

Esta etapa do serviço bibliotecário compreende as atividades mais direcionadas ao documento na rotina. Silva e Araújo explicam que (1995), “são considerados processos técnicos todos os procedimentos biblioteconômicos: a catalogação, a classificação, a alfabetação, a ordenação dos livros nas estantes e o preparo técnico e mecânico do livro”. Em se tratando de *e-books*, algumas destas atividades permanecem, outras não são mais necessárias. A catalogação é muito importante, pois é por meio da descrição bibliográfica que o usuário poderá ter acesso às informações do livro. Existe um campo específico para catalogação de recursos digitais no MARC (Machine Readable Cataloguing). Caso a biblioteca já utilize MARC em seu catálogo, poderá continuar utilizando caso passe a inserir *e-books* em sua biblioteca. A empresa Overdrive oferece um Website para download dos *e-books* com suporte para MARC e ferramentas para gerenciar e catalogar seus recursos. Entretanto, muitos bibliotecários

estão optando por usar Dublin Core, que é um conjunto de elementos especialmente criados para descrição de recursos eletrônicos. Os elementos são título, Criador, assunto, descrição, publicador, contribuidor, data, tipo, formato, identificador, origem, idioma, relação, abrangência, direitos. A Biblioteca Pública de Nova Iorque adotou o empréstimo de *e-books* para uso nos *readers* e pode-se observar alguns destes elementos:



Figura 21 - Registros bibliográficos do livro Catacombs

Fonte: NEW YORK PUBLIC LIBRARY

Pode-se encontrar título, publicador, assunto e idioma. No resto da página pode-se encontrar outros elementos de Dublin Core. Uma grande vantagem destes metadados é a simplificação. O MARC possui campos além da necessidade de descrição deste tipo de recurso. Por isso, muitas bibliotecas já utilizam o Dublin Core exclusivamente para descrever os *e-books*, como é o caso da biblioteca acima.

Renner (2009), explica que o gerenciamento de *e-books* é o mesmo de livros impressos. A maioria procura integrar tanto os livros impressos quanto os *e-books* num mesmo OPAC (Online Public Access Cataloguing).

Quanto à indexação dos *e-books*, existe um fator muito positivo para os bibliotecários, que é facilidade trazida pela indexação automática. De acordo com Lancaster (2004), existem dois tipos de indexação: a manual e a automática. O primeiro processo é minucioso e exige mais esforço intelectual por parte do bibliotecário. A indexação também pode ser por extração ou por atribuição. O formato atual dos *e-readers* facilita muito a indexação automática por extração. Existem softwares simples que fazem a seleção dos termos mais relevantes no documento. No caso da indexação automática por atribuição, existe mais complexidade, pois necessita

de controle terminológico (ENCONTRO NACIONAL..., 2007). Os resumos quase sempre são cedidos pela *bookstore*, transformando o trabalho do bibliotecário num simples corta-e-cola. Isto não deve ser justificativa para que o bibliotecário deixe de utilizar as técnicas de resumo concernentes ao exame do documento.

Quanto aos tradicionais processos de etiquetagem e organização dos livros nas estantes, já não são necessários em se tratando de livros digitais. Por sinal, este é um dos grandes pontos de defesa dos partidários do livro digital. A economia de espaço em documentos pode acarretar outros benefícios para os usuários como o aumento do espaço útil para estudo. Isso não significa uma defesa do fim dos livros impressos, senão a aplicação da lei bibliométrica já citada. O tombamento do *e-reader* geralmente é automático.

A classificação bibliográfica já não se faz necessária no tratamento de *e-books*. Na grande maioria dos campos de busca, existe o campo ISBN, título, autor, assunto ou idioma. Dificilmente algum usuário utilizaria uma notação para encontrar um *e-book*. Até porque os números de classificação são símbolos referenciais para encontrar o objeto num determinado espaço. No caso de recursos digitais, a organização não se dá ou não se faz necessária por estes sistemas.

10.2.4 Referência

Este é um setor importantíssimo para a inserção dos *e-book readers* nas bibliotecas. Na maioria dos testes com estes dispositivos já realizados, o bibliotecário de referência é o responsável pelas pesquisas de opinião. Em muitos casos este mesmo profissional realiza as pesquisas para que a biblioteca possa ter um *feedback* das dificuldades que os usuários estão tendo com o uso desta nova tecnologia.

Renner (2009) explica que os *e-book readers* podem trazer a agilização do processo de referência, de modo que o bibliotecário consiga explicar algo de forma mais simples sem ter que se deslocar e guiar o usuário pelos corredores da biblioteca. O que podemos constatar no seguinte relato de Peter te Boekhorst, da Universidade de Munster: “eu não gasto muito tempo explicando aos usuários como usar um documento PDF, mas eu tenho que explicar para 35 pessoas todos os dias como encontrar 3F ou 3H, etc. Este problema de encontrar o seu caminho pela biblioteca desaparecerá”.

Além disso, com o tempo mais bem aproveitado, o bibliotecário poderia aplicá-lo em atividades que quase sempre ficam para a última instância, como o marketing e o desenvolvimento de bibliografias, por exemplo. O autor fala que, por outro lado, as bibliotecas necessitam reaplicar mais tempo e dinheiro na explicação do funcionamento das novas tecnologias. Exatamente por isso que é importante o marketing deste novo tipo de dispositivos, pois quando a biblioteca investe dinheiro em algo, precisa de retorno dos usuários. E isso só se dará se os mesmos conhecerem bem o que estão absorvendo. Waterfield (2010) traz o depoimento do diretor assistente da Biblioteca Pública Sparta, de Nova Jersey que explica em detalhes a rotina de um bibliotecário de referência inserido no contexto dos empréstimos e devoluções de e-readers:

Os Kindles (nós temos dois) são carregados [com e-books] por duas semanas para usuários com mais de 18 anos. É necessário apresentar uma carteira de motorista ou outro documento de identidade no momento do empréstimo. É permitido aos usuários fazer o download de um título da Kindlestore pelos nossos créditos; Em seguida eles pagam pelos títulos. Nós emprestamos os Kindles em suas embalagens originais envolvidos em uma de nossas bolsas com carregador, cabo USB, etc. Recarregamos os Kindles quando são devolvidos. Nós adicionamos os títulos aos registros MARC quando são comprados. Existe um formulário com as taxas de substituição e de atraso, de modo que não haja surpresas no momento da devolução. Nós cobramos cinco dólares por dia de atraso. Nunca tivemos problemas com abusos na política de download e nunca houve casos de danos aos equipamentos (vai entender!). Os usuários amam os Kindles, os quais estão sempre emprestados (atualmente existe uma lista de espera) Nós os temos circulado desde novembro de 2008 e eles ainda continuam populares. Agora nós também circulamos o Sony reader também. (tradução nossa)

Portanto, a maioria das atividades não é tão diferente do que os usuários já estão acostumados. Elas são apenas reformuladas. Este é o procedimento de empréstimo dos dispositivos na própria biblioteca àqueles que ainda não os possuem. O procedimento seria o mesmo caso o usuário levasse seu próprio dispositivo para recarga. Todos os livros baixados devem ser catalogados e inseridos no sistema para que a biblioteca tenha o controle do acervo. Como pôde ser visto, caso o usuário precise de um livro que não exista no catálogo, tem a opção de baixa-lo. Entretanto, não é todo livro que faz parte do perfil da biblioteca. Os bibliotecários provavelmente enfrentariam certa dificuldade em comutá-los por questões de direitos autorais. Entretanto, como as coisas estão mudando a largos passos, especialmente para os bibliotecários que passaram a utilizar tal tecnologia, pode-se esperar alguma solução neste sentido.

Existem casos de bibliotecas que preparam guias para uso dos *e-book readers*. Para outras o manual do *device* já é suficiente. O uso das redes sociais, especialmente do recurso de referência virtual, é essencial para o sucesso destes dispositivos. Não deve-se esquecer que o usuário pode pegar emprestado seu livro a partir de sua casa, sendo necessário ter apenas os dados de identificação de usuário da biblioteca. Isto exige o usuário da presença física na unidade de informação, fazendo que a biblioteca tenha que aperfeiçoar seus meios de comunicação pela rede.

Anteriormente mencionamos uma pesquisa realizada por Renner (2009) em 2007 com bibliotecários de universidades em diversos países. Esta pesquisa mostra quais as principais áreas/atividades da biblioteca que sofreriam redução de custos com a utilização do *e-book* em relação ao livro impresso. Os itens analisados foram: “tratamento físico/processamento”, “armazenamento/arquivamento”, “circulação”, “manutenção de estantes”, “devolução”, “desenvolvimento de coleções”, “catalogação”, “processamento de pedidos”, “instruções ao leitor, publicações, suporte técnico, etc” e “espaço e infraestrutura”. Estes itens podem ser avaliados de 1 (completamente insignificante) a 7 (extremamente significativa):

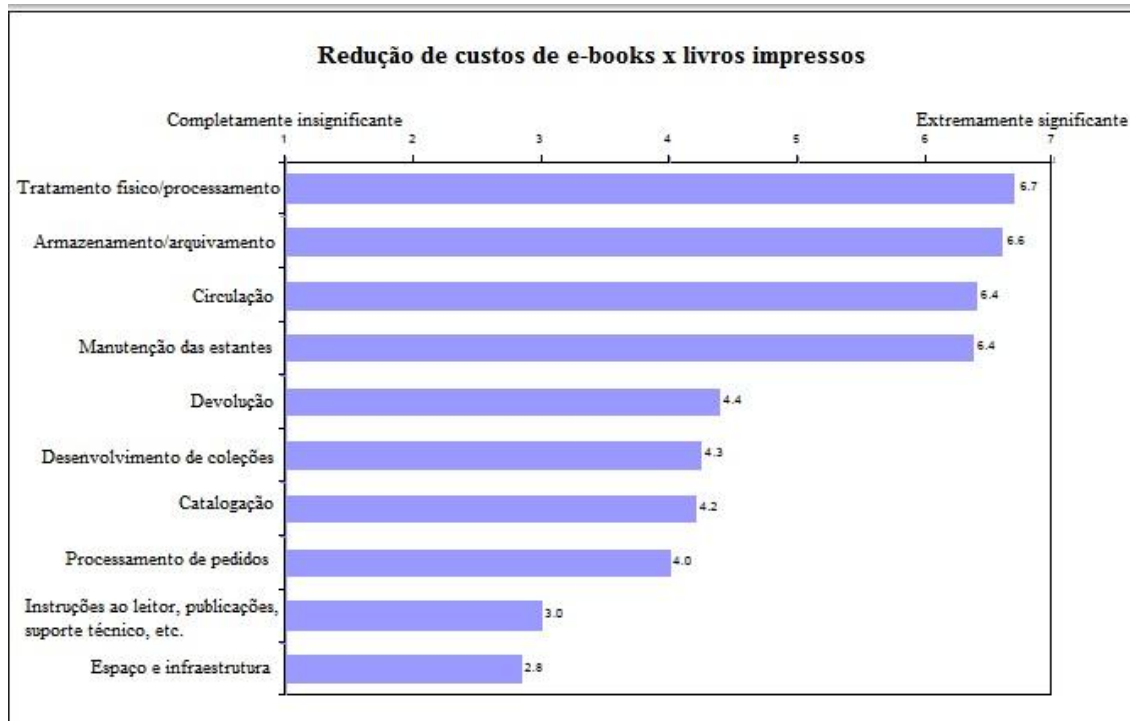


Figura 22 - Redução de custos de *e-books* x livros impressos

Fonte: RENNER (2009)

A redução dos custos nas atividades executadas pelos bibliotecários interessa principalmente aos gestores das bibliotecas. Se se economiza nas atividades básicas, certamente viabiliza-se a compra de novos documentos, que é um dos grandes dilemas para as instituições. Etiquetagem, sistema de segurança, transporte, conservação, etc. Tudo isso faz parte de um conjunto de atividades centrais na rotina de uma biblioteca que não são acessíveis a todos os países, em especial os subdesenvolvidos. Procurar alternativas para reduzir custos é importante inclusive para a manutenção dos livros impressos. Diversos livros são perdidos ano a ano por falta de formação adequada dos responsáveis, má conservação, locais inadequados, etc. Estas considerações de custos também devem ser de interesse do bibliotecário para que este possa gerenciar melhor os recursos que lhe são confiados. Não basta apenas se fechar a um determinado formato e se esquecer das implicações de sua decisão. As decisões do bibliotecário de adotar o empréstimo de *e-books* depende de um entendimento das necessidades atuais dos usuários, não é uma questão de gosto pessoal.

Como pudemos perceber, com o uso dos *e-book readers*, o bibliotecário viu-se, de modo geral, mais livre para direcionar sua atenção mais ao usuário que ao documento propriamente dito. A figura do bibliotecário de referência é chave para o sucesso dos programas já existentes. Os processos técnicos ficaram mais ágeis com o uso dos ebooks. Talvez este seja o momento de o bibliotecário mostrar ao usuário seu potencial enquanto profissional da informação, cuja função social é muitas vezes desconhecida. A justificativa destes profissionais é, na maioria das vezes, falta de tempo para divulgação dos serviços. Assim, mais do que nunca, o bibliotecário deve se aliar às tecnologias que vieram não para encolher seu espaço, senão para transformá-lo em algo mais efetivo para os usuários. Estes que se veem cada vez mais imersos no mundo das informações rápidas e nem sempre confiáveis.

11 Análise de estudo de caso - Empréstimo do Kindle nas bibliotecas da Universidade A&M do Texas

Como pudemos verificar, diversas bibliotecas já estão executando testes com *e-book readers*. Estes testes são de três tipos basicamente: 1) permite o empréstimo de *e-books* para os dispositivos dos usuários; 2) permite o empréstimo dos *e-book readers* das bibliotecas ou 3) permite tanto o empréstimo de *e-books* quanto de *e-book readers*.

O teste relatado por Clark (2009) ocorreu nas bibliotecas universitárias da Universidade A&M do Texas no ano de 2008. Neste projeto foi decidido que se emprestariam apenas *e-book readers* para os usuários. Inicialmente foram adquiridos seis dispositivos, sendo que este número aumentou para dezoito em alguns meses. Cada dispositivo foi comprado ao preço de 399 dólares.

Para Shaw (1957) o ciclo documentário compreende algumas etapas como a identificação, a gravação, a organização, o armazenamento, a recuperação, a conversão em formas mais úteis e a disseminação. Cervantes, Rubi e Fujita (2008) afirmam que o ciclo documentário nas bibliotecas geralmente segue um caminho mais curto que vai da gravação à recuperação. Baseando-se em Guinchat e Menou (1994) os autores também afirmam que “o ciclo documentário comporta também a coleta de documentos (inicialmente) e a difusão da informação (ao final). Assim, as operações básicas de uma biblioteca passam pelas tarefas de coleta, tratamento e difusão da informação. Podemos propor assim um esquema que relaciona estas três tarefas relacionadas com o empréstimo de *e-book readers*:

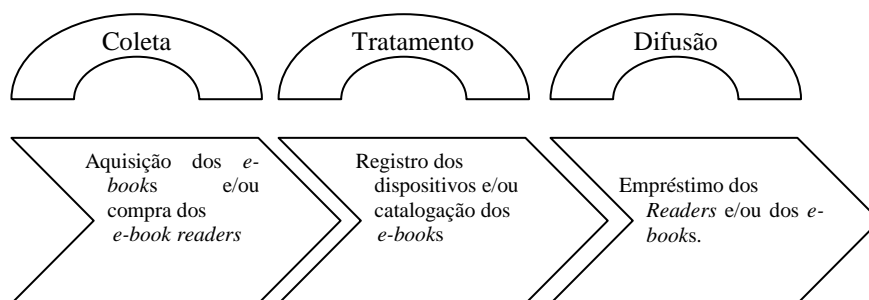


Figura 23 - Operações básicas de uma biblioteca aplicadas ao empréstimo de dispositivos e *e-books*

Cada tarefa geral (coleta, tratamento e difusão) está relacionada a tarefas específicas dentro do contexto da biblioteca. No caso das bibliotecas da Universidade A&M do Texas, verificaremos que nem todas as tarefas específicas foram cumpridas, mas ainda assim o modelo é válido para explicar a partir deste estudo de caso o que vem acontecendo com outras bibliotecas que têm emprestado *e-books* e *e-book readers*.

11.1 Políticas gerais:

11.1.1 Empréstimo:

Até o final de 2010 a Amazon não permitia o empréstimo de *e-books* adquiridos em sua loja. Portanto, deveria-se pensar na forma de empréstimo que a biblioteca iria adotar. Como o objetivo seria o empréstimo de dispositivos, a biblioteca deveria pensar num modo de economizar recursos na aquisição dos documentos tendo em conta que os *e-book readers* ainda não estavam num preço tão acessível na época. Assim, a biblioteca optou por aproveitar uma facilidade que a Amazon proporcionava a seus clientes: seria permitido vincular até seis dispositivos por conta pessoal no site. Desta forma, se o livro “*Romeo and Juliet*” fosse adquirido uma vez, existia a possibilidade de se fazer o download do mesmo livro para cada dispositivo vinculado à conta sem pagar um centavo a mais. Este esquema seria muito mais vantajoso, pois ao emprestar livros impressos, a biblioteca deveria adquirir quantas cópias desejasse emprestar. As implicações de direitos autorais permanecem ainda veladas pelos acordos firmados entre a Amazon e as editoras. Poderíamos especular que os direitos autorais seriam repassados indiretamente pela Amazon por meio do lucro com os dispositivos, mas se a Amazon não divulga nem sua vendagem, quanto mais os detalhes de seus contratos.

Outra decisão importante a ser tomada pela biblioteca do estudo seria quanto ao período de empréstimo. Baseando-se provelmente no período médio dos livros impressos, os bibliotecários da A&M decidiram que o período de empréstimo dos *e-book readers* seria de duas semanas. Esta seria uma maneira de fazer com que os usuários não tivessem que ir semanalmente à biblioteca fazer a renovação do empréstimo.

Além do empréstimo pessoal, a biblioteca também disponibilizou a possibilidade de fazer a reserva pelo site. Para que uma biblioteca disponibilize serviços via web é necessário que haja uma estrutura organizacional preparada para atender às demandas. Muitas bibliotecas não dão a devida atenção a referencia virtual. Ou seja, disponibilizam um canal de comunicação, mas quando o usuário mais precisa a informação não chega ou chega com atraso. Os bibliotecários da A&M disponibilizam um formulário a partir da página desenvolvida especialmente para o empréstimo dos dispositivos que pode ser conferida a seguir:

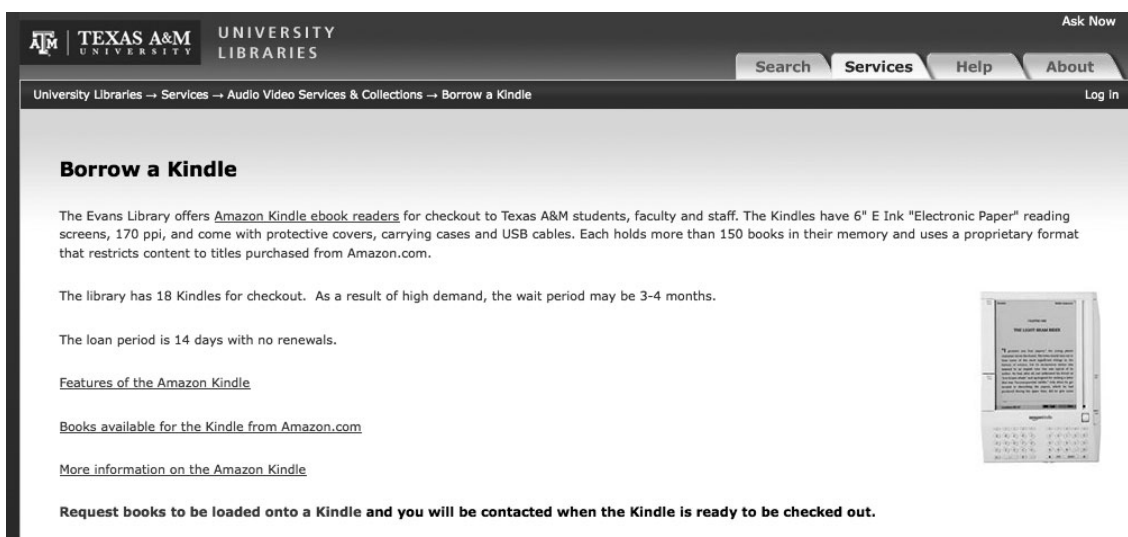


Figura 24 - Página de divulgação do serviço de empréstimo do Kindle

Fonte: CLARK, 2009

11.1.2 Catalogação:

Atualmente diversas bibliotecas que já fazem empréstimo de dispositivos e de *e-books*. As políticas de catalogação dos livros variam de acordo com a biblioteca, mas em geral costuma-se catalogar os títulos adquiridos e registrar os dispositivos existentes na biblioteca. Isto é importante para os relatórios de controle bibliográfico das instituições. Tendo os livros catalogados e os dispositivos registrados é possível elaborar sistemas de localização de documentos como se cada dispositivo fosse uma estante da biblioteca como mostra o esquema a seguir:

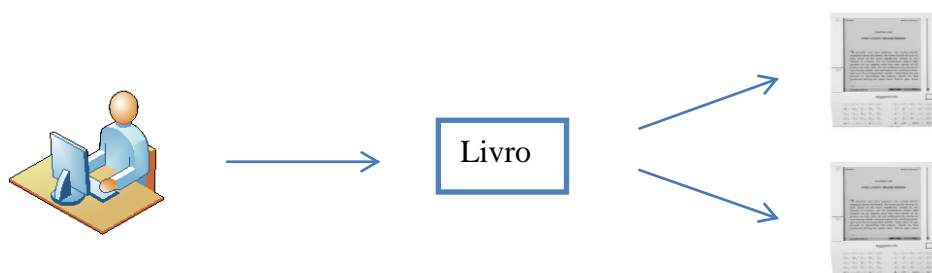


Figura 25 - Sistema de distribuição de *e-books* por dispositivos

Desta maneira, se o usuário procura o livro A no catálogo, aparecerá a descrição bibliográfica do documento acompanhada dos Kindles que têm o título disponível.

No caso da biblioteca do estudo, optou-se por aproveitar mais de uma funcionalidade da Amazon. Todos os livros comprados seriam controlados pela conta pessoal da biblioteca no site da varejista.

11.1.3 Aquisição de documentos:

A aquisição seria feita pela própria biblioteca por meio de sua conta pessoal na Amazon. O usuário deveria solicitar o título pela página web da biblioteca que faria a aquisição dos documentos. Assim, o documento adquirido seria enviado automaticamente ao usuário por meio da rede Wispernet. O grupo responsável pelo estudo nas bibliotecas da Universidade A&M utilizaram o mesmo modelo de aquisição de *e-books* da Universidade da Carolina do Norte no qual foi criada uma coleção específica definida pelo usuário. Então, na medida em que novos títulos forem solicitados pelos usuários, estes só seriam adicionados a esta coleção específica. Os bibliotecários também definiram que seria seguida com os *e-book readers* a mesma política já vigente para livros impressos: seriam comprados todos os livros abaixo de 150 dólares que forem solicitados pelos usuários. Como o preço do *e-book* geralmente é mais acessível que o do livro impresso, pode-se assegurar que a biblioteca economizaria em suas aquisições. Outra questão a ser definida pelos bibliotecários seria quantos títulos poderiam ser adquiridos a cada empréstimo. Foi decidido que o usuário poderia adquirir até três livros por vez.

11.1.4 Marketing do serviço:

Para se inserir este tipo de serviço numa biblioteca, é necessário preparar o ambiente para que os usuários conheçam o que está sendo oferecido. Os bibliotecários do estudo resolveram fazer um bom programa de marketing para o empréstimo do Kindle. Para tanto, foram tomadas algumas medidas tais quais:

- Implantação de um banner chamativo na homepage da biblioteca:



Figura 26 - Banner de divulgação do serviço de empréstimo do Kindle

Fonte: CLARK, 2009

- Os bibliotecários imaginaram que a maioria dos pedidos de compra de livros seria de *best-sellers*, dessa maneira resolveram pregar cartazes divulgando o serviço nesta sessão.
- Foi inserida uma nota de lançamento no site da biblioteca e na página principal da Universidade. A chamada era breve e direcionava para uma página mais completa explicando o serviço;

Todos os elementos de marketing da informação adotados por esta biblioteca têm por objetivo primeiro fazer com que o serviço de empréstimo do Kindle pudesse ser conhecido e utilizado. Este objetivo está em consonância com o que Otoni (1995) define como Marketing em unidades de informação: “filosofia de gestão administrativa na qual todos os esforços convergem em promover, com máxima eficiência possível, a satisfação de quem precisa e de quem utiliza produtos e serviços de informação”. Desta forma, se uma biblioteca cumpre com a sua tarefa de promover seus produtos e serviços, pode atrair os não usuários, além de fazer com que os usuários conheçam e usufruam de todas as possibilidades oferecidas pela unidade de informação.

11.2 Resultados:

11.2.1 Popularidade:

A biblioteca obteve resultados impressionantes. Clark (2009) relata que o programa teve início numa manhã de segunda-feira e, ao final do dia, já haviam 30 pedidos de empréstimo. Como inicialmente a biblioteca contou apenas com seis Kindles, seria necessário assinar uma lista de espera. Pela nossa pesquisa, verificamos

que quase todas as bibliotecas que emprestam o dispositivo têm listas de espera. Além disso, percebemos também que o empréstimo de dispositivos eletrônicos não é nenhum “tabu” para as bibliotecas norte-americanas. Muitas já faziam empréstimos de câmeras fotográficas, IPods, gravadores e até mesmo notebooks. Obviamente são assinados termos de responsabilidade pelos objetos, mas ao menos com o empréstimo dos *e-book readers*, não se tem tido muitos problemas. A lista de espera neste estudo de caso registrou um total de 108 pedidos ao final de um mês após ser iniciado o programa. Tendo em conta estes dados, percebe-se que houve uma queda drástica no número de pedidos tendo o primeiro dia como base. Se a quantidade de 30 ao dia se mantivesse, ao final de um mês teríamos pelo menos 900 pedidos. Em outras bibliotecas estudadas, verificamos resultados bem mais satisfatórios. Talvez a quantidade de dispositivos para o tempo de espera não tivessem sido adequados às necessidades da biblioteca. Outro fator é que não foi dito se seria possível fazer a renovação do empréstimo. Este é um fator que poderia estender ainda mais o tempo de espera dos usuários. Entretanto, como esta é uma experiência recente, pensamos que a tendência é a compra de mais dispositivos, o que poderia atenuar a resposta negativa à busca do usuário. Quanto às aquisições, ao final de um mês, verificou-se que um total de 62 títulos foram adicionados aos dispositivos a uma média de 10.14 dólares por título. Como a biblioteca possibilita que os usuários comprem quantos livros impressos forem necessários, tendo um teto de 150 dólares, também seria interessante que a pesquisa tivesse comparado o valor de 62 títulos impressos com o valor de 62 títulos de *e-books*. Este tipo de dado é muito importante para as bibliotecas que desejassem implantar sistemas parecidos.

11.2.2 Gêneros mais populares

A biblioteca fez um levantamento dos gêneros mais populares dentre os 62 títulos adquiridos que podem ser conferidos na tabela abaixo:

Empréstimo de E-book readers Kindle
Dennis T. Clark

Tabela 1 Porcentagem de pedidos por gênero

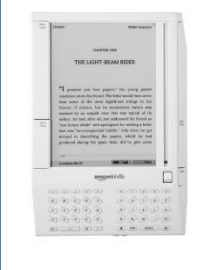
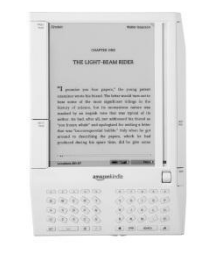

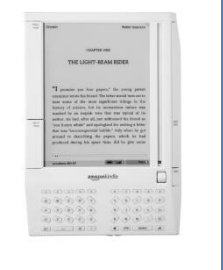
Gênero	Porcentagem de títulos pedidos
Ficção leve (incl. romances)	17.74
Literatura infantil	16.12
Fantasia	16.12
Ficção	8.06
Biografia	6.45
Negócios	4.83
história	4.83
Auto-ajuda	4.83
Ciência popular	3.22
Religiosos/devocionais	3.22
Preparação para exames	3.22
Ciência acadêmica	1.61
Economia	1.61
Comidas/bebidas	1.61
Política	1.61
Psicologia	1.61
Referência	1.61
Ficção religiosa	1.61

Figura 27 - Empréstimo de e-book readers kindle

Fonte: CLARK, 2009

Como foi dito anteriormente, esperava-se que os *best-sellers* fossem mais pedidos. Como o Kindle DX só foi lançado em 2009, admite-se que a biblioteca utilizou a primeira versão do Kindle. A versão DX, por ser duas vezes maior que a primeira versão é mais adequada para a leitura de artigos científicos e jornais. Isto pode ter influenciado na preferência por gêneros literários em detrimento de áreas de escopo dos cursos universitários. Uma surpresa para o autor do estudo foi o alto índice dos títulos de literatura infantil. Realmente surpreende, tendo em conta que os *e-book readers* ainda não se adaptaram para atrair este público. Enquanto os livros infantis têm formas e texturas diferentes, os *e-book readers* são estruturas padrões. O Kindle da Amazon só mudou da cor branca para a preta após o lançamento de sua quarta versão. Assim, podemos inferir que os resultados seriam diferentes com o uso da versão DX. Estes dados são importantes para que os bibliotecários possam gerenciar acervos próprios. Como foi esclarecido, os 62 títulos foram adquiridos segundo demanda de usuários específicos. Pelos gêneros escolhidos, verifica-se que a maioria não atende às necessidades acadêmicas dos estudantes. Muitos bibliotecários preferem desenvolver acervos para estes dispositivos segundo uma política determinada. À parte a opção de deixar que os usuários escolham os títulos, existem outras maneiras de organizar o acervo presente nestes dispositivos:

Quadro 4 - Organização de acervo

				
Por autor	Por gênero/assunto	Diversos por letra do alfabeto	Diversos por notação	Por disciplina

Obviamente, algumas formas de organização dependem de mais recursos. Se a biblioteca fosse organizar os dispositivos por disciplina, deveria ter pelo menos mais de um dispositivo por disciplina. Poderia ser feito um estudo das disciplinas que têm mais afinidade ou interesse por este tipo de tecnologia. Assim, as demandas seriam atendidas mais específica e efetivamente. Invés de lançar os dispositivos para a comunidade e esperar para ver o que acontece, o bibliotecário age na necessidade.

11.2.3 Avaliação do projeto:

De acordo com Clark (2009), os bibliotecários acreditam que a demanda pelos Kindles foi bem maior do que eles esperaram. O autor relata que em uma semana os bibliotecários aumentaram de seis para doze Kindles. Após um mês este número passou para 18 dispositivos em circulação. Clark ainda lembra que este número superava o de outras bibliotecas no mesmo período e ainda assim o número não era suficiente para atender a demanda. Desta maneira, decidiu-se por diminuir o período de empréstimo de duas para uma semana e a quantidade de documentos que poderiam ser adquiridos de três para apenas um por empréstimo. Os bibliotecários verificaram que durante este período não foi verificado nenhum tipo de dano ou adulteração no dispositivo/sistema operacional.

Consideramos que apesar de o resultado ser bem maior que o esperado pelos bibliotecários, a demanda poderia ter sido bem mais expressiva. Dessa maneira, acreditamos que a biblioteca não esteve ou estaria preparada para lidar com a demanda. Quando se resolve implantar um programa como esse, deve-se adotar algumas medidas para não haver este tipo de surpresa de percurso. Dentre outras

medidas, um estudo estatístico para saber a quantidade de interessados seria basilar. O não atendimento das necessidades informacionais dos usuários é frustrante. As atitudes do bibliotecário diante deste desafio tem sido objeto de estudos como o de Baptista e Mueller (2005). Tendo em conta que a biblioteca não conseguiu atender à alta demanda constatada, os bibliotecários reconheceram que deveriam ter tomado outra postura. Primeiramente, o empréstimo seria oferecido a partir de uma “abertura mais suave”, de modo que os Kindles fossem oferecidos para os chamados *early adopters*. Assim, os aspectos dos projetos seriam revelados paulatinamente em vez de terem feito tal campanha massiva. Por outro lado, foi constatado que alguns usuários só pegavam os dispositivos emprestados para testar sua funcionalidade invés de ler um livro. Clark revela que tal fator fora proporcionado pelo fato de o Kindle não estar disponível em qualquer loja podendo ser comprado apenas pela loja da Amazon na internet. Se nos Estados Unidos já houve uma aceitação cultural a ponto de emprestarem até mesmo notebooks, poderiam adquirir dispositivos com a função específica de consulta rápida na biblioteca. Poderíamos chama-los de *devices* de referência. Estes dispositivos poderiam conter obras como dicionários, enciclopédias, bibliografias, etc. Talvez se se iniciasse o projeto pelos Kindles de referência, a biblioteca poderia ter uma noção do potencial desta tecnologia sem ter que partir para um projeto às cegas para ver no que resultaria. Assim seriam conhecidos os potenciais usuários, a frequência de uso e os danos durante o período.

12 Conclusão

Desde o início deste trabalho, foram lançadas mais perguntas que respostas. Mostramos que a crise do livro (Chartier, 2001) não é uma crise do livro impresso. Eco e Carrière (2010) explicam que o fim do livro (impresso) que geralmente é postulado por alguns jornalistas, não passa de uma idéia fixa e que “o livro venceu seus desafios e não vemos como, para o mesmo uso, poderíamos fazer algo melhor que o próprio livro”.

Neste contexto de dúvidas, lembramos de que a Union Française des Organismes de Documentation trouxe uma definição que nos faz questionar a natureza de um *e-book reader*. Seriam estes documentos? A definição diz que documento seria “qualquer base de conhecimento fixado materialmente, suscetível de ser utilizado para consulta, estudo ou prova”. Estes dispositivos nos fazem repensar os conceitos. Apesar

de não ser um conhecimento fixado materialmente, pois como foi dito, o *e-book* é composto de bits e bytes, certamente pode-se falar que é suscetível a consulta, estudo ou prova. Isto é dito porque um *e-book reader* não é uma tabula rasa, uma pedra bruta que poderia simplesmente absorver uma informação escrita. Cada dispositivo já vem ao menos com um texto – geralmente o manual – de fábrica. Tendo isto em conta, podemos lembrar que Marcondes (2010) menciona que os documentos são passíveis de serem representados. São criados signos que posteriormente são organizados de formas sistêmicas em dispositivos como catálogos, bases de dados, índices, etc. Assim, quando um usuário recebe um *e-book reader*, já pode começar a ler seu manual de instruções e tão logo fazer apontamentos e marcações da mesma forma que um leitor fazia em seu exemplar de “Os miseráveis” de Victor Hugo no século XIX. E o bibliotecário, por sua vez, a catalogar o Manual de instruções do Kindle 3, claro se este for de interesse para a biblioteca em questão. A dúvida que perdura é que o fato de estes dispositivos serem vendidos com *e-books* já embutidos fazem deles documentos?

Da questão de ser ou não um documento passamos para a questão do suporte. Vimos primeiro que a crise dos suportes pode ser vista como parte da crise do livro. Um livro de Platão certamente já passou por diversos suportes ao longo da história. Hoje podemos encontrá-lo num *e-book reader*. Que tipo de suporte seria um *e-book reader*? Como o barro? Como o computador? O dicionário de Biblioteconomia e arquivologia define suporte como um “material empregado pelo homem para fixar e transmitir seu pensamento”. A maioria dos livros (KATZENSTEIN, 1986; MARTINS, 1957; MELLO, 1972) considera uma pedra escrita, por exemplo como suporte. Afinal, seria um material condizente com o conceito acima estabelecido. Mas poderíamos considerar o *e-book reader* como um suporte do mesmo tipo da pedra? Diríamos que mais uma vez este dispositivo vai além dos conceitos estabelecidos. Um *e-book reader* não só é capaz de fixar um conhecimento como antes poderia a pedra, mas centenas de outros.

Outra dúvida que interessa ao bibliotecário que poderia ser tratada é: seria o *e-book reader* um livro? Alguns autores (KATZENSTEIN, 1986; MARTINS, 1957; MELLO, 1972) consideram os diversos tipos de suporte para a escrita ao longo da história como transformações do livro. Bellei (2001) afirma que o livro é uma tecnologia. E como toda tecnologia podemos pressupor que haja um desenvolvimento, um aprimoramento técnico. Outros consideram o livro como o codex atualmente

conhecido (que passou do pergaminho ao papel). Deveríamos questionar: o *e-book reader* seria apenas um elemento evolutivo nesta cadeia? Um detalhe interessante é que muitos chamam estes dispositivos de *e-books*. Ou seja, no imaginário destas pessoas estaria a premissa de que são livros eletrônicos (ainda que diferentes do que tradicionalmente conhecemos por *e-book*). No entanto, sabe-se por suas características que o *e-book reader* se propõe a ser uma cópia fidedigna do livro impresso, assim como os tipos foram dos manuscritos no início. A e-ink (tinta eletrônica) é precisamente uma forma de proporcionar uma leitura que não seja cansativa em oposição às telas do computador. Outros elementos dos dispositivos nos remetem aos livros impressos: a marcação, as notas, a possibilidade de identificá-lo unicamente (ex-libris?), etc. Com o lançamento do Ipad, da Apple, a tendência é que os *e-book readers* se tornem mais *gadgets*, com múltiplas funções do que um leitor de livros (ou um livro). Por outro lado, se o intuito dos *e-book readers* é aprimorar a experiência da leitura de livros impressos, os passos adiante podem atrapalhar. Para que se tenha experiências com hiperlinks, vídeos, jogos, etc. é necessário abdicar de certos benefícios trazidos pela e-ink (não cansa a vista). Portanto, se é livro, nunca foi ou deixará de ser livro, não é tão importante para o momento ou para os próximos anos. Ao menos no que diz respeito aos bibliotecários. O importante é que a biblioteca há muito deixou de lidar apenas com o livro em seu agir profissional. As bibliotecas da Universidade da Carolina do Norte, por exemplo já emprestam notebooks, câmeras fotográficas e filmadoras, Ipads, Ipods, GPS, *e-book readers*, Scanners, Dvds portáteis, gravadores, projetores, pen drives e muitos outros dispositivos que possam auxiliar o usuário em sua busca pela informação. Sem dúvida é um novo espaço que a biblioteca está ocupando que vai muito além dos livros, sejam impressos ou digitais.

Decidimos explorar também algumas características dos *e-book readers* como: a portabilidade, a tecnologia e a praticidade. Estes pontos foram mencionados para que estes dispositivos fossem reconhecidos sem serem confundidos com os tablets que apesar de apresentarem características parecidas, têm finalidades diferentes.

Os dados sobre o cenário dos *e-books* e dos *readers* foram apresentados para que os bibliotecários pudessem avaliar se este seria ou não o melhor momento de se investir no empréstimo em suas bibliotecas. Como pudemos ver, há uma grande expectativa de aumento na penetração dos dispositivos no mercado e do aumento de leitura de *e-books* nos próximos anos (BEHAR, 2010). Isto pode animar os

bibliotecários a desenvolverem programas pilotos em suas bibliotecas, pois em tempos de globalização, não faz sentido que só as bibliotecas vivam em bolhas.

Também vimos que o Kindle, lançado em 2007 já teve quatro versões de lá para cá. O mercado de *e-book readers* está acirradíssimo, pois verificou-se dois fatores: o primeiro é a lucratividade. O segundo é a expectativa de crescimento futuro. Outros *e-book readers* podem até ter mais vantagens que o Kindle, mas pelos estudos de caso verificados, constatamos que a maior parte das bibliotecas tem preferido adotar o Kindle em seus programas. De acordo com o site Foner books, que traz estatísticas do mercado livreiro norte-americano, em 2009 as vendas da Amazon atingiram 5,96 bilhões de dólares. Em segundo lugar está a Barnes&Noble, fabricante do *e-book reader* Nook, que faturou 4,30 bilhões neste ano. Com as impressionantes vendas da Amazon é possível ter noção do quanto a maior vendedora de livros pela internet pode fazer por seu produto.

As atividades da rotina bibliotecária como a seleção, a aquisição, a catalogação, a indexação, a classificação e principalmente a referência foram apresentadas para que cada uma destas atividades fossem aplicadas aos casos em que o empréstimos de *e-books* e *e-book readers* já ocorre. Percebemos que muitas das atividades técnicas não serão mais aplicáveis neste novo contexto. Isso dá margem para que o bibliotecário finalmente tenha tempo hábil para atividades mais voltadas ao usuário.

No que concerne aos casos de uso de *e-book readers* em bibliotecas, percebemos que as experiências mundo afora já são inúmeras. Os bibliotecários não quiseram esperar para ver no que daria a “guerra” destes dispositivos por mercado. Eles adquiriram os *readers* e levaram ao usuário. Algumas experiências deram errado, outras serviram de *know how* para o aprimoramento do serviço.

O fato é que as respostas das bibliotecas têm feito fabricantes e varejistas se reorganizarem para atender às demandas destas instituições. Neste sentido, após os empréstimos, pode-se falar em questões espinhosas que foram sendo levantadas como o direito autoral e o lucro das editoras. Porém o mais importante é saber que estas bibliotecas poderiam servir de base para que o mercado brasileiro pudesse ser finalmente despertado para estas questões que, sem dúvida, poderiam influenciar na leitura do usuário (BEHAR, 2010).

Mostramos alguns passos detalhados de empréstimo de *e-book readers*. Assim, não basta saber que algumas atividades desaparecerão. É importante lembrar que

algumas atividades serão modificadas neste novo contexto. Vale lembrar que enquanto o bibliotecário antes auxiliava a encontrar o livro na estante, com o empréstimo de *e-book reader* ele passará a explicar como o dispositivo funciona. Obviamente isto não decreta a substituição da antiga função, diríamos que há uma agregação da nova.

Por fim, tratamos do empréstimo de *e-book readers* num estudo de caso realizado por Clark em 2009 nas bibliotecas da Universidade A&M do Texas. Por serem pioneiras, provavelmente os *readers* foram adquiridos a um preço mais alto do que encontramos atualmente. Os bibliotecários não esperaram os resultados atingidos por sua experiência. Isto ocorreu porque não foi feito nenhum estudo prévio das necessidades do usuário e por falta de planejamento do programa. Este resultado acarretou a frustração de alguns usuários. Outros tiveram que esperar semanas numa lista de espera para poderem ter algum contato com os *devices*. No entanto, a experiência foi importante para que se verificassem os erros e planejassem novos caminhos a serem traçados.

A crise no livro nos leva a pensar numa outra crise: a crise da leitura. Consideramos que houve um contínuo processo que transformou a leitura meditativa da idade média num rápido lampejo de trechos e palavras ordenadas (ou não). Vivemos em tempos de experiências mágicas com hiperlinks, hipertextos, vídeos, áudios e gráficos. Tudo é muito rápido e atual. O que nos parece mais contraditório é que em meio a tantas experiências incríveis, algo tão antigo seja relançado como novo. O livro, que fez muitos meditar, contemplarem, vivenciarem uma aventura profunda por meio das palavras reaparece no *e-book reader*. Não vemos uma tecnologia revolucionária, que poderia substituir o livro impresso. Vemos antes uma tentativa de resgatar o interesse pela leitura mais demorada, há tantos anos perdida no contexto dos bits e bytes. Pode ser que esta reinvenção do livro ainda não seja o que estamos pensando. Pode ser que seja apenas uma entre tantas outras formas estabelecidas pelo mercado para o consumo pelo consumo. Entretanto, o que não se pode perder de vista é que se esta tecnologia conseguir despertar cada vez mais o interesse pela leitura, já teremos alcançado um grande objetivo.

13 Bibliografia

AMAZON. **Kindle User's guide**. 2. Ed., 2007? Disponível em: <http://www.brynmawr.edu/llc/documents/Kindle2_Users_Guide.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

AMAZON. **Lending Kindle Books**, 2011. Disponível em: <<http://www.amazon.com/gp/help/customer/display.html?nodeId=200549320>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

AMAZON. **User's guide**, 2010? Disponível em: <http://kindle.s3.amazonaws.com/Kindle_User's_Guide_English.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

AMAZON. **User's guide**. 3. Ed., 2009? Disponível em: <http://www.brynmawr.edu/llc/documents/Kindle2_Users_Guide.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

AMORIM, Galeno. **Retratos da leitura no Brasil**. (Org.). São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

ARAÚJO, Emanuel. **Editoração, um conceito na história**. In: _____. A construção do livro: princípios da técnica de editoração. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1986, p. 35-54.

ARAUJO, V. M. R. H. Usuários: uma visão do problema. **Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG**, v. 3, n. 2, set. 1974.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6028**: resumos. Rio de Janeiro, 2003. 3 p.

BAPTISTA, S. G., MUELLER, S. P. M. **Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário**. Informacion, Cultura y Sociedad. Argentina: n.12, 2005.

BARBOSA, Alice Príncipe. **Teoria e prática dos sistemas de classificação bibliográfica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação, 1969.

BEHAR, Patrick. **Publishing in the digital era**: a Bain & Company study for the Forum d'Avignon, 2010. Disponível em: <http://www.bain.com/bainweb/PDFs/cms/Public/BB_Publishing_in_the_digital_era.pdf>. Acesso em: 31 jan. 2011.

BELLEI, Sérgio Luiz Prado. **O livro, a literatura e o computador**. São Paulo: EDUC; Florianópolis: UFSC, 2002.

BENNET, Linda; LANDONI, Monica. *E-books* in academic libraries. **The electronic library**, v. 23 n. 1, 2005

BRASIL. **Lei n. 4.084, de 30 de junho de 1962**. Dispõe sobre a profissão de bibliotecário e regula seu exercício. Disponível em: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/128675/lei-4084-62>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9610.htm>. Acesso em: 09 jan. 2011.

BRASIL. Ministério da Fazenda. **Importação de Bens Via Remessa Postal ou Encomenda Aérea Internacional, Inclusive para Remessa de Compras Realizadas Via Internet – RTS (Regime de Tributação Simplificada)**, 2010. Disponível em: <<http://www.receita.fazenda.gov.br/aduana/rts.htm>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

BUENO, Martilio. Livros X *E-books* – Somente 1 pode vencer?, 2010. Disponível em: <<http://www.mundosobdemanda.com.br/?tag=e-reader>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

CERCONE, Philip J. **From the Gutenberg Galaxy to Kindle**: book publishing goes online. Policy options, june 2009. Disponível em: <<http://www.irpp.org/po/archive/jun09/cercone.pdf>>. Acesso em 20 Jun. 2010.

CERVANTES, Brígida Maria Nogueira; RUBI, Milena Polsineli; FUJITA, M. S. L. **Terminologias em política de indexação**. In: Francisco Javier Garcia Marco. (Org.). Avances y perspectivas en sistemas de información y documentación. 1. ed. Zaragoza, Espanha: Unversidad de Zaragoza, 2008.

CHARTIER, Roger; AGUIRRE ANAYA, Carlos anaya Rosique, Jesus goldin, Daniel saborit, Antonio. **Cultura escrita, literatura e historia**: Conversas de roger chartier com carlos aguirre anaya, jesus anaya rosique, daniel goldin e antonio saborit. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CLARK, Dennis T. Lending Kindle *e-book readers*: first results from the Texas A&M University project, **Collection Building**, v. 28, iss. 4, p. 146 -149, 2009.

COKER, Catherine. 42 Kindles: A Discussion on the Evolution of Text. **The Journal of e-Media Studies**, Hanover, v. 2, iss. 1, 2009. Disponível em: <<http://journals.dartmouth.edu/cgi-bin/WebObjects/Journals.woa/2/xmlpage/4/article/327>>. Acesso em: 20 Jun. 2010.

COLUMBIA DAILY TRIBUNE. **Students give e-readers the old college try**. Columbia Daily Tribune, 2009. Disponível em: <www.columbiatribune.com/news/2009/oct/20/studentsgive-ereaders-old-college-try>. Acesso em: 08 jan. 2011.

COSTA, Sely Maria de Souza. **Bibliotecas e centros de documentação**: funções e serviços. Brasília, 2000. Trabalho não publicado.

COSTA, Sely Maria de Souza. Informação, usuários de informação, necessidades de informação; suportes de informação e meios de acesso à informação. Brasília, 2007. Trabalho não publicado.

CUNHA, Murilo Bastos da ; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de Biblioteconomia e arquivologia**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.

DIGNAN, Larry. **Amazon's e-book sales surge**: Was it the Kindle or the iPad app?, 2010. Disponível em: < <http://www.zdnet.com/blog/btl/amazons-e-book-sales-surge-was-it-the-kindle-or-the-ipad-app/36935>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

DOCUMENTO. In: **Wikipedia**: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Documento>>. Acesso em: 12 dez. 2010.

DRINKWATER, Karl. **E-book readers**: what are librarians to make of them? SCONUL Focus, n. 49, p. 4-9. 2010.

EBOOK READER ADVISOR. **Kindle Reader**: The Next Big Thing in Book Reading. Ebook reader advisor, [2010?]. Disponível em: < <http://www.ebook-reader-advisor.com/kindle-reader.html>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

EBOOK READER REVIEWS. **2011 ebook reader comparison chart**, 2010? Disponível em: < <http://www.wireless-reading-device.net/ebook-reader-comparison-chart>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

ECO, Umberto; CARRIÈRE, Jean-Claude; DE TONNAC, Jean-Philippe. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

ELECTRONIC BOOKS IN LIBRARIES. **Electronic Book Evaluation Project**, 2002. . Disponível em: <<http://www.lib.rochester.edu/main/ebooks/index.htm>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. 8, 2007, Salvador. **Indexação automática e semântica**: estudo do conteúdo de teses e dissertações. Disponível em: <<http://www.enancib.ppgci.ufba.br/Vartigos/GT2--117.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

FEBVRE, Lucien Paul Victor; MARTIN, Henri-jean. **O Aparecimento do livro**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. 572 p.

FONSECA, E. N. **Ciência da informação e prática bibliotecária**. Ciência da Informação, v.16, n.2, pp. 125-127, 1990.

FORTES, Débora. Google: a fórmula mágica da empresa de tecnologia mais influente do mundo. **Info**, v. 21, n. 238, p. 38-53, jan. 2006.

FREITAS, Ana. **E-readers disponíveis em biblioteca em São Paulo**, 2010. Disponível em: < <http://blogs.estadao.com.br/link/e-readers-disponiveis-em-biblioteca-em-sao-paulo/>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

GARCIA, Joana Coeli Ribeiro. **Biblioteca universal**: um sonho antigo da humanidade. R. Eletr. Bibliotecon. Ci. Inf., Florianópolis, n.23, 1. sem. 2007.

GELLES, David. **E-books overtake hardcover sales at Amazon**. Financial times, 2010. Disponível em: <<http://uk.finance.yahoo.com/news/e-books-overtake-hardcover-sales-at-amazon-ftimes-1092d7c0f46a.html>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

GIRON, Luís Antônio. **O livro vai morrer?** Umberto Eco diz que não. Época, maio 2010. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI139091-15220,00.html>>. Acesso em: 06 out. 2010.

GUEDES, Vânia L. S.G; BORSCHIVER, Suzana. **Bibliometria**: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica, 2005. Disponível em: < <http://dici.ibict.br/archive/00000508/01/VaniaLSGuedes.pdf>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

GUINCHAT, C.; MENO, M. (1994). **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. rev. aum. Brasília: MCT/CNPq/IBICT, 1994.

HOUAISS, Antônio ; VILLAR, Mauro de Salles ; FRANCO, Francisco Manoel de Mello. **Minidicionário Houaiss da língua portuguesa**.3. ed. Rio de Janeiro: objetiva, 2008.

HUTLEY, Sue; HORWOOD, Wendy. **Ebook readers in Australian public libraries: are they real-e worth it?**, 200-. Disponível em: <<http://vala.org.au/vala2002/2002pdf/34HutHor.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

INFORMATIONWEEK. **Amazon Kindle Sales Push Profits Up 71%**, 2010. Disponível em: <<http://www.informationweek.com/news/telecom/business/showArticle.jhtml?articleID=222600622>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

INVESTORPLACE. **New ChangeWave Surveys Measure Future Consumer Demand and Reactions of New iPad Owners**, 2010. Disponível em: <<http://www.investorplace.com/2090/apple-ipad-may-changewave-survey-aapl-stock-demand-amzn-kindle-amazon/>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

JIANG, Yabing, KATSAMAKAS, Evangelos. **The Impact of e-book Technology on Book Retailing**. In.: Hawaii International Conference on System Sciences, 43., 2010, [Hawaii]. Disponível em: <<http://www.computer.org/portal/web/csdl/doi/10.1109/HICSS.2010.383>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

KANG, Jack. **Digital Ink and the eReader: Wasn't This What They Promised When They Touted the Internet?** Santa Clara: Marvell, 2009. Disponível em: <http://www.marvell.com/technologies/processors/Marvell_eReader_Whitepaper.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2010.

KATZENSTEIN, Ursula Ephraim. **Origem do livro: Da idade da pedra ao advento da impressao tipografica no ocidente (a)**. Sao paulo: Hucitec, 1986. 455 p.

LANCASTER, F. Wilfrid. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Briquet De Lemos, 2004.

LE COADIC, YVES-FRANÇOIS. **A ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LEBERT, Marie. **A Short History of eBooks**. [Toronto]: University of Toronto, 2009. Disponível em: < <http://www.etudes-francaises.net/dossiers/ebookEN.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2010.

LEITE, Julieta. A ubiquidade da informação digital no espaço urbano. **Rev. Logos**, v. 16, n. 2, 2. Sem. 2008.

LIBRARY BIN. **How does it work?** Disponível em: <<http://www.librarybin.com/C05D5297-B846-41C3-A9E6-395AAEA0AA00/10/131/en/About.htm>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

LOPES, Jorge Tiago Ferreira. **O transporte de cargas em mochilas escolares e o desenvolvimento motor harmonioso das crianças**: Estudo das repercussões biomecânicas agudas na marcha e na equilibração, com cargas diferenciadas. Porto, 2002. Disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/9620/3/4784_TM_01_P.pdf>. Acesso em: 13 nov. 2010.

MACHADO, Arlindo. Fim do livro?. **Estud. av.**, São Paulo, v. 8, n. 21, Ago. 1994 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141994000200013&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 20 Jun. 2010. doi: 10.1590/S0103-40141994000200013.

MAGID, Larry. **E-books should get easier to borrow**, 2009. Disponível em:< <http://www.pcanswer.com/2009/08/31/ebooks-should-get-easier-to-borrow/>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

MAIA, Felipe. **Acesso à internet no Brasil começou nas universidades**. Portal R7, 2009. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/tecnologia-e-ciencia/noticias/acesso-a-internet-no-brasil-comecou-nas-universidades-20090927.html>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

MARCONDES, Carlos Henrique. **Linguagem e documento**: fundamentos evolutivos e culturais da Ciência da Informação. *Perspect. ciênc. inf.* [online]. 2010, vol.15, n.2, pp. 2-21.

MARTINS, Wilson. **Palavra escrita**: Historia do livro, da imprensa e da biblioteca. Sao paulo: Anhembi, 1957. 549 p.

MASSIS, Bruce. E. **E-book readers and college students**. New Library World. Volume 111, n. 7-8, 2010 , pp. 347-350.

MELLO, José Barboza. **Sintese historica do livro. Rio de janeiro**: Leitura, 1972. 341 p.

MELO, Eduardo. **Onde Comprar E-books em Português**, 2010. Disponível em:<<http://editoraplus.org/blog/onde-comprar-e-books-em-portugues/>> Acesso em 09 jan 2011.

MENEZES, Kelson Anthony de. **Livro Eletrônico**: diferentes ângulos da mesma questão. Brasília, 2010.

MIRANDA, Antonio. **Ter ou não ter, eis a questão**: algumas reflexões em torno da disponibilidade e da acessibilidade documentária, 2005. Disponível em: <http://www.antonimiranda.com.br/ciencia_informacao/art_terounaoter.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2011.

MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira. **A conceituação de massa documental e o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento**, 2003. Disponível em: <<http://bocc.ubi.pt/pag/miranda-simeao-conceituacao-massa-graficos-final.pdf>>. Acesso em 02 fev 2011

MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira. Uma proposta conceitual para a massa documental considerando o ciclo de interação entre tecnologia e o registro do conhecimento. **Biblios**, v. 4, n. 15, p. 77-86, 2003.

NASCIMENTO, Edgard; LUSA. **Mochilas com excesso de peso**. Correio da Manhã, Lisboa, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.cmjornal.xl.pt/noticia.aspx?contentid=9025E013-1EB8-45A5-A8EA->

DAC3B49DD8E5&channelid=ED40E6C1-FF04-4FB3-A203-5B4BE438007E>.

Acesso em: 13 nov. 2010.

NORTH CAROLINA STATE UNIVERSITY LIBRARIES. **EBook Reader Lending**, 2010. Disponível em: < <http://www.lib.ncsu.edu/techlending/ebooks.html>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

ORTEGA, C. D. ; LARA, M. L. G. . A noção de documento: de Otlet aos dias de hoje. Rio de Janeiro, **Datagrama**, v. 11, p. 3, 2010.

OVERDRIVE. **Download services for public libraries**, 2010. Disponível em:<<http://www.overdrive.com/files/DLR.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

PETRE, Maria Carmen Nadia. **The Library**: from classic to postmodern. Financial Week, sept 2010. Disponível em : <<http://diposit.ub.edu/dspace/bitstream/2445/12742/1/2010-Nadia-Petre-article-english-2.pdf>>. Acesso em 20 Jun. 2010.

PINHO, Antônio Carlos; MACHADO, Ana Lúcia. **As bibliotecas no Brasil**, 2003. Disponível em:< <http://www.mundocultural.com.br/artigos/colunista.asp?artigo=635>> Acesso em 09 jan 2011.

PLACER, Xavier. **Técnica do serviço de referência**. Rio de Janeiro: Assoc Bras Bibl, 1968.

RENNER, Rita A. **Ebooks**: costs and benefits to academic and research librarians, 2009. Disponível em: <http://www.springer.com/cda/content/document/cda_downloaddocument/eBook+White+Paper.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2011.

RIBEIRO, Cássia Gisele. **Biblioteconomia abre novos campos de trabalho**, 200- . Disponível em: <http://www1.uol.com.br/aprendiz/guiadeempregos/estagios/info/artigos_240407.htm> Acesso em 09 jan 2011.

SHAFFER, Dale Eugene. **The maturity of librarianship as a profession**. New Jersey: The scarecrow, 1968.

SHAW, R. R. Documentation: complete cycle of information service. **College & Research Libraries**, v. 18, n. 6, p. 452-454, 1957.

SILVA, Divina Aparecida da, ARAUJO, Iza Antunes. **Auxiliar de bibliotecas: noções fundamentais para formação profissional**. Brasília: Thesaurus, 1995. p. 51

SOMMER, Mark. **Estratégia de mercado a favor das árvores**. Tierramérica. Montevideú, 2007. Disponível em: <<http://www.tierramerica.net/2004/0529/pgrandesplumas.shtml>>. Acesso em: 14 nov. 2010.

SONY. **Borrow from your libray**. Disponível em: <<http://www.sonystyle.com/webapp/wcs/stores/servlet/CategoryDisplay?catalogId=10551&storeId=10151&langId=-1&categoryId=8198552921644523779&N=4294954529>> Acesso em 09 jan 2011.

STATE LIBRARY OF KANSAS. **General fiction**, 2010. Disponível em: <<http://kansas.lib.overdrive.com/5A9752FA>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

TAMMARO, Anna Maria; SALARELLI, Alberto. **A biblioteca digital**. Brasília: Briquet de Lemos Livros, 2008. 378 p.

THE INTERNATIONAL DIGITAL PUBLISHING FORUM. **US Trade Wholesale Electronic Book Sales**, 2010. Disponível em: <http://www.idpf.org/doc_library/industrystats.htm#Additional_Global_eBook_Sales_Figures>. Acesso em: 31 jan. 2011.

THE UNITED STATES CENSUS BUREAU. **2010 Census data**, 2010. Disponível em: <<http://2010.census.gov/2010census/data/index.php>>. Acesso em: 31 jan. 2011.

THOMPSON, Carole. **Digital Readers: fact and Fiction**. IATUL, 2009. 28 slides, color. Acompanha texto.

UOL TECNOLOGIA. **Kindle passa a permitir empréstimo de livros**, 2010. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2010/12/31/kindle-passa-a-permitir-emprestimo-de-livros.jhtm>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

WATERFIELD, Sian. **Libraries loaning e-book readers**, 2010. Disponível em: <<http://www.maine.gov/msl/libs/tech/ebookreadersreport.pdf>>. Acesso em: 08 jan. 2011.

WEBER, Steve. ePublish: **Self-Publish Fast and Profitably for Kindle, iPhone, CreateSpace and Print on Demand**, 2009. Disponível em: <www.feedbooks.com/userbook/5524.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2010.

ZMOGINSKI, Felipe. **Liminar permite comprar Kindle sem imposto**, 2009. Disponível em: <<http://info.abril.com.br/noticias/mercado/liminar-permite-comprar-kindle-sem-imposto-16122009-38.shl>>. Acesso em: 31 jan. 2011.